

Deus é uma Trindade?



Deus é uma Trindade?



ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É PARA SER VENDIDA.

É um serviço educacional de interesse público, publicada pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*.

© 2012, 2018 Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*

Todos os direitos reservados. Impresso nos EUA

*As Escrituras aqui citadas, salvo referido em contrário,
são extraídas da versão da Bíblia de*

João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC), SBB 1998.

Índice

3 Introdução

6 É a Trindade Bíblica?

11 A Surpreendente Origem da Doutrina da Trindade

19 A Influência da Filosofia Grega na Doutrina da Trindade

22 Como os Antigos Deuses Trinitários Influenciaram a Aprovação da Trindade

25 A Falsa Referência à Trindade Adicionada em 1 João 5:7-8

28 Como Deus é Revelado na Bíblia?

34 Jesus Foi Enviado Pelo Pai

37 Jesus Cristo: “A Rocha” do Antigo Testamento

39 Os Apóstolos Entenderam Que Jesus é o Criador

40 Jesus Cristo afirmou ser Deus?

43 “No Princípio era o Verbo”

47 A Alegação Dos Discípulos de Jesus

48 “Há um só Deus, o Pai . . . e um só Senhor, Jesus Cristo”

52 O Plano de Deus Para “Trazer Muitos Filhos à Glória”

53 A Submissão de Jesus Cristo ao Pai

55 Como Deus É Um?

59 “O SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR”

62 Elohim: a Pluralidade de Deus

64 Sete Escrituras que desmascaram a Trindade de um Ser Único

65 O Espírito Santo É Uma Pessoa?

72 Será que Mateus 28:19 Prova a Trindade?

74 Por Que o Espírito Santo é, Frequentemente Referido Como “Ele” e “Lhe”

75 O Que Dizer Dessas Passagens Que Supostamente “Provam” A Trindade?

79 O Espírito Santo: O Poder Transformador de Deus

83 A Natureza e o Caráter de Deus

84 Como o Espírito de Deus Pode Ser Despertado

87 O Propósito de Deus para Você

98 À Semelhança de Deus

100 Há Versículos que Negam a Família Divina?

101 A Família de Deus

Versões Bíblicas

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC).

Quando outra versão é usada, a versão bíblica é referenciada com as seguintes abreviações:

ARA – Almeida Revista e Atualizada

ACF – Almeida Corrigida Fiel

BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje

NVI – Nova Versão Internacional

Introdução

“Mas o que se gloriar glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR...” (Jeremias 9:24).

O que é exatamente a natureza do verdadeiro Deus da Bíblia? Deus é uma trindade? A trindade é uma das doutrinas mais amplamente aceitas e reverenciadas na corrente do Cristianismo. A crença de que Deus é três pessoas convivendo em um ser ou substância, como muitas vezes define a doutrina, é aceita por milhões de católicos, protestantes e até crentes ortodoxos.

A *Enciclopédia Católica* chama essa crença a “doutrina central da fé cristã” (*The Catholic Encyclopedia*, edição 1912). No entanto, como veremos, isso tem sido fonte de muita confusão. As Escrituras falam claramente de um Deus que é chamado de Pai, de Jesus Cristo, que é chamado Filho de Deus, e de um Espírito Santo divino. Mas exatamente como a Bíblia define e descreve os três?

Um teste decisivo para muitos cristãos

A doutrina da trindade é considerada tão sagrada e fundamental que muitas igrejas e organizações religiosas a veem como um teste decisivo para definir quem é e quem não é um verdadeiro cristão.

Por exemplo, autor e professor de teologia James White escreve: “*Nós condicionamos a própria salvação de uma pessoa à aceitação da doutrina . . . Ninguém se atreve a questionar a trindade por medo de ser tachado de ‘herege’ . . . Devemos conhecer, entender e amar a trindade para sermos total e completamente cristãos*” (*A Trindade Esquecida [The Forgotten Trinity]*, 1998, págs. 14-15, grifo do autor ao longo do texto, salvo indicação em contrário).

O livro de catequese *O Ensino de Cristo: o Catecismo Católico para Adultos* afirma: “O dogma da trindade é o dogma central da fé católica. Somente com essa crença é que podemos compreender e acreditar completamente nos outros ensinamentos cristãos fundamentais.

“É impossível acreditar plenamente no mistério de Cristo sem a fé na trindade . . . Nem se poderia compreender o significado da vida eterna, ou da graça que nos leva a ela, sem acreditar na trindade, pois a graça e a vida eterna compartilham a vida trinitariana” (*The Teaching of Christ: A Catholic Catechism for Adults*, editores, Donald Wuerl, Ronald Lawler, Thomas Lawler e Kris Stubna, 2005, pág. 150).

O livro *Catolicismo* deixa claro que a posição da igreja romana é que a crença na Trindade é necessária para a salvação: “Para ser salvo: Antes de tudo é necessário manter a fé católica. A menos que a pessoa mantenha essa fé íntegra e inviolada, sem dúvida perecerá eternamente. E a fé católica é esta: nós adoramos um Deus que é uma

trindade” (Catholicism, George Brantl, 1961, pág. 69).

Outra fonte explica: “A doutrina da trindade é a base da nossa fé cristã. Porque a doutrina da trindade não pode ser totalmente compreendida, então exige que o Espírito Santo guie nossas mentes para acreditarmos” (Randy Smith, *Teologismos, Guia para Leigo de Termos Teológicos Seleccionados* [Theological “ism”s, A Layman’s Reference Guide to Selected Theological Terms], 1999, pág. 90, citado por Patrick Navas em *Verdade Divina ou Tradição Humana?* [Divine Truth or Human Tradition?], 2007, pág. 21).

A mesma fonte ainda faz a seguinte citação: “Você não pode ser salvo se não acreditar na trindade”.

Isto é um assunto sério. Dezenas de milhares—talvez até centenas de milhares—de cristãos foram excomungados, perseguidos e até mortos por causa dessa doutrina.

No entanto, embora alguns exigem que se creia na trindade admitem que ela é um mistério além da compreensão. Observe esta surpreendente declaração no *Guia da Verdade Cristã*: “A mente do homem não pode compreender plenamente o mistério da trindade. *Aquele que tentar compreender totalmente o mistério da trindade perderá sua mente, mas aquele que negá-la vai perder a sua alma*” (A Handbook of Christian Truth, Harold Lindsell e Charles Woodbridge, 1953, págs. 51-52).

Esta é uma posição sinceramente razoável ou lógica? Será que Deus realmente negaria a salvação para nós por sermos incapazes de compreender algo que até mesmo os mais doutos teólogos admitem ser incompreensível?

Como podemos encaixar isso com a clara instrução bíblica e admoestação do apóstolo Paulo aos crentes em 1 Tessalonicenses 5:21 que diz “Examinai tudo. Retende o bem”?

Ou o que dizer sobre 1 Pedro 3:15, onde o apóstolo Pedro nos instrui que devemos “estar sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós”? Como podemos conciliar isso com a crença em uma doutrina que muitos teólogos admitem estar, como diz *A Enciclopédia Americana*, “além do alcance da razão humana”? (1980, vol. 27, “A Trindade”).

Os teólogos admitem que a trindade é incompreensível

Muitas fontes oficiais reconhecem a dificuldade em se compreender a doutrina da trindade. O teólogo jesuíta alemão Karl Rahner admite: “O dogma da trindade é um *mistério absoluto* que não entendemos mesmo depois de ter sido revelado” (A Trindade [The Trinity], 1986, pág. 50, grifo no original).

Edmund Fortman, outro estudioso jesuíta, reconhece: “A doutrina do Deus trinitário é *misteriosa em sua origem e conteúdo*... É uma doutrina que gira em torno de um mistério que fascinou e desafiou as mentes dos homens ao longo dos séculos . . . Hoje ela está sendo desafiada por muitos por ser *incompreensível e irrelevante* para o homem moderno em sua formulação e apresentação tradicional” (O Deus Trinitário: Um Estudo Histórico da Dou-

trina da Trindade [The Triune God: A Historical Study of the Doctrine of the Trinity], 1972, pág. xxv-xxvi).

O autor e professor de teologia Harold Brown escreve: “*Realmente tem sido impossível para os cristãos entender a doutrina ou explicá-la de um modo compreensível*. A doutrina da trindade . . . ultrapassa a nossa capacidade humana de entender e deve ser respeitada como um mistério divino” (Heresias: A Heresia e Ortodoxia na História da Igreja [Heresies: Heresy and Orthodoxy in the History of the Church], 2003, pág. 128).

O professor de teologia James White, citado anteriormente, diz: “A doutrina [da trindade] é *mal compreendida* bem como *ignorada*. Ela é tão mal entendida que a maioria dos cristãos, quando solicitados, *dão definições erradas e completamente heréticas* sobre a trindade” (pág. 16, grifos no original).

O professor de teologia Louis Berkhof afirma: “A Igreja confessa que a trindade é um *mistério além da compreensão do homem*. A trindade é um mistério, não apenas no sentido bíblico do que é uma verdade, antes oculta, mas agora revelada, mas no sentido de que *o homem não pode compreendê-la e torná-la inteligível*” (Teologia Sistemática [Systematic Theology], 1996, pág. 89).

Millard Erickson, professor e pesquisador de teologia na Faculdade Teológica Batista do Sudoeste (EUA), diz sobre a trindade: “Esta doutrina, em muitos aspectos *apresenta paradoxos estranhos* . . . É uma doutrina *amplamente contestada*, e que tem provocado discussões em todos os séculos da existência da igreja. É defendida por muitos com grande veemência e entusiasmo. Estes [os defensores] consideram-na crucial para a fé cristã.

“No entanto, muitos não têm certeza do significado exato de sua crença. Foi a primeira doutrina tratada sistematicamente pela igreja, *mas ainda é uma das doutrinas mais incompreendidas e questionadas*” (Deus em Três Pessoas: Uma Interpretação Contemporânea da Trindade [God in Three Persons: A Contemporary Interpretation of the Trinity], 1995, págs. 11-12).

Sobre qual doutrina deve estar baseada a nossa fé?

Estas são afirmações surpreendentes sobre a trindade—“um mistério absoluto”, “misteriosa em sua origem e conteúdo”, “realmente impossível para os cristãos entenderem”, “incompreensível”, “mal compreendida”, “apresenta paradoxos estranhos” e “amplamente contestada”. Será que isso realmente soa como uma doutrina sobre a qual podemos confiar a nossa fé e salvação—ainda mais quando Paulo nos diz claramente em 1 Coríntios 14:33 que “*Deus não é Deus de confusão*”?

Se os estudiosos, teólogos e autoridades religiosas admitem que não podemos compreender uma doutrina importante, isso não significaria que algo pode estar seriamente errado quando ao se tratar de uma crença em particular?

Uma vez mais, como podemos entender a natureza de Deus?

É a Trindade Bíblica?

“Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (João 4:24).

Muitas pessoas acham que Deus, o Pai, Jesus Cristo, o Filho, e o Espírito Santo formam o que é comumente conhecido como a trindade. A doutrina da trindade é geralmente resumida como a crença em um Deus existente em três pessoas distintas, mas iguais.

Mas você percebe que, embora seja uma suposição comum entre muitas pessoas religiosas sinceras, a palavra *trindade* não aparece na Bíblia? Na verdade, a palavra *trindade* não chegou a ser de uso comum, como um termo religioso, até séculos depois dos últimos livros da Bíblia terem sido completamente concluídos—muito tempo depois dos apóstolos de Cristo terem saído de cena!

Observe esta afirmação no *Novo Dicionário Bíblico*: “O termo ‘trindade’ por si só não é encontrado na Bíblia. Ele foi usado pela primeira vez por Tertuliano no final do segundo século, mas obteve grande circulação [uso comum na discussão intelectual] e elucidação formal [esclarecimento] somente nos séculos IV e V” (*New Bible Dictionary*, 1996, “Trindade”).

Essa mesma fonte passa a explicar que “a doutrina formal da trindade foi o resultado de várias tentativas inadequadas para explicar quem e o que é realmente o Deus cristão . . . Para lidar com estes problemas os padres da Igreja reuniram-se em 325 d.C. no Concílio de Nicéia para estabelecer uma definição bíblica ortodoxa sobre a identidade divina”. No entanto, não aconteceu até 381 d.C., “no Concílio de Constantinopla, [onde] a divindade do Espírito foi confirmada” (ibidem).

Vemos, então, que a doutrina da trindade não foi formalizada até muito tempo depois da Bíblia ter sido terminada e os apóstolos estivessem mortos há muito tempo em seus túmulos. Levou séculos para que os teólogos resolvessem acreditar e formular a crença na trindade!

Por que os teólogos não conseguem explicar esta doutrina?

Não existe maneira de os teólogos explicarem claramente a doutrina da trindade. O escritor eclesiástico A.W. Tozer, em seu livro *O Conhecimento do Santo* [*The Knowledge of the Holy*], afirma que a trindade é um “mistério incompreensível” e que as tentativas de compreendê-la “continuarão sempre sendo em vão”. Ele admite que as igrejas, mesmo “sem pretender entendê-la”, têm, no entanto, continuado a ensinar essa doutrina (1961, pág. 17-18).

Ele, então, notavelmente conclui: “Apesar de não poderem explicá-la satisfatoriamente, em vez de serem contra ela, são a seu favor” (pág. 23).

O *Novo Dicionário Bíblico Unger*, em seu artigo sobre a trindade, admite que o conceito trinitário é humanamente incompreensível: “É admissível

por todos aqueles que racionalmente lidam com este assunto que a revelação das Escrituras aqui nos guia à presença de um profundo mistério e que todas as tentativas humanas de expressá-lo são inevitavelmente imperfeitas” (*The New Unger’s Bible Dictionary*, 1988, pág. 1308).

Cyril Richardson, professor de história da igreja da Faculdade Teológica União de Nova Iorque, apesar de ser uma dedicado trinitariano, disse o seguinte em seu livro *A Doutrina da Trindade*:

“Então, minha conclusão sobre a doutrina da trindade é que ela é uma construção artificial . . . *Que produz confusão em vez de esclarecimento*, e enquanto os problemas sobre o assunto são reais, as soluções oferecidas não são esclarecedoras. Ela apresenta para muitos cristãos *declarações obscuras e misteriosas, que são, de certo modo, sem sentido*, porque não distinguem suficientemente os termos” (*The Doctrine of The Trinity*, 1958, págs. 148-149).

Ele também admitiu: “Grande parte da defesa da trindade como uma doutrina ‘revelada’, realmente é uma evasão das objeções que podem ser trazidas contra ela” (pág. 16).

O *Dicionário de Conhecimento Religioso* diz o seguinte sobre a trindade: “Precisamente o que é essa doutrina, ou melhor, exatamente como pode ser explicada, os trinitarianos não estão de acordo entre si” (*A Dictionary of Religious Knowledge*, editor Lyman Abbott, 1885, “Trinitarianos”).

Por que até mesmo aqueles que acreditam na trindade têm tanta dificuldade em explicá-la?

A resposta é simples, mas chocante: É porque a Bíblia não ensina isso! Não se pode provar ou explicar alguma coisa da Bíblia que não seja bíblico! A Bíblia é a nossa única fonte confiável da revelação divina. E a verdade, como veremos, é que o conceito da trindade, simplesmente não faz parte da revelação de Deus para a humanidade.

Mas não basta só a nossa palavra para isso! Vamos ver o que dizem algumas obras padrões das escolas bíblicas e outros estudiosos individuais.

Surpreendente confissões de que a trindade não está na Bíblia!

Observe estas confirmações de autores e fontes respeitáveis que, enquanto declaram a trindade, reconhecem que a palavra “trindade” e sua doutrina não é encontrada na Bíblia.

A *Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional* reconhece que a “‘trindade’ é um termo do segundo século não encontrado em nenhum lugar da Bíblia, e certamente as Escrituras não apresentam uma declaração trinitariana” (*The International Standard Bible Encyclopedia*, 1988, vol. 4, “Trindade”, pág. 914). Afirma ainda que os “padres da Igreja consolidaram a doutrina nos séculos subsequentes”—muito tempo depois dos apóstolos saírem de cena.

O *Dicionário Bíblico HarperCollins* nos diz: “A doutrina formal da trindade, como foi definida pelos grandes conselhos da igreja nos séculos IV e V não se encontra no NT [Novo Testamento]” (*The HarperCollins Bible*

Dictionary, editor Paul Achtemeier, 1996, “Trindade”).

A *Enciclopédia Harper-Collins do Catolicismo* afirma: “Hoje, no entanto, os estudiosos em geral concordam que *não existe nenhuma doutrina da trindade, como tal, em qualquer parte do AT* [Antigo Testamento] *ou NT* [Novo Testamento] . . . Isso iria muito além da intenção e forma de pensamento do AT ao se supor que uma doutrina cristã do fim do século IV ou do século XIII pudesse ser encontrada lá . . . Do mesmo modo, o NT não contém uma doutrina explícita da trindade” (*The Harper-Collins Encyclopedia of Catholicism*, editor geral Richard McBrien, 1995, “Deus”, págs. 564-565).

A *Nova Enciclopédia Britânica* em seu artigo sobre a trindade, explica: “*Nem a palavra trindade, nem sua doutrina explícita aparece no Novo Testamento* . . . A doutrina se desenvolveu paulatinamente ao longo de vários séculos e por meio de muitas controvérsias . . . Ela não se estabeleceu até o

O historiador e escritor de ficção científica H.G. Wells, em seu notável trabalho *O Esboço da História*, observa: “Não há nenhuma evidência de que os apóstolos de Jesus ouviram falar sobre a trindade—ou coisa semelhante”.

quarto século onde a distinção dos três e sua unidade foi reunida em uma única doutrina ortodoxa de uma essência e três pessoas” (*The New Encyclopaedia Britannica*, edição de 1985, Micropédia, vol. 11, pág. 928).

O *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* assinala que “o Cristianismo primitivo não tinha uma doutrina explícita sobre a trindade, mas que foi posteriormente elaborada nos credos da igreja primitiva” (*The New International Dictionary of New Testament Theology*, editor Colin Brown, vol. 2, 1976, “Deus”, pág. 84).

O historiador e escritor de ficção científica H.G. Wells, em seu notável trabalho *O Esboço da História*, observa: “Não há nenhuma evidência de que os apóstolos de Jesus ouviram falar sobre a trindade—ou coisa semelhante” (*The Outline of History*, 1920, vol. 2, pág. 499).

Martinho Lutero, o padre alemão que iniciou a Reforma Protestante, admitiu: “É verdade que o nome ‘trindade’ de modo algum pode ser encontrado nas Sagradas Escrituras, mas foi concebido e inventado pelo homem” (reproduzido em *Os Sermões de Martinho Lutero* [*The Sermons of Martin Luther*], editor John Lenker, vol. 3, 1988, pág. 406).

O *Guia Bíblico Oxford* declara: “Apesar da trindade ser uma parte muito importante da doutrina cristã posterior, é impressionante o termo não aparecer no Novo Testamento. Da mesma forma, o conceito desenvolvido sobre três pessoas coiguais na divindade encontrada em formulações posteriores

do credo não pode ser claramente discernido dentro dos limites do cânon [isto é, da atual Escritura]” (*The Oxford Companion to the Bible*, editores Bruce Metzger e Michael Coogan, 1993, “Trindade”, pág. 782).

O professor Charles Ryrie, em seu respeitado trabalho *Teologia Básica*, escreve: “*Muitas doutrinas são aceitas pelos evangélicos como sendo claramente ensinadas nas Escrituras às quais não existem provas textuais. A doutrina da trindade é o melhor exemplo disso. É justo dizer que a Bíblia claramente não ensina a doutrina da trindade* . . . Na verdade, *não há nem sequer uma prova textual*, se a prova textual significar um versículo ou passagem que ‘claramente’ afirme que existe um Deus coexistente em três pessoas” (*Basic Theology*, 1999, pág. 89).

O senhor Ryrie passa a afirmar: “Os esclarecimentos acima provam a falácia dessa conclusão, que se algo não tem prova textual na Bíblia não podemos ensinar claramente seus resultados... Se tal for o caso, eu nunca poderia ensinar a doutrina da trindade” (pág. 90).

Millard Erickson, professor e pesquisador de teologia na *Faculdade Teológica Batista do Sudoeste (EUA)*, escreve que a trindade “*não é evidentemente ou explicitamente ensinada em qualquer lugar nas Escrituras*, no entanto, é largamente considerada como uma doutrina central e indispensável para a fé cristã. Sob esse aspecto, ela vai contra o que praticamente é um axioma da doutrina bíblica, a saber, que deve haver uma correlação direta entre a clareza bíblica de uma doutrina e sua importância para a fé e à vida da igreja.

Martinho Lutero, o padre alemão que iniciou a Reforma Protestante, admitiu: “É verdade que o nome ‘trindade’ de modo algum pode ser encontrado nas Sagradas Escrituras, mas foi concebido e inventado pelo homem”.

“Em vista da dificuldade do assunto e de tão grande esforço despendido para manter esta doutrina, *bem que podíamos nos perguntar o que justificaria todo este problema*” (*Deus em Três Pessoas: Uma Interpretação Contemporânea da Trindade* [*God in Three Persons: A Contemporary Interpretation of the Trinity*], 1995, pág. 12).

O professor Erickson afirma ainda que o ensino da trindade “não está presente no pensamento bíblico, mas surgiu quando o pensamento bíblico foi pressionado para se adaptar a este molde externo [de conceitos gregos]. Desta maneira, a doutrina da trindade *vai além e chega a distorcer o que a Bíblia diz sobre Deus*” (pág. 20).

Depois, o professor Erickson aponta: “Alega-se que a doutrina da trindade é uma doutrina muito importante, crucial e até mesmo básica. Se esse for

realmente o caso, *ela não deveria estar mais clara, direta e explicitamente afirmada em alguma parte da Bíblia?* Se esta é a doutrina que especialmente constitui a singularidade do Cristianismo . . . como pode estar apenas *implícita* na revelação bíblica? . . . Pois aqui está uma questão aparentemente crucial em que as Escrituras não falam alto e claramente.

“No mínimo, uma resposta direta deve ser dada a essa acusação. *Mas, é improvável que qualquer texto das Escrituras possa ser mostrado para ensinar a doutrina da trindade de uma forma clara, direta e inequívoca*” (págs. 108-109).

Mais adiante neste livro, vamos analisar várias escrituras que são frequentemente utilizadas para apoiar a doutrina da trindade.

Shirley Guthrie, Jr., professor de teologia da Faculdade Teológica de Columbia, escreve: “A Bíblia não ensina a doutrina da trindade. Nem a própria palavra “trindade” nem expressões como ‘um em três’, ‘três em um’, uma ‘essência’ (ou ‘substância’), e ‘três pessoas’, existe na linguagem bíblica. A linguagem da doutrina é a linguagem da antiga igreja obtida da filosofia grega clássica” (“A Doutrina Cristã”, 1994, págs. 76-77”).

O contexto de como foi introduzida a trindade

E como a trindade não é encontrada na Bíblia, como tantos estudiosos e teólogos admitem, como veio a se tornar um ensinamento tão importante?

Os professores de teologia Roger Olson e Christopher Hall explicam parte do quebra-cabeça em seu livro *A Trindade*: “É compreensível que a importância dada a esta doutrina seja desconcertante para muitos cristãos e estudantes leigos. Em nenhum lugar ela é clara e inequivocamente declarada nas Escrituras. . . . Como pode ser tão importante se não está explicitamente declarada nas Escrituras? . . .

“A doutrina da Trindade *se desenvolveu gradualmente após a conclusão do Novo Testamento*, no calor da controvérsia, mas os padres da igreja que a desenvolveram acreditavam que estavam simplesmente fazendo uma exegese [explicação] da revelação divina e de forma alguma estavam especulando ou inventando novas ideias. A íntegra da doutrina da trindade foi especificada *no quarto século* em dois grandes conselhos ecumênicos (universais): Nicéia em 325 d.C. e Constantinopla em 381 d.C.” (*The Trinity*, 2002, págs. 1-2).

Vemos a partir desta e de outras fontes citadas acima que a ideia de uma trindade era estranha para os escritores bíblicos. Em vez disso, como muitas dessas fontes reconhecem abertamente, a doutrina da trindade desenvolveu-se consideravelmente mais tarde e durante um período de vários séculos.

Para entender os fatores que levaram à introdução dessa crença, é preciso primeiro voltar a verificar as tendências abrangentes e pouco compreendidas que se iniciaram nas primeiras décadas da Igreja primitiva. É uma história surpreendente e, em muitos aspectos chocante!

A Surpreendente Origem da Doutrina da Trindade

*“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”
(João 8:32).*

A maioria das pessoas acredita que tudo que carrega o rótulo de “cristão” deve ter se originado em Jesus Cristo e seus primeiros seguidores. *Mas, definitivamente, este não é o caso.* Tudo que temos a fazer é verificar as palavras de Jesus Cristo e Seus apóstolos para ver claramente que isto não é verdade.

Tal como Jesus e os escritores do Novo Testamento predizeram, o registro histórico mostra que várias ideias heréticas, assim como mestres apoiando esses conceitos, surgiram de dentro da Igreja primitiva, e outros de fora se infiltraram nela. O próprio Cristo advertiu a seus seguidores: “Acautelai-vos, que ninguém vos engane. Porque muitos virão em meu nome . . . e enganarão a muitos” (Mateus 24:4-5).

Você pode ler muitas advertências semelhantes em outras passagens (como Mateus 24:11, Atos 20:29-30, 2 Coríntios 11:13-15; 2 Timóteo 4:2-4, 2 Pedro 2:1-2, 1 João 2:18-19, 26; 4:1-3).

Quase duas décadas após a morte e ressurreição de Cristo, o apóstolo Paulo escreveu que muitos crentes já estavam “passando . . . para outro evangelho” (Gálatas 1:6). Ele escreveu que foi forçado a lutar contra “falsos apóstolos, obreiros fraudulentos”, que estavam dissimuladamente “transfigurando-se em apóstolos de Cristo” (2 Coríntios 11:13). Um dos grandes problemas que ele teve que lidar foi o dos “falsos irmãos” (versículo 26).

Perto do final do primeiro século, como vemos em 3 João 9-10, as condições ficaram tão terríveis que os falsos ministros se recusavam abertamente a receber os representantes do apóstolo João e até excluíam os verdadeiros cristãos da Igreja!

Deste período preocupante Edward Gibbon, um historiador famoso, escreveu, em sua clássica obra *A História do Declínio e Queda do Império Romano*, que uma “nuvem negra pairava sobre a primeira era da igreja” (*The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, 1821, vol. 2, pág. 111).

Não demorou muito para que verdadeiros servos de Deus se tornassem uma minoria marginalizada e dispersa entre aqueles que se autodenominavam cristãos. Uma religião muito diferente, agora comprometida com muitos conceitos e práticas enraizadas no antigo paganismo (*essa mistura de crenças religiosas veio a ser conhecida como sincretismo*, comum na época do Império Romano), apoderou-se e modificou a fé estabelecida por Jesus Cristo.

O historiador Jesse Hurlbut diz sobre esse tempo de transformação: “Nós intitulamos a última geração do primeiro século, 68-100 d.C., ‘*A Era das Trevas*’, em parte porque as trevas da perseguição vieram sobre a igreja, mas mais especificamente porque de todos os períodos da história [da Igreja], é essa a era sobre a qual sabemos pouquíssimo. Não temos mais a brilhante luz do Livro de Atos para nos guiar, e nenhum autor dessa era tem preenchido o espaço vazio na história . . .

“Por cinquenta anos, após a vida de São Paulo, uma cortina pairou sobre a igreja, através da qual nos esforçamos em vão para olhar, e quando finalmente ela se levanta, cerca do ano 120 d.C. com os escritos dos mais antigos padres da igreja, *encontramos uma igreja, em muitos aspectos, muito diferente daquela dos dias de São Pedro e São Paulo*” (*A História da Igreja Cristã [The Story of the Christian Church]*, 1970, pág. 33).

Esta igreja “muito diferente” iria crescer em poder e influência, e dentro de poucos séculos dominaria até mesmo o poderoso Império Romano!

Por volta do segundo século, os membros fiéis da Igreja, o “pequeno rebanho” de Cristo (Lucas 12:32), tinham sido totalmente espalhados pelas ondas de perseguição mortal. Eles se mantiveram firmemente na verdade bíblica acerca de Jesus Cristo e Deus Pai, ainda que perseguidos pelas autoridades romanas e até por aqueles que professavam o Cristianismo, mas que na realidade ensinavam sobre “outro Jesus” e “outro evangelho” (2 Coríntios 11:4, Gálatas 1:6-9).

As diferentes ideias sobre a divindade de Cristo conduziram a conflitos

Este foi o cenário em que a doutrina da trindade surgiu. Nessas primeiras décadas após o ministério, morte e ressurreição de Jesus Cristo, e incluindo os primeiros séculos que se seguiram, várias ideias surgiram quanto à Sua exata natureza. Foi Jesus Cristo um homem? Era Deus? Era Deus em figura de um homem? Foi uma ilusão? Foi um simples homem que se tornou Deus? Foi criado por Deus Pai ou existia eternamente com o Pai?

Todas essas ideias tiveram seus proponentes. A uniformidade de crença da Igreja original foi perdida com as novas crenças que muitos tomavam emprestado ou adaptavam de religiões pagãs, substituindo os ensinamentos de Jesus e dos apóstolos.

Sejamos claros que, quando se trata de debates intelectuais e teológicos nos séculos que levaram à formulação da trindade, *a verdadeira Igreja estava em grande parte ausente da cena, tendo sido empurrada para a clandestinidade*. (Consulte o capítulo “O Surgimento de um Falso Cristianismo” em nosso livro gratuito *A Igreja que Jesus Edificou* para uma visão geral desse período crítico. Você pode baixar ou solicitar o seu exemplar gratuito em portugues.ucg.org/estudos).

Por esta razão, nesse período tempestuoso vemos frequentemente debates *que não são entre a verdade e o erro, mas entre um erro e outro erro dife-*

rente—uma verdade raramente reconhecida por muitos estudiosos modernos, porém é crucial para nossa compreensão.

Um exemplo clássico disso foi a disputa sobre a natureza de Cristo que levou o imperador romano Constantino, o Grande, a convocar o Concílio de Nicéia (na atualidade localizado a oeste da Turquia), em 325 d.C.

Constantino, apesar de ser defendido por muitos como o primeiro imperador romano “cristão”, era na verdade um venerador do sol até ser batizado em seu leito de morte. Durante seu reinado, ele teve seu filho mais velho e sua esposa assassinados. Ele também era veementemente anti-semita, referindo-se em um de seus decretos “a multidão detestável de judeus” e aos “costumes desses homens perversos”—costumes estes que, na verdade, tinham suas raízes na Bíblia e praticados por Jesus e os apóstolos.

Como imperador, em um período de grande tumulto dentro do Império Romano, Constantino encontrou desafios para manter o império unificado. Ele reconheceu o valor da religião para unir seu império. Este foi, de fato, uma de suas principais motivações para aceitar e sancionar a religião “cristã” (que, nessa altura, tinham se afastado muito dos ensinamentos de Jesus Cristo e dos apóstolos, e que era ‘cristã’ apenas no nome).

Mas agora Constantino enfrentava um novo desafio. A pesquisadora de religião Karen Armstrong explica em *A História de Deus* que “um dos primeiros problemas que teve de ser resolvido foi a doutrina sobre Deus . . . um novo perigo interno surgiu o qual dividia amargamente os cristãos em campos opostos” (*A History of God*, 1993, pág. 106).

O debate sobre a natureza de Deus no Concílio de Nicéia

Constantino convocou o Concílio de Nicéia no ano 325 d.C., tanto por razões políticas—para a união imperial—como religiosas. A principal questão nessa ocasião veio a ser conhecida como a controvérsia ariana.

“A esperança de garantir o seu trono ao apoiar o corpo crescente de cristãos, ele demonstrou-lhes um considerável favor e era de seu interesse ter a igreja robusta e unida. A controvérsia ariana estava pondo em risco sua unidade e ameaçando sua força. Ele, portanto, se comprometeu a pôr fim ao problema. A ele foi sugerido, talvez pelo bispo espanhol Hosius, que era de grande influência, que se um sínodo se reunisse representando todas as igrejas, ambas de leste e de oeste, talvez haveria possibilidade de restaurar a harmonia”.

“O próprio Constantino, é claro, não entendia e nem se importava com o assunto em disputa, mas estava ansioso para acabar com a controvérsia, e o conselho de Hosius pareceu-lhe ser ideal para chegarem a uma resolução” (Arthur Cushman McGiffert, *A História do Pensamento Cristão [A History of Christian Thought]*, 1954, vol. 1, pág. 258).

Ário, um padre de Alexandria, no Egito, argumentou que Cristo, sendo Filho de Deus, deveria ter tido um começo e, portanto, era uma criação especial de Deus. Além disso, se Jesus era o Filho, o Pai

necessariamente deveria ser mais velho.

Opondo-se aos ensinamentos de Ário, estava Atanásio, um diácono também de Alexandria. Sua visão era sobre uma forma primitiva de trinitarismo onde o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram um, mas ao mesmo tempo, distintos entre si.

A decisão sobre qual ponto de vista o conselho da igreja aceitaria foi em grande medida arbitrária. Karen Armstrong explica em *A História de Deus*: “Quando os bispos se reuniram em Nicéia em 20 de maio de 325 d.C. para resolver a crise, muitos poucos demonstraram apoio ao ponto de vista de Atanásio sobre Cristo. A maioria se deteve no meio do caminho entre a posição de Atanásio e a de Ário” (*A History of God*, pág. 110).

Como imperador, Constantino estava numa posição fora do normal, para decidir a doutrina da igreja, embora ele não fosse realmente um cristão. (No ano seguinte foi quando ele ordenou o assassinato da sua esposa e filho, como mencionado anteriormente).

Historiador Henry Chadwick atesta, “Constantino, tal como seu pai, adorava o deus Sol Invicto” (*A Igreja Primitiva [The Early Church]*, 1993, pág. 122). Quanto ao imperador abraçar o Cristianismo, admite Chadwick, “sua conversão não deve ser interpretada como uma experiência interna de graça . . . Era uma questão militar. O seu nível de compreensão da doutrina cristã nunca foi muito bem entendido” (pág. 125).

Chadwick diz que o batismo de Constantino, em seu leito de morte, por si só, “não deixa nenhuma dúvida sobre sua crença cristã”, sendo comum aos governantes adiar o batismo, para evitar a responsabilidade por coisas como a tortura e execução de criminosos (pág. 127). Mas esta justificativa realmente não ajuda para ratificar a conversão do imperador como genuína.

Norbert Brox, um professor de história da igreja, confirma que Constantino nunca foi realmente um cristão convertido: “Constantino não experimentou qualquer conversão, não há sinais de uma mudança de fé nele. Ele nunca disse que se converteu a outro deus . . . No momento em que se voltou para o Cristianismo, ele adorava o *Sol Invictus* (o vitorioso deus Sol)” (*Uma Breve História da Igreja Primitiva [A Concise History of the Early Church]*, 1996, pág. 48).

Acerca do Concílio de Nicéia, *A Enciclopédia Britânica* declara: “O próprio Constantino o presidiu, ativamente orientando as discussões, e pessoalmente propôs . . . a fórmula fundamental para expressar a relação de Cristo com Deus no credo emitido pelo conselho . . . Intimidados pelo imperador, os bispos, com duas únicas exceções, assinaram o credo, embora, muitos deles, a contragosto” (*The Encyclopaedia Britannica*, edição 1971, vol. 6, “Constantino”, pág. 386).

Com a aprovação do imperador, o concílio rejeitou o ponto de vista minoritário de Ário e, não tendo nada definitivo para substituí-lo, aprovou a visão de Atanásio—também opinião de uma minoria. A igreja foi deixada numa posição difícil quanto ao apoio oficial, daquele ponto em diante, em relação

a decisão tomada em Nicéia para endossar a crença apoiada apenas pela minoria dos participantes.

Agora, o terreno para a aceitação oficial da trindade estava preparado—mas, como se vê, levou mais de três séculos após a morte e ressurreição de Jesus Cristo para este ensino antibíblico surgir!

A Decisão de Nicéia não pôs fim ao debate

O Concílio de Nicéia não acabou com a controvérsia. Karen Armstrong explica: “Atanásio conseguiu impor sua teologia aos bispos . . . com o impeador no seu encalço . . .”.

“A demonstração de concordância agradou a Constantino, que não compreendia as questões teológicas, mas na verdade não havia unanimidade em Nicéia. Depois do Concílio, os bispos continuaram a ensinar como antes e a crise ariana continuou por mais sessenta anos. Ário e seus seguidores lutaram e conseguiram recuperar o favor imperial. Atanásio foi exilado pelo menos cinco vezes. E foi muito difícil fazer valer seu credo” (págs. 110-111).

Às vezes, as divergências em curso eram violentas e sangrentas. Sobre as consequências do Concílio de Nicéia, o historiador Will Durant escreve: “Provavelmente mais cristãos foram massacrados por cristãos nestes dois anos (342-343) do que em todas as perseguições de cristãos pelos pagãos na história de Roma” (*A História da Civilização [The Story of Civilization]*, Vol. 4: *A Era da Fé*, 1950, pág. 8). Com crueldade, enquanto reivindicavam serem cristãos, muitos crentes lutaram e mataram uns aos outros por causa dos seus pontos de vista diferentes sobre Deus!

A respeito das décadas seguintes, o professor Harold Brown, citado anteriormente, escreve: “Em meados das décadas desse século, 340-380, a história da doutrina parece mais com a história de tribunais, de intrigas entre igrejas e de conflitos sociais . . . As doutrinas centrais elaboradas nesse período, frequentemente parecem ter sido apresentadas através de intrigas ou pela violência popular, e não de comum acordo da cristandade guiada pelo Espírito Santo” (pág. 119).

O debate desvia seu foco para a natureza do Espírito Santo

Então, os desacordos passam a centrar-se em torno de outra questão, a natureza do Espírito Santo. A este respeito, a declaração divulgada no Concílio de Nicéia simplesmente disse: “Cremos no Espírito Santo”. Isto “parece ter sido adicionado ao credo Atanasiano em uma reflexão posterior”, escreve Karen Armstrong. “As pessoas estavam confusas sobre o Espírito Santo. Era simplesmente um sinônimo de Deus ou era algo mais?” (pág. 115).

O professor Ryrie, também citado anteriormente, escreve: “Na segunda metade do século IV, três teólogos da província da Capadócia, no leste da Ásia Menor [hoje Turquia central] deram a forma definitiva à doutrina da trindade” (pág. 65). *Eles propuseram uma ideia que foi um passo além da visão de Atanásio—que Deus, o Pai, Jesus, o Filho, e o Espírito Santo eram*

coiguais e juntos em um único ser, mas também distintos entre si.

Estes homens—Basil, bispo de Cesaréia, seu irmão Gregório, bispo de Nissa, e Gregório de Nazianzo—eram todos “treinados na filosofia grega” (Armstrong, pág. 113), a qual sem dúvida afetaram suas perspectivas e crenças (veja “A Influência da Filosofia Grega Sobre a Doutrina da Trindade”, a partir da página 19).

Na opinião destes homens, explica Karen Armstrong, “a trindade só faz sentido como uma experiência mística ou espiritual . . . *Não como uma formulação lógica ou intelectual, mas um paradigma imaginário que confundia a razão.*” Gregório de Nazianzo deixou isso claro quando explicou que a contemplação de ‘três em um’ induzia a uma emoção profunda e avassaladora que confundia o pensamento e a clareza intelectual.

“Mal consigo conceber o Um quando sou iluminado pelo esplendor dos Três; e mal chego a distinguir os Três quando sou levado de volta para o Um. Quando eu penso em qualquer um dos Três, penso dele como um todo; não consigo visualizar mais, pois a maioria do que eu estou pensando não entendo” (pág. 117). Não é de admirar que, como Armstrong conclui: “Para muitos cristãos ocidentais . . . *a trindade é simplesmente incompreensível*” (ibidem).

As contínuas disputas levam ao Concílio de Constantinopla

No ano 381, quarenta e quatro anos após a morte de Constantino, o imperador Teodósio, o Grande, convocou o Concílio de Constantinopla (hoje Istambul, Turquia) para resolver essas disputas. Gregório de Nazianzo, recém-nomeado arcebispo de Constantinopla, presidiu o conselho e pediu a adoção de seu ponto de vista sobre o Espírito Santo.

O historiador Charles Freeman afirma: “Praticamente nada se sabe dos debates teológicos do Concílio de 381, mas Gregório foi certamente na esperança de obter alguma aceitação de sua crença de que o Espírito era substancial com o Pai [significando que são pessoas do mesmo ser, visto que *substância* neste contexto denota qualidade individual].

“Seja pela falta de habilidade para lidar com o assunto ou se simplesmente por não terem chance de consenso, os bispos ‘macedônios’, que se recusaram a aceitar a plena divindade do Espírito Santo, deixaram o concílio . . . Portanto, Gregório repreendeu os bispos por preferirem ter uma maioria ao invés de simplesmente aceitarem a sua declaração da ‘Palavra Divina’ da Trindade” (381 D.C.: *Hereges, Pagãos e o Alvorecer do Estado Monoteísta* [Heretics, Pagans and the Dawn of the Monotheistic State], 2008, pág. 96).

Pouco depois Gregório ficou doente e teve que retirar-se do concílio. Agora, quem iria presidir? “Foi assim que Nectarius, um senador idoso que tinha sido um popular ex-prefeito da cidade por causa de seu patrocínio dos jogos, mas que ainda não era um cristão batizado, foi escolhido . . . Nectarius parecia não conhecer a teologia, e teve que ser iniciado na fé necessária antes de ser batizado e consagrado” (Freeman, págs. 97-98).

Estranhamente, um homem que até este ponto não era cristão foi nomeado para presidir um importante concílio da igreja encarregado de determinar o que seria ensinado sobre a natureza de Deus!

A trindade torna-se uma doutrina oficial

O ensinamento dos três teólogos capadócioc “tornou possível que o Concílio de Constantinopla (381) afirmasse a divindade do Espírito Santo, que até aquele momento não havia sido claramente estabelecida, nem mesmo nas Escrituras” (*A Enciclopédia Harper-Collins do Catolicismo* [The Harper-Collins Encyclopedia of Catholicism], “Deus”, pág. 568).

O concílio aprovou uma declaração que, em parte, diz o seguinte em português: “Nós cremos em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, e de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, gerado do Pai antes de todos os séculos . . . E acreditamos no Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que procede do Pai, que com o Pai e o Filho é adorado e glorificado, que falou através dos profetas....”. A declaração também afirma a crença “na Igreja Una, Santa, Católica [ou seja, neste contexto, universal, total ou completa] e Apostólica...”.

Com esta declaração em 381 d.C., que se tornaria conhecida como o Credo Niceno-Constantinopolitano, a trindade como geralmente é entendida hoje em dia tornou-se a crença oficial e ensinamento sobre a natureza de Deus.

O professor de teologia, Richard Hanson, observa que o resultado obtido na decisão do conselho “foi reduzir as explicações do significado da palavra ‘Deus’, de uma extensa lista de alternativas, a uma só explicação”, de modo que “quando o homem ocidental de hoje diz ‘Deus’ ele está duma maneira geral a referir-se ao único e exclusivo Deus [Trinitário] e nada mais” (*Estudos da Antiguidade Cristã* [Studies in Christian Antiquity], 1985, págs. 243-244).

Assim, o imperador Teodósio—que tinha sido batizado apenas um ano antes da convocação do concílio—foi, como Constantino quase seis décadas antes, instrumento no estabelecimento de importante doutrina na igreja. Como o historiador Charles Freeman observa: “É importante lembrar que Teodósio não tinha qualquer formação teológica e estabeleceu como se fosse um dogma uma fórmula contendo problemas filosóficos difíceis de resolver dos quais ele não estaria ciente. Com efeito, as leis do imperador silenciaram o debate quando ainda não estava resolvido” (pág. 103).

As outras crenças sobre a natureza de Deus foram proibidas

Agora que a decisão tinha sido alcançada, Teodósio não toleraria opiniões divergentes. Ele lançou seu próprio decreto que dizia: “Agora, nós ordenamos que todas as igrejas sejam entregues aos bispos que professam Pai, Filho e Espírito Santo como uma única majestade, de mesma glória, e de esplendor único, aos [bispos] que não estabelecem nenhuma distinção por separação sacrílega, mas (que afirmem) a ordem da Trindade, reconhecendo as Pessoas e unindo a Divindade” (citado por Richard Rubenstein, *Quando Jesus Se*

Tornou Deus [When Jesus Became God], 1999, pág. 223).

Outro edito de Teodósio foi mais longe ainda ao exigir o cumprimento da nova doutrina:

“Devemos acreditar na divindade única do Pai, do Filho e do Espírito Santo, em igual majestade e em santa Trindade. Nós autorizamos os seguidores desta lei a assumirem o título de Cristãos Católicos, mas para os outros, uma vez que, *em nosso julgamento, eles são loucos insensatos*, nós decretamos que *sejam marcados com o nome ignominioso de hereges*, e não deverão ousar dar a seus conventículos [assembleias] o nome de igrejas.

“Eles sofrerão, em primeiro lugar, o castigo da condenação divina, e em segundo, a punição que a nossa autoridade decidir aplicar, de acordo com a vontade do céu” (reproduzida em *Documentos da Igreja Cristã [Documents of the Christian Church]*, Henry Bettenson, editor, 1967, pág. 22).

Assim, vemos que um ensinamento que era estranho para Jesus Cristo, nunca ensinado pelos apóstolos e desconhecido dos outros escritores bíblicos, foi implantado no lugar da verdadeira revelação bíblica sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Qualquer um que discordasse era estigmatizado como herege e tratado como tal, de acordo com os decretos do imperador e das autoridades da igreja.

A doutrina da trindade foi decidida por tentativa e erro

Essa cadeia incomum de eventos é a razão pela qual os professores de teologia, Anthony e Richard Hanson, em seu livro *A crença razoável: Um Estudo da Fé Cristã*, resumiram a história anotando que a adoção da doutrina da trindade foi o resultado de “um processo de exploração teológica que durou *pelo menos trezentos anos* . . . Na verdade, foi um processo de tentativa e erro (ou de muitos erros e poucos acertos), onde o erro não foi limitado ao que não era ortodoxo . . . *Seria tolice representar a doutrina da Santíssima Trindade como tendo sido alcançada por qualquer outro meio*” (*Reasonable Belief: A Survey of the Christian Faith*, 1980, pág. 172).

Eles, então, concluem: “Este foi um longo e confuso processo, em que diferentes escolas de pensamento na Igreja trabalhavam de maneira independente, e depois tentavam impor sobre as outras, a resposta deles à pergunta: ‘Quão divino é Jesus Cristo?’ . . . *Se alguma vez houve uma controvérsia decidida pelo método de tentativa e erro, certamente foi esta*” (pág. 175).

O clérigo anglicano e conferencista da Universidade de Oxford, K.E. Kirk escreve, de forma esclarecedora, sobre a adoção da doutrina da trindade: “A justificativa teológica e filosófica da divindade do Espírito começa no século IV; nós naturalmente nos voltamos para os escritores desse período *para descobrir quais os motivos da sua crença*. Para nossa surpresa, *somos forçados a admitir que eles não tinham nenhum* . . .

“Este fracasso da teologia cristã . . . *em produzir uma justificativa lógica do ponto fundamental de sua doutrina trinitária* é de máxima importância. Antes de voltar à questão da defesa da prática da doutrina, somos forçados

a perguntar *se a teologia ou a filosofia já forneceu alguma razão pela qual sua crença deve ser trinitária*” (“*A Evolução da Doutrina da Trindade*” [*The evolution of the Doctrine of the Trinity*], publicado em *Ensaio sobre a Trindade e a Encarnação [Essays on the Trinity and the Incarnation]*, editor A.E.J. Rawlinson, 1928, págs. 221-222).

Por que acreditar em um ensinamento que não é bíblico?

Esta é, resumidamente, a incrível história de como a doutrina da trindade veio a ser introduzida—e como aqueles que se recusaram a aceitá-la passaram a ser estigmatizados como hereges ou infiéis.

Mas será que devemos realmente basear nossa visão sobre Deus em uma doutrina que não está escrita na Bíblia, que não foi formalizada até três séculos depois da época de Jesus Cristo e dos apóstolos, que foi debatida e discutida ao longo de décadas (sem esquecer os séculos desde então), que foi imposta pelos concílios religiosos presididos por noviços ou não crentes, e que foi “decidida pelo método de tentativa e erro”?

Claro que não! Na verdade, devemos olhar para a Palavra de Deus—não para ideias de homens—para entender como nosso Criador se revela!

A Influência da Filosofia Grega na Doutrina da Trindade

Muitos historiadores e estudiosos de religião, alguns citados nesta publicação, atestam a influência da filosofia grega ou platônica na elaboração e aceitação da doutrina da trindade, no século IV. Mas o que implica essa filosofia, e como chegou a afetar a doutrina da trindade?

Para resumir o que era pertinente, começamos com a menção do famoso filósofo grego Platão (c. 429-347 a.C.). Ele acreditava em uma tríade divina de “Deus, as ideias, [e] o Espírito do Mundo”, embora ele, em “nenhum lugar, tenha explicado ou harmonizado esta tríade” (Charles Bigg,

Cristãos Platônicos de Alexandria [Christian Platonists of Alexandria], 1886, pág. 249).

Os pensadores gregos posteriores requintaram os conceitos de Platão que se referiam a três “substâncias”—o Deus supremo ou “o Único”, da qual veio a “mente” ou “pensamento” e um “espírito” ou “alma”. Em seu conceito, todos eram diferentes “substâncias” ou aspectos divinos do mesmo Deus. Outra forma de expressar isso foi como o “bem”, a personificação daquele que é o bem, e o agente pelo qual o bem é realizado. Novamente, estes eram diferentes aspectos divinos

do mesmo bem supremo—distintos e ainda assim unificados como um.

Este tipo de pensamento metafísico era comum entre os intelectuais do mundo grego e foi transmitido ao pensamento do mundo romano no período do Novo Testamento e nos séculos seguintes. Quando os últimos apóstolos estavam quase morrendo, alguns desses pensamentos metafísicos começaram a afetar e a infiltrar-se na Igreja primitiva—principalmente por aqueles que já tinham começado a misturar-se ao paganismo.

Como os estudiosos da Bíblia John McClintock e James Strong explicam:

“No final do primeiro século, e durante o segundo, muitos homens instruídos vieram do judaísmo e do paganismo para o Cristianismo. Estes trouxeram com eles para as escolas de teologia cristã suas ideias platônicas e fraseologia” (*A Enciclopédia de Literatura Bíblica, Teológica e Eclesiástica* [*Cyclopaedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature*], 1891, vol. 10, “Trindade”, pág. 553).

Em grande parte a verdadeira Igreja resistiu a tal infiltração e se manteve firme ao ensinamento dos apóstolos, obtendo a sua doutrina dos escritos dos apóstolos e das “Sagradas Escrituras [os livros do Antigo Testamento], que podem fazer-te sábio para a salvação” (2 Timóteo 3:15, ACF).

Os dois segmentos distintos do Cristianismo se dividiram e seguiram rumos separadamente—um fiel aos ensinamentos puros e simples da Bíblia e o outro cada vez mais misturado com o pensamento pagão e com práticas adotadas do mundo greco-romano.

Por causa desta mistura, e conforme os debates sobre a natureza de Deus no século IV se intensificava, levando aos conselhos de Nicéia e Constantinopla, chegaram a um ponto tal que deixaram de ser debates entre a verdade bíblica e o erro. Isto foi, porque *ambos os lados* do debate tinham feito sérias concessões, aceitando ideias filosóficas antibíblicas.

Muitos líderes da igreja que formularam a doutrina da trindade estavam mergulhados em filosofias gregas e platônicas, e isso influenciou as suas opiniões religiosas e doutrinárias. A linguagem que usaram para descrever e definir a trindade veio, de fato, diretamente da filosofia platônica e grega. A palavra *trindade* em si não é nem bíblica nem cristã. Pelo contrário, o termo platônico *trias*, da palavra *três*, foi latinizado como *trinitas*—este último dando ao português a palavra *trindade*.

“A escola catequética de Alexandria, que reverenciou Clemente de Alexandria e Orígenes como os maiores teólogos da Igreja grega, como seus dirigentes, aplicou o método alegórico

para a explicação das Escrituras. *Seu pensamento foi influenciado por Platão: o seu ponto forte foi as especulações teológicas* [pagãs]. Atanásio e os três capadócijs [os homens cujas opiniões trinitárias foram adotadas pela Igreja Católica nos Concílios de Nicéia e Constantinopla] tinham sido incluídos entre os seus membros” (Hubert Jedin, *Concílio Ecumênico da Igreja Católica: Um Esboço Histórico* [*Ecumenical Councils of the Catholic Church: an Historical Outline*], 1960, pág. 28).

“As doutrinas do Logos [ou seja, do “Verbo”, uma designação para Cristo em João 1] e da Trindade receberam a sua forma a partir dos padres gregos, que . . . foram muito influenciados, direta ou indiretamente, pela filosofia platônica . . . Que erros e corrupções penetraram na Igreja a partir desta fonte não pode ser negado” (*A Nova Enciclopédia Schaff-Herzog de Conhecimento Religioso* [*The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*], Samuel Macauley Jackson, editor, 1911, vol. 9, pág. 91).

O prefácio do livro *A História do Cristianismo*, do historiador Edward Gibbons, resume a influência grega quanto a adoção da doutrina da trindade, afirmando: “Se o paganismo foi conquistado pelo Cristianismo, é igualmente verdade que *o Cristianismo foi corrompido pelo paganismo*. O

deísmo puro [a religião básica, neste contexto] dos primeiros cristãos . . . foi mudado, pela igreja de Roma, *para o incompreensível dogma da trindade*. Muitos dos dogmas pagãos, inventados pelos egípcios e idealizados por Platão, foram conservados como sendo dignos de crença” ([*History of Christianity*] 1883, pág. xvi). (Ver “Como os Antigos Deuses Trinitários Influenciaram a Aprovação da Trindade”, a partir da página 22.)

A ligação entre os ensinamentos de Platão e da trindade tal como adotada pela Igreja Católica séculos mais tarde é tão forte que Edward Gibbon, em sua obra-prima *A História do Declínio e Queda do Império Romano*, se referiu a Platão como “o sábio ateniense, que maravilhosamente anteviu uma das descobertas mais surpreendentes da revelação cristã”—a trindade ([*The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*] 1890, vol. 1, pág. 574).

Assim, vemos que a doutrina da trindade deve muito menos à Bíblia do que às especulações metafísicas de Platão e outros filósofos gregos pagãos. Não é de admirar que o apóstolo Paulo nos adverte em Colossenses 2:8 (NVI) para tomar cuidado com “filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo”!

Como os Antigos Deuses Trinitários Influenciaram a Aprovação da Trindade

Muitos que acreditam na trindade ficam surpresos, talvez chocados, ao saber que a ideia de seres divinos existentes como trindades ou tríades vem de antes do Cristianismo. No entanto, como veremos, a evidência é abundantemente documentada.

Marie Sinclair, condessa de Caithness, em seu livro de 1876, *Antigas Verdades sob Uma Nova Luz*, afirma: “Geralmente, embora erroneamente, se supõe que a doutrina da trindade é de origem cristã. Quase todas as nações da antiguidade possuíam uma doutrina similar. [O antigo teólogo católico] São Jerônimo atesta de forma inequívoca: ‘Todas as nações antigas acreditavam na trindade’” ([*Old Truths in a New Light*] pág. 382).

Observe como trechos dos documentos a seguir citam a crença em uma trindade divina em muitas regiões e religiões do mundo antigo.

Suméria

“O universo foi dividido em três regiões cada uma dos quais tornou-se o domínio de um deus. Anu regia o céu. A terra foi dada a Enlil. Ea se tornou o governante das águas. Juntos, eles constituem a tríade dos Grandes Deu-

ses” (*A Enciclopédia Larousse de Mitologia [The Larousse Encyclopedia of Mythology]*, 1994, págs. 54-55)

Babilônia

“Os antigos babilônios reconheceram a doutrina de uma trindade, ou três pessoas em um deus—como aparece em um deus composto de três cabeças que fazem parte de sua mitologia, e o uso do triângulo equilátero, também, como um emblema da trindade como unidade” (Thomas Dennis Rock, *A Mulher Mística e as Cidades das Nações [The Mystical Woman and the Cities of the Nations]*, 1867, págs. 22-23).

Índia

“Os Puranas, uma das bíblias hindu de mais de três mil anos atrás, contém a seguinte passagem: ‘Ó três Senhores! sabes que eu reconheço um só Deus. Dizei-me, portanto, qual de vós sois a verdadeira divindade, para que eu possa recorrer somente a ele em minha adorações’. Os três deuses, Brahma, Vishnu e Shiva [ou Siva], tornando-se manifesto a ele, responderam: ‘Aprendei, Ó devoto, que não há distinção real entre nós. O que lhe surge é somente a semelhança. O único

ser aparece sob três formas pelos atos de criação, preservação e destruição, mas ele é um só”.

“Por isso, o triângulo foi adotado por todas as nações antigas como um símbolo da Divindade . . . O três foi considerado entre todas as nações pagãs como o principal dos números místicos, porque, como Aristóteles observou, ele contém dentro de si um começo, um meio e um fim. Por isso achamos que ele designa alguns dos atributos de quase todos os deuses pagãos” (Sinclair, pág. 382-383).

Grécia

“No século IV a.C. Aristóteles escreveu: ‘Todas as coisas são três, e três vezes é tudo, e vamos usar esse número na adoração dos deuses, pois, como dizem os pitagóricos, tudo e todas as coisas são limitadas por três, o fim, o meio e o início têm este número em tudo, e este compõe o número da trindade’ (Arthur Weigall, *Paganismo no Nosso Cristianismo [Paganism in Our Christianity]*, 1928, pág. 197-198).

Egito

“O Hino a Amon ordena que ‘Nenhum deus surgiu antes dele (Amon)’ e que ‘Todos os deuses são três: Amon, Ré e Ptah, e não existe um segundo a eles. Oculto é o seu nome como Amon, ele é Ré na face, e seu corpo é Ptah’... Esta é uma declaração de trindade, os três principais deuses

do Egito agrupados em um deles, Amon. Claramente, o conceito de união orgânica dentro da pluralidade alcançou um impulso extraordinário com esta formulação. Teologicamente, de uma forma tosca e surpreendente isso se aproxima da posterior forma cristã de monoteísmo trinitário plural” (Simson Najovits, *Egito: O Tronco da Árvore*, vol. 2, 2004, págs. 83-84).

Outras regiões

Muitas outras áreas tinham suas próprias trindades divinas. Na Grécia eram Zeus, Poseidon e Adonis. Os fenícios adoraram Ulomus, Ulosuros e Eliun. Em Roma adoravam Júpiter, Netuno e Plutão. Nas nações germânicas eram chamados de Wodan, Thor e Frizzo. E sobre os celtas, uma fonte diz: ‘As divindades pagãs antigas do irlandeses pagãos, Criosan, Biosena e Seeva, ou Sheeva, são sem dúvida o Creeshna [Krishna], Veeshnu [Vishnu], [ou o todo incluso] Brahma, e Siva [Shiva], dos hindus’ (Thomas Maurice, *A História do Hinduísmo*, vol. 2, 1798, pág. 171).

“A origem do conceito é inteiramente pagã”

O egiptólogo Arthur Weigall, enquanto ele próprio um trinitário, resumiu a influência das crenças antigas sobre a adoção da doutrina da trindade pela Igreja Católica no seguinte trecho de

seu livro, já citado: “Não se deve esquecer que Jesus Cristo nunca mencionou tal fenômeno [a trindade], e em nenhum lugar do Novo Testamento a palavra ‘trindade’ aparece. A ideia só foi adotada pela Igreja trezentos anos após a morte de nosso Senhor; e a origem deste conceito é inteiramente pagã . . .



Estas estatuetas de ouro representam uma das trindades de deuses egípcios: Osíris (ao centro), ladeado por Horus (à esquerda) e Isis.

“Os antigos egípcios, cuja influência sobre o pensamento religioso primitivo era profunda, geralmente organizavam seus deuses ou deusas em trindades: Havia a trindade de Osíris, Isis e Hórus, a trindade do Amen, Mut e Khonsu, a trindade de Khnum, Satis, e Anukis, e assim por diante . . .

“Os primeiros cristãos, no entanto, *no início não pensaram em aplicar essa ideia em sua própria fé*. Eles prestavam suas devoções a Deus Pai e Jesus Cristo, o Filho de Deus, e reconheciam a existência misteriosa e indefinida do Espírito Santo, *mas não havia nenhum pensamento destes três serem uma trindade real, co-iguais e unidos em Um* . . .

“A aplicação desse antigo conceito pagão da trindade na teologia cristã *foi possível graças ao reconhecimento do Espírito Santo como a necessária terceira ‘Pessoa’, co-igual com as outras ‘Pessoas’* . . .

“A ideia do Espírito sendo co-igual com Deus *não foi plenamente reconhecida até a segunda metade do século IV d.C.* . . . No ano 381 do Concílio de Constantinopla acrescentou ao Credo Niceno anterior uma descrição do Espírito Santo como ‘o Senhor e doador da vida, que procede do Pai, que com o Pai e o Filho é adorado e glorificado’ . . .

“Assim, o credo atanasiano, composto mais tarde, que reflete os conceitos gerais de Atanásio [o trinitário do quarto século, cuja opinião se tornou doutrina oficial] e sua escola, formulou o conceito de um Espírito Santo co-igual e trinitário onde ele era a terceira ‘pessoa’, e assim foi criado o dogma de fé e crença no Três em Um e Um em Três *que se tornou uma doutrina fundamental do Cristianismo*,

embora sob horríveis tumultos e derramamento de sangue . . .

“Hoje, um pensador cristão . . . não quer ser meticuloso sobre disso, principalmente porque *a definição é obviamente pagã em sua origem e não foi adotada pela Igreja até quase trezentos anos depois de Cristo*” (págs. 197-203).

James Bonwick resumiu bem a história na página 396 de sua obra de 1878, *A Crença Egípcia e o Pensamento Moderno*: “É um fato inquestionável que *mais ou menos em todo o mundo as deidades são apresentadas em*

triades. Esta regra aplica-se aos hemisférios oriental e ocidental, ao norte e sul.

“Além disso, observa-se que, de alguma forma mística, a tríade de três pessoas é uma delas. A primeira é como o segundo ou o terceiro, o segundo como o primeiro ou o terceiro, o terceiro como o primeiro ou o segundo; na verdade, eles estão uns nos outros, e um mesmo ser individual. *A definição de Atanásio, que viveu no Egito, aplica-se às trindades de todas as religiões pagãs*”.

A Falsa Referência à Trindade Adicionada em 1 João 5:7-8

Alguns tradutores da Bíblia dos séculos passados eram tão zelosos para encontrar um apoio para sua crença na trindade nas Escrituras que, *literalmente, a acrescentaram*. Um exemplo disso é 1 João 5:7-8.

Lê-se na versão Almeida Revista e Atualizada [ARA], também conhecida como a Edição Revista e Atualizada [RA]: “E há três que dão testemunho [*no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra*]: o Espírito, a água, e o sangue, e os três são unânimes num só propósito”. As palavras entre colchetes e em itálico simplesmente

não são parte dos manuscritos do Novo Testamento geralmente aceitos. O prefácio da Edição Revista e Atualizada, diz que as palavras entre colchetes “não se encontram no texto grego adotado pela Comissão Revisora”. Infelizmente, e particularmente neste trecho, algumas outras versões se lê essencialmente da mesma maneira.

Os comentários bíblicos que mencionam esse acréscimo nos dizem que este é um comentário falso adicionado ao texto bíblico. Considere as palavras do *Novo Comentário Bíblico, Revisado*: “Nota-se que a AV [a Versão Autorizada (também conhecida como

a versão do Rei Jaime)] inclui um material adicional neste ponto. Mas as palavras são claramente uma glosa [uma nota adicionada] e foram justamente excluídas pela NVI [Nova Versão Internacional] até de suas margens” (*The New Bible Commentary: Revised*, 1970, pág. 1269). A Bíblia na Linguagem de Hoje também exclui estas palavras adicionadas.

Na Nova Versão Internacional, 1 João 5:7-8, corretamente e de forma mais concisa diz: “Há três que dão testemunho: o Espírito, a água e o sangue; e os três são unânimes”. João personifica os três elementos aqui como testemunho, assim como Salomão personificou a sabedoria no livro de Provérbios.

Muitas outras versões mais recentes da Bíblia também reconhecem esse texto espúrio adicionado e omitem-o, incluindo a Nova Versão Internacional, Nova Tradução na Linguagem de Hoje, e A Bíblia da CNBB.

“A evidência textual é contrária a 1 João 5:7”, explica Neil Lightfoot, um professor do Novo Testamento. “De todos os manuscritos gregos, apenas dois o contêm. Estes dois manuscritos são de datas muito posteriores, uma a partir do século XIV ou XV e outra do século XVI. Dois outros manuscritos têm esse versículo escrito na margem. Todos os quatro manuscritos mostram que este versículo foi aparentemente traduzido de uma forma tardia da

Vulgata Latina” (*Como a Bíblia Chegou Até Nós [How We Got the Bible]*, 2003, pág. 100-101).

O *Comentário Bíblico Expositivo* também descarta versões como as de Almeida que adicionam esse texto em 1 João 5:7-8, dizendo que é “obviamente uma glosa posterior sem mérito” (*The Expositor's Bible Commentary*, Glenn Barker, vol. 12, 1981, pág. 353).

O *Comentário Peake da Bíblia* é muito incisivo em seus comentários, ao dizer: “A famosa interpolação após ‘três são os que testificam’ não é impressa na NVI e com razão [porque] . . . Nenhum [manuscrito] grego respeitável a contém. Ela apareceu primeiramente em um texto latino do final do quarto século, que entrou na Vulgata [na versão Latina do quinto século, que se tornou a tradução medieval comum] e, finalmente, no NT [Novo Testamento] de Erasmo [que produziu os recentes textos gregos reunidos e uma nova versão latina no século XVI]” (*Peake's Commentary on the Bible*, pág. 1038).

O *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia* nos diz: “Este versículo realmente não tem suporte entre os antigos manuscritos gregos . . . O seu aparecimento em posteriores manuscritos gregos baseou-se no fato de que Erasmo foi posto sob pressão eclesiástica para incluí-lo no seu NT grego de 1522, já que o havia omitido em suas duas edições anteriores, de 1516 e 1519,

porque não existem manuscritos gregos que o contivesse” (Norman Geisler e Thomas Howe, 2008, pág. 339).

Os professores de teologia Anthony e Richard Hanson, em seu livro *A Crença Razoável: Um Estudo da Fé Cristã*, explicam o acréscimo injustificado no texto desta forma: “Isso foi acrescentado por alguma pessoa ou pessoas laboriosas da antiga igreja que achavam que o Novo Testamento infelizmente era deficiente no testemunho direto relativo à doutrina da trindade, que eles apoiavam, e então procuraram remediar essa falha . . . É um desperdício de tempo tentar encontrar a doutrina trinitária diretamente nas páginas do Novo

Testamento” (1980, pág. 171).

Ainda assim, nem mesmo a formulação adicionada por si só consegue afirmar a doutrina da trindade. A adição, mesmo ilegítima, apenas apresenta o Pai, a Palavra e o Espírito Santo como testemunhas. E isso não diz nada sobre a personalidade de todos os três desde que o versículo 7 mostra a água e o sangue inanimados servindo ao mesmo propósito.

Além disso, a palavra *Trindade* não entrou em uso comum como um termo religioso até depois do Concílio de Nicéia, em 325 d.C., muitos séculos depois de os últimos livros do Novo Testamento estarem completos. A Trindade, definitivamente, não é um conceito bíblico.

Como você pode se tornar uma dessas pessoas que de fato entende o que as Escrituras dizem?

Milhões de Bíblias são vendidas ou distribuídas anualmente. A Bíblia é o livro mais popular do mundo, mas ao mesmo tempo o mais mal-entendido! Para muitos é difícil entendê-la, mas a própria Bíblia nos dá chaves para entendê-la!

Para saber mais sobre este assunto, peça ou baixe nosso livro gratuito: “*Como Você Pode Entender a Bíblia*”

portugues.ucg.org/estudos



Como Deus é Revelado na Bíblia?

“Por causa disso, me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome” (Efésios 3:14-15).

A maioria das pessoas tem suas próprias e distintas opiniões sobre um Ser Supremo. Mas de onde é que vêm essas impressões? Muitas são simplesmente reflexos de como as pessoas consideram Deus—com base no que escutam dos outros e no seu próprio raciocínio. Como consequência a palavra *Deus* ganhou uma gama de significados, e muitos deles bastantes estranhos à Bíblia.

Então, qual significado é verdadeiro? Como o Criador Se revela ao homem?

Deus Se revela em Sua Palavra, a Bíblia. (Para provar a autenticidade da Bíblia, baixe ou solicite gratuitamente nosso livro *A Bíblia Merece Confiança?* Em portugues.ucg.org/estudos). A Bíblia é um livro sobre Deus e Sua relação com os seres humanos. As Escrituras contêm uma longa história da revelação do próprio Deus ao homem—desde o primeiro homem, Adão, ao profeta e legislador Moisés, e até aos apóstolos de Jesus Cristo e à Igreja primitiva.

Em contraste com muitas suposições humanas, a Bíblia transmite a verdadeira imagem de Deus. Este livro notável revela como Ele é, o que Ele tem feito e o que Ele espera de nós. E também nos diz por que estamos aqui e revela seu plano, pouco compreendido, para a Sua criação. Este manual de conhecimentos básicos é fundamentalmente diferente de qualquer outra fonte de informação. Ele é realmente único, pois contém, em muitos aspectos, a assinatura genuína do Todo-Poderoso.

O Criador nos diz em Sua Palavra: “Eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim; que anuncio o fim desde o princípio e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho será firme . . .” (Isaías 46:9-10). Ele nos diz que somente Ele pode predizer o futuro e fazê-lo acontecer. Que poderoso testemunho do Deus Todo-Poderoso da Bíblia!

Apesar de ser um Deus Grandioso, Ele não é inacessível. Ele não está fora do nosso alcance. Nós *podemos* chegar a conhecer o nosso magnífico Criador!

A verdadeira chave para compreender Deus

Inspirada por Deus, a Bíblia nos dá a chave mestra para conhecê-Lo: “Como dizem as Escrituras Sagradas: “O que ninguém nunca viu nem ouviu,

e o que jamais alguém pensou que podia acontecer, foi isso o que Deus preparou para aqueles que o amam”. Mas foi a nós que Deus, por meio do Espírito, revelou o seu segredo. O Espírito Santo examina tudo, *até mesmo os planos mais profundos e escondidos de Deus*” (1 Coríntios 2:9-10, BLH, ênfase adicionada).

Precisamos saber—a partir da própria Escritura inspirada—quem é Deus e como Ele se relaciona e se revela a nós. Deus é uma pessoa, duas ou três? O que Jesus quis nos revelar sobre a natureza de Deus quando, continuamente, se referia a um Ser que Ele chamou de “o Pai”? As respostas tornam-se evidentes quando examinamos o que realmente nos diz as Escrituras.

O primeiro ponto importante que precisamos entender é que, como dito anteriormente, Deus se revela através da Sua Palavra. O Criador quer que homens e mulheres O entendam *tal como Ele se revela nas Escrituras Sagradas*. É importante considerar cuidadosamente esta verdade e não interpretar as nossas próprias ideias—ou conceitos errados—da Sua Palavra.

No primeiro livro da Bíblia encontramos um ponto vital sobre a natureza de Deus. Gênesis 1 registra muitos atos criativos de Deus antes de Ele criar a humanidade. Mas note o versículo 26: “E disse Deus: *Façamos* o homem *à nossa imagem, conforme a nossa semelhança*”.

Deus não usou em nenhum outro versículo anterior de Gênesis esta construção verbal, “*Façamos . . .*”. Por que agora Gênesis usa essa expressão no plural? Por que os tradutores da Bíblia através dos séculos entenderam que o plural era necessário nesse versículo?

Quem é o *Nós* [de *façamos*] mencionado aqui, e por que o plural *Nossa* também é duas vezes utilizado nesta frase? Durante todo o primeiro capítulo de Gênesis, a palavra hebraica traduzida como “Deus” é *Elohim*, um substantivo *plural* que denota mais de uma entidade. Por que o nosso Criador propositalmente usou estas expressões no plural? Deus é mais de uma pessoa? Quem e o que Ele é? Isso prova que Deus é uma trindade, como muitos supõem, ou está nos ensinando alguma outra coisa? Como podemos entender isso?

Devemos deixar que a Bíblia interprete a Bíblia

Um dos princípios mais fundamentais para se manter na mente a respeito da compreensão adequada da Palavra de Deus é simplesmente este: *A Bíblia interpreta a Bíblia*. Frequentemente devemos procurar em outro lugar nas Escrituras para obtermos mais luz sobre o significado de uma passagem em particular. O Novo Testamento lança muita luz sobre o Antigo, e vice-versa.

Podemos compreender Gênesis 1:26 muito melhor à luz de alguns dos escritos do apóstolo João. Ele começa seu Evangelho dizendo: “No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava *com* Deus, e o Verbo *era* Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (João 1:1-3).

Se você está *com* alguém, então você é uma pessoa *diferente e distinta da*

outra. O grego vigente diz aqui que Aquele chamado “o Verbo” estava com “o Deus”, enquanto o próprio Verbo também era “Deus”. A palavra não diz que o Verbo era “o Deus”, pois Eles não são a mesma entidade. Por isso, João descreve claramente *dois* seres divinos nesta passagem—Aquele chamado “o Deus” e outro referido como “Deus, o Verbo”, que estava com Ele.

Em certo sentido, poderíamos referir a João 1:1 como o verdadeiro início da Bíblia. Este descreve a natureza de Deus como Criador, mesmo antes do início descrito em Gênesis 1:1. Como *O Novo Comentário Bíblico Revisado* declara, “a contribuição distinta de João é para mostrar que antes da criação o Verbo já existia” (*The New Bible Commentary: Revised*, 1970, pág. 930).

Devemos considerar cuidadosamente o contexto desse capítulo crucial de João. O versículo 14 explica exatamente *quem*, de fato, este Verbo se tornou: “E o Verbo *se fez carne e habitou entre nós*, e *vimos a sua glória*, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade”.

O Verbo *foi concebido em carne como um ser humano físico*—Jesus Cristo. Embora plenamente humano, Ele refletiu perfeitamente o caráter divino de Deus. Como Hebreus 1:3 descreve, Jesus foi a “expressão exata do seu ser” (ARA). A Bíblia Cristã Padrão Holman traduz que Jesus foi “a representação exata da natureza” [do Pai]. (Para saber mais sobre o papel de Cristo como o Verbo de Deus, consulte “No Princípio Era o Verbo” a partir da página 43).

Jesus Cristo—“o Verbo da vida”

Aqui, então, temos *duas* grandes personagens, dois Seres que *não foram criados* e que são *eternos*—“o Deus”, ou Deus, o Pai, e “o Verbo”, que se tornou Jesus Cristo, ambos divinos—presidindo sobre a criação. Como, mais tarde, o teólogo britânico F.F. Bruce comentou sobre as passagens introdutórias do Evangelho de João: “A Pessoa do Verbo *não foi criada*, e não apenas *desfrutava da companhia divina*, como também *compartilha da essência divina*” (*A Mensagem do Novo Testamento [The Message of the New Testament]*, 1972, pág. 105). Este Verbo era e é Deus junto *com* o Pai.

Mais tarde, em sua primeira epístola, João acrescenta ao nosso entendimento: “O que *era desde o princípio*, o que *temos ouvido*, o que *temos visto com os nossos próprios olhos*, o que *contemplamos*, e as *nossas mãos apalparam*, com respeito ao *Verbo da vida*” (1 João 1:1, ARA). Aqui este mesmo “Verbo” (Jesus Cristo) no Evangelho de João é chamado “o Verbo da vida”.

É fácil ignorar a importância fundamental destes *versículos e deixar de ler corretamente o seu enorme significado*. Aquele que se tornou Jesus Cristo, declarou que existia no mesmo plano de existência do Deus, o Pai, nascido como um ser humano e observado por e através dos sentidos físicos dos seres humanos—particularmente pelos apóstolos de Seu núcleo interno, incluindo aquele que escreveu estas palavras, João. Esses homens tornaram-se apóstolos de Cristo—Seus emissários—e foram testemunhas especiais de Sua ressurreição.

João escreveu que o Verbo, que estava com Deus desde o início, viveu entre eles na carne humana. Porque Ele nasceu como um ser humano físico, os discípulos realmente viram, tocaram, conversaram e ouviram Aquele que era (como se tornará cada vez mais claro) um membro da *família divina*.

João continua: “E a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a *vida eterna*, a qual estava *com o Pai e nos foi manifestada*” (1 João 1:2, ARA). “*O Verbo da vida*” em 1 João 1:1 é chamado de “*a vida eterna*” no versículo 2.

João continua a dizer: “O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é *com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo*” (versículo 3, ARA). As Sagradas Escrituras revelam que Deus, o Pai, e Jesus Cristo formam uma *família divina* (discutiremos essa verdade bíblica com mais detalhes nos capítulos seguintes).

Eles têm uma relação familiar distinta e amorosa. Dirigindo-se ao Pai, Jesus disse: “Me amaste *antes da fundação do mundo*” (João 17:24, ARA). Ele não se refere aqui ao nosso limitado amor humano, mas ao amor divino do reino celestial.

Jesus Cristo foi o Criador!

O apóstolo João não escreveu apenas o quarto Evangelho e três epístolas, preservadas no Novo Testamento, mas também escreveu o livro de Apocalipse. Foi aqui, na mensagem às sete igrejas de Apocalipse, que *Jesus se identificou como Aquele que realizou a criação de Deus*: “Estas são as palavras do Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o *soberano* da criação de Deus” (Apocalipse 3:14 NVI).

Observe que a palavra traduzida como “soberano” também pode ser traduzida como “princípio”, e alguns tomam isso como significando que Jesus foi a primeira criação. Mas o sentido aqui é que Ele foi o *iniciador* ou *origem* da criação, um fato que o primeiro capítulo de João e outras passagens deixam claro. A Bíblia na Linguagem de Hoje, traduz este versículo assim: “Esta é a mensagem do Amém, da testemunha fiel e verdadeira, daquele por meio de quem Deus criou todas as coisas.”

Sim! Além de Jesus morrer pelos nossos pecados para que pudéssemos ser reconciliados com o Pai, *Ele é o nosso Criador*. O apóstolo Paulo nos diz em Efésios 3:9 que “Deus, tudo criou *por meio de Jesus Cristo*” (ACF). Assim, como Criador de todas as coisas, Jesus Cristo poderia pagar a pena por todos os pecados da humanidade, de todas as épocas—e é por isso que Pedro em Atos 4:12 nos diz: “Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (NVI).

Além disto, em Colossenses 1:16 Paulo escreve: “Porque nele [Cristo] foram criadas *todas as coisas que há nos céus* e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam

potestades; *tudo foi criado por Ele e para Ele*”.

Esta passagem é abrangente. *Jesus criou “todas as coisas que há nos céus”*—*todo o reino angélico*, que inclui um número incontável de anjos—e o universo indescritivelmente vasto, incluindo o planeta terra. Muitas pessoas não compreendem o fato bíblico claro que Jesus Cristo é o nosso Criador!

O livro de Hebreus confirma esta verdade maravilhosa, afirmando que Deus Pai “nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, *pelo qual também fez o universo*” (Hebreus 1:2, ARA). O abundante testemunho das Escrituras do Novo Testamento mostra que Deus Pai criou tudo *através* do Verbo—Aquele que, mais tarde, tornou-se Jesus Cristo. Assim, *ambos* os Seres divinos estavam intimamente envolvidos na criação.

O livro de Hebreus apresenta Cristo como o Ser por meio de quem o Pai fez com que o mundo do tempo e espaço viesse a existir, e por quem continua “sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder” (Heb 1:3). A Escritura, portanto, revela que Jesus não apenas *criou* o universo, mas também *O sustenta*. Ele é claramente muito maior do que a maioria das pessoas tem imaginado!

Os Salmos e a relação da família divina

Passagens chaves nos Salmos contêm o testemunho indubitável de Deus, o Pai, sobre Seu Filho, Jesus de Nazaré. Nelas encontramos que o Pai testemunhou antecipadamente o futuro e incrível papel do Verbo.

O escritor de Hebreus cita o Salmo 2: “Porque a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei por Pai, e ele me será por Filho?” (Hebreus 1:5; compare a Salmo 2:7, 1 Crônicas 17:13). Este era o destino profético do Verbo.

O Salmo 45:6 também mostra o Pai testemunhando sobre o Filho, como Hebreus 1:8 explica, citando-o: “Mas, do Filho, diz: Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos, cetro de equidade é o cetro do teu reino”.

Muitos que leram este capítulo de Hebreus, leram superficialmente este versículo, e não conseguiram captar sua enorme importância. *O Pai chama o Seu Filho, Jesus Cristo, Deus*. Cristo não é apenas o Filho de Deus. *Ele é Deus!* Ele é um membro da *família de Deus*. As Escrituras revelam Deus em termos de uma *relação de família*—Deus, o Pai, e Jesus, o Filho, estão juntos na família de Deus!

Nós vimos anteriormente a partir de João 1:14 que o Verbo, Jesus Cristo, “se fez carne e habitou entre nós . . . como o unigênito do Pai”. A palavra grega *monogenees*, traduzida por “unigênito” neste versículo e no versículo 18, confirma a relação familiar entre Deus, o Pai, e Aquele que se tornou Jesus Cristo.

O escritor Dr. Spiros Zodhiates, autor de vários livros sobre a língua grega usada na Bíblia, explica: “A palavra *monogenees* realmente é um composto

da palavra monos, ‘sozinho’, e a palavra *genos*, “raça, linhagem, família”. Aqui somos informados de que Aquele que veio para revelar Deus—Jesus Cristo—é da mesma família, *da mesma linhagem, da mesma raça que Deus é . . .* Há uma ampla evidência nas Escrituras de que *a Divindade é uma família . . .*” (*Cristo era Deus? A Defesa da Divindade de Cristo* [Was Christ God? A Defense of the Deity of Christ], 1998, pág. 21, grifo nosso).

A existência de Jesus Cristo antes de Abraão

Várias outras passagens do Evangelho de João revela detalhes significativos que nos ajudam a compreender mais plenamente quem é o que Jesus Cristo era antes de Sua encarnação—Sua concepção na carne como ser humano.

Refleta nesse relato posterior do capítulo 1: “No dia seguinte, viu João [Batista] a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! É este a favor de quem eu disse: após mim vem um varão que tem a primazia, porque *já existia antes de mim*” (versículos 29-30; comparar com o versículo 15, ARA).

João Batista nasceu antes de Jesus (Lucas 1:35-36, 57-60) e começou seu ministério antes de Cristo começar o Seu. No entanto, João Batista ainda disse sobre Jesus: “Já existia *antes* de mim” Por quê? Considerando o contexto do primeiro capítulo de João, a razão as palavras do João Batista têm que ser porque ele entendia que Jesus era o Verbo preexistente *antes* do Seu nascimento humano (João 1:14).

Ao lidar com as acusações dos fariseus em João 8, Jesus disse-lhes: “Ainda que eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei de onde vim [do lado do Pai no céu] e para onde vou; mas vós não sabeis de onde vim, nem para onde vou” (versículo 14).

Mais tarde, o apóstolo Paulo comentou sobre a falta de compreensão deles, “pois os que habitavam em Jerusalém e as suas autoridades, *não conhecendo Jesus* nem os ensinamentos dos profetas que se lêem todos os sábados, quando o condenaram, cumpriram as profecias” (Atos 13:27, ARA).

Assim, como no primeiro século, hoje relativamente poucas pessoas realmente compreendem quem era Jesus, de onde veio, o que está fazendo e o que ainda fará.

Mais tarde, em João 8, os judeus se reuniram ao redor de Jesus e lhe perguntaram: “Quem te fazes tu ser?” (versículo 53). Eles simplesmente não tinham ideia da verdadeira identidade de Quem estava falando com eles. *E hoje é a mesma coisa. Poucas pessoas realmente entendem as verdadeiras origens de Jesus Cristo*.

Ele, pacientemente, explicou: “Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se” (versículo 56). Mas como isto foi possível? O patriarca Abraão viveu por volta de dois mil anos antes do nascimento de Jesus. Portanto, aqueles que o ouviam desafiaram-No: “Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?” (Versículo 57). A esta pergunta Jesus deu uma

resposta surpreendente: “Em verdade, em verdade vos digo que, *antes que Abraão existisse, EU SOU*” (versículo 58).

Devemos fazer uma pausa por um momento para digerir o que Jesus disse.

Ele estava declarando que Sua existência precedia a de Abraão. Além disso, a frase “EU SOU” era um título bem conhecido da divindade para os judeus. Isso remonta ao primeiro encontro de Moisés com Deus na sarça ardente mais de quatorze séculos antes.

Um encontro crucial com Moisés

Naquela ocasião, quando Deus disse a Moisés que estava enviando-o para libertar os israelitas da escravidão no Egito, Moisés estava preocupado sobre como os israelitas o receberiam e sua incumbência dada por Deus. Então ele perguntou a Deus: “Eis que quando vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me disserem: Qual é o seu nome? Que lhes direi?” (Êxodo 3:13).

Observe a resposta do Criador: “E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós” (Êxodo 3:14).

Jesus Foi Enviado Pelo Pai

O Verbo preexistente, que mais tarde tornou-se Jesus Cristo, foi enviado a terra pelo Pai celestial. O Evangelho de João tem registrado esta verdade muitas vezes. “Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (João 3:17). O versículo 34 acrescenta: “Porque aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus”.

Jesus disse: “A minha comida é fazer a vontade *daquele que me enviou* e realizar a sua obra” (João 4:34; comparar João 5:30).

Mas de onde Cristo veio? O livro de João também deixa isso bem claro: “Ora, ninguém subiu ao céu, senão *o que [Cristo] desceu do céu*, o Filho do Homem, que [desde sua ascensão] está no céu” (João 3:13). Jesus ainda disse: “Porque eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade *daquele que me enviou*” (João 6:38). E Ele também disse às pessoas de Sua época: “Vós sois de baixo [da terra], *eu sou de cima*; vós sois deste mundo, *eu não sou deste mundo*” (João 8:23).

Jesus declarou explicitamente: “Saí do Pai e vim ao mundo; outra vez, deixo o mundo e vou para o Pai” (João 16:28). Assim, Jesus foi enviado pelo Pai e voltou para Ele, onde ambos presentemente existem juntos em glória e majestade (João 17:5, Hebreus 8:1; 12:2).

Note também o versículo seguinte: “E Deus disse mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O SENHOR, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós; este é meu nome eternamente, e este é meu memorial de geração em geração” (versículo 15).

Como é de praxe, na maioria das traduções de língua portuguesa em todo o Antigo Testamento, a palavra “SENHOR”, aqui com letras maiúsculas substitui a consoantes hebraicas *Y-H-W-H* (comumente conhecidas como o Tetragrama, que significa “quatro letras”). Hoje, ninguém sabe ao certo como pronunciar este nome, mas a pronúncia mais aceita hoje é *Iavé* (ou *Javé*). Antigamente uma maneira comum de pronunciar este nome, embora errônea, era *Jeová*.

Êxodo 6:3 e 15:3, assim como Números 6:22-27 referem-se a *YHWH* também como sendo o nome de Deus. O nome *YHWH* é muito semelhante em significado ao “EU SOU” (em hebraico *EHYH* ou *Eheyeh*). Ambas implicam eternidade, auto existência inerente (comparar João 5:26). Embora seja impossível traduzir com precisão e diretamente em português, *YHWH* transmite um significado de “Aquele Que Sempre Existe” ou “o Auto Existente”—ambos significando um Ser não criado, “Aquele que é Eterno”. Esta distinção somente se aplica a Deus, cuja existência é de eternidade a eternidade. Ninguém criou Deus.

Portanto, diante desse cenário, quando Jesus disse em João 8:58 que Ele precedeu a Abraão e se referiu a Si mesmo como de existência ininterrupta usando o termo “EU SOU”, realmente não deve restar nenhuma dúvida quanto ao que exatamente Ele queria dizer. Então, os judeus logo perceberam isso e imediatamente tentaram apedrejá-Lo até a morte (versículo 59). Jesus estava dizendo que Ele era *o próprio Deus de Israel*.

Para os judeus, não haviam dúvidas quem Jesus afirmou ser. Ele disse que Ele era o Único, o qual a nação de Israel entendia ser o único Deus verdadeiro. Ao reivindicar o nome “EU SOU”, Jesus estava dizendo que *Ele era o Deus que os hebreus conheciam como YHWH*. Este nome era considerado tão sagrado que um judeu devoto não o pronunciava. Este era um nome especial para Deus, que pode se referir apenas ao único Deus verdadeiro.

O escritor Dr Norman Geisler, em seu livro *Apologia Cristã [Christian Apologetics]*, conclui: “Em vista do fato de que o Jeová do Antigo Testamento judaico não quis dar seu nome, honra ou glória para outro [Isaías 42:8], não é de admirar que as palavras e atos de Jesus de Nazaré atraíram pedras e gritos de ‘blasfêmia’ dos judeus do primeiro século. As mesmas coisas que o Jeová do Antigo Testamento reivindicou para si mesmo, Jesus de Nazaré também reivindicou” (2002, *pág.* 331).

Quem era o Deus do Antigo Testamento?

Como o grande “EU SOU”, Jesus Cristo era a Rocha que estava guiando os filhos de Israel pelo deserto quando saíram do Egito (veja Deuteronômio

32:4). Paulo escreveu: “Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem; e todos passaram pelo mar, e todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar, e todos comeram de um mesmo manjar espiritual, e beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia [acompanhava]; e a pedra era Cristo” (1 Coríntios 10:1-4).

O “EU SOU” do Antigo Testamento é ainda descrito como cheio de “beneficência e verdade” (Êxodo 34:6). Da mesma forma, o Novo Testamento nos diz que Jesus era “cheio de graça e verdade” (João 1:14). Jesus Cristo é “o mesmo ontem, e hoje *e eternamente*” (Hebreus 13:8).

Cabe notar que há passagens no Antigo Testamento, onde *YHWH* claramente se refere ao Deus, o Pai. Por exemplo, no Salmo 110:1, o rei Davi declarou: “Disse o SENHOR [*YHWH*] ao meu Senhor . . .”. O *YHWH* aqui é o Pai falando com o Senhor de Davi, Aquele que se tornou Jesus Cristo. Muitas vezes, porém, o nome *YHWH* refere-se Àquele que se tornou Cristo—e, outras vezes, aplica-se tanto ao Pai e a Cristo juntamente, assim como o nome *Deus* frequentemente é referido.

Pondere que, exceto Jesus, nenhum ser humano jamais viu o Pai (João 1:18; 5:37; 6:46; 1 João 4:12). No entanto, Abraão, Jacó, Moisés e outros viram a Deus (Gênesis 18; 32:30; Êxodo 24:9-11; 33:17-23). Assim, o *YHWH*, o “EU SOU”, o Verbo, que mais tarde tornou-se Jesus Cristo foi quem eles viram. Ele era quem lidava diretamente com os seres humanos como Deus no tempo do Antigo Testamento.

Jesus Cristo morreu por nossos pecados e se tornou o mediador definitivo entre Deus e o homem (1 Timóteo 2:5), um papel que Ele já tinha cumprido parcialmente como o Verbo preexistente antes do Seu nascimento humano.

Assim, o Verbo era de fato o Deus do Antigo Testamento—e no entanto o Pai também cumpriu esse papel em um sentido muito real. Pois, Jesus lidou com a humanidade em nome do Pai, como Seu Porta-voz (comparar João 8:28; 12:49-50; e novamente, consulte a seção “No Princípio Era o Verbo”, a partir da página 43). Além disso, em muitas passagens do Antigo Testamento pode ser difícil distinguir entre estes dois grandes personagens, enquanto que o Novo Testamento é geralmente claro a este respeito.

Sem dúvida, desde que Jesus veio para revelar o Pai (Mateus 11:27), a conclusão lógica é que o Pai certamente não era conhecido por aquelas pessoas dos tempos do Antigo Testamento, com exceção de alguns patriarcas e profetas hebreus. O rei Davi, por exemplo, foi um desses que compreendeu.

Citado em parte, anteriormente, Hebreus 1:1-2 afirma: “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo” (ARA).

Nesta passagem de abertura do livro de Hebreus a implicação clara é que o Pai é a força motriz por trás de tudo no Antigo Testamento. No contexto, o versículo 2 interpreta o versículo 1. Embora Deus, o Pai, seja a principal

força detrás da Bíblia hebraica, foi através de Jesus Cristo que Ele criou todo o universo.

Além disso, o princípio vital da Bíblia interpretar a Bíblia nos ajuda a entender a intenção de Hebreus 1:1 à luz de outras escrituras. Assim tal como Deus criou o universo através da mediação do Verbo preexistente, Jesus Cristo, e criou todas as coisas por Ele (Efésios 3:9, Colossenses 1:16, João 1:3), igualmente Ele tem lidado com o homem através do mesmo mediador, Cristo, o Verbo.

Jesus—igualmente Deus e homem

Jesus Cristo hoje é o mediador entre Deus Pai e o homem. Mas, para cumprir perfeitamente esse papel crucial *Ele tinha que ter sido Deus e homem*. Ele foi verdadeiramente um homem em todos os sentidos da palavra ou não teríamos a salvação dos nossos pecados. O apóstolo Paulo O chama de “Jesus Cristo, homem” (1 Timóteo 2:5), assim como também o apóstolo Pedro O chama de “Jesus Nazareno, varão” (Atos 2:22).

Jesus Cristo: “A Rocha” do Antigo Testamento

O apóstolo Paulo afirma que o Deus do Antigo Testamento, conhecido pelos israelitas—Aquele que era a sua “Rocha” forte (ver Deuteronomio 32:4, Salmo 18:2)—foi o Único que conhecemos como Jesus Cristo.

Observe o que Paulo escreveu em 1 Coríntios 10:1-4: “Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem; e todos passaram pelo mar, e todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar, e todos comeram de um mesmo manjar espiritual, e beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia [ou acompanhava]; e a pedra era Cristo”.

Jesus foi Aquele que falou com Moisés e disse-lhe para retornar ao Egito para trazer os israelitas para a liberdade. Jesus era o SENHOR (*YHWH*), que enviou as pragas sobre o Egito. Ele foi o Deus que tirou os israelitas do Egito e os fez peregrinar por quarenta anos. Ele foi o Legislador que deu as leis a Moisés e com ele conversou regularmente. Ele era o Senhor Deus que lidava com Israel ao longo da sua história nacional.

Exatamente! Por mais surpreendente que possa parecer, Jesus Cristo é o SENHOR (*YHWH*) que, em muitas ocasiões, falou no Antigo Testamento.

Paulo nos diz que devemos ter a mesma atitude humilde e servil como a de Jesus Cristo, “pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, *a si mesmo se esvaziou* [de ser igual a Deus], assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, *a si mesmo se humilhou*, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.” (Filipenses 2:6-8, ARA).

A humanidade de Jesus foi total e completa no sentido de que Ele viveu uma vida como um ser humano físico e que terminou em morte. Ele ficou com fome e comeu, se cansou e descansou, andava e falava como qualquer outro ser humano. Não havia nada em sua aparência física para distingui-lo de outros homens judeus de Seu tempo (Isaías 53:2).

A diferença essencial estava na esfera espiritual. Jesus continuamente recebia o poder espiritual necessário do Pai (compare a João 5:30; 14:10). Na verdade, Ele possuía o Espírito de Deus desde a concepção, por ser gerado no ventre de Maria pelo Espírito Santo. Embora tentado como cada um de nós, Jesus *nunca* transgrediu a lei de Deus. Ele nunca pecou (2 Coríntios 5:21, Hebreus 4:15; 1 Pedro 2:22).

Uma das heresias mais insidiosas na história de dois mil anos de Cristianismo é a que diz que Jesus Cristo não *foi* realmente e completamente um homem—e que Ele realmente *não* foi tentado a pecar. O apóstolo João condenou veementemente esse ensinamento (1 João 4:3, 2 João 7).

Esta heresia começou no primeiro século e persiste até hoje, e continua a levar as pessoas para longe da verdade de Deus. Precisamos reconhecer que, se Jesus não tivesse sido realmente humano, então Seu sacrifício por nossos pecados seria inútil e em vão.

Filho do Homem e Filho de Deus

Jesus Cristo é chamado “o Filho do Homem” mais de oitenta vezes no Novo Testamento. E esse era o termo que Ele mais comumente usava em referência a Si mesmo.

Cristo se referiu várias vezes a si mesmo como o Filho do homem a respeito de Seu sofrimento e sacrifício de morte pelo pecados da humanidade (Mateus 17:22; 26:45, Marcos 9:31; 14:41). Embora de origem divina, Ele conscientemente identificava-se com nossa condição humana—as tristezas e sofrimentos da raça humana. O profeta Isaías O retratou como “um homem de dores e experimentado no sofrimento” (Isaías 53:3, NVI).

Pelo fato de compartilhar de nossas dificuldades e fraquezas humanas, Jesus disse: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve” (Mateus 11:28-30).

Ele também chamou a Si mesmo de ‘o Filho do homem’ quando se referiu ao Seu papel de futuro Governante da humanidade no Reino de Deus (Mateus 19:28). Ele também usou esse termo quando se descreveu como “o Senhor

do Sábado”, ao explicar que o Sábado do sétimo dia *deve ser observado com misericórdia e compaixão* (Marcos 2:27-28, Mateus 12:8, Lucas 6:5).

E, quando veio para a região de Cesaréia de Filipe, Jesus perguntou aos seus discípulos: “Quem dizem os homens ser *o Filho do Homem*?” (Mateus 16:13). Eles responderam, contando várias crenças comuns, mas errôneas, sobre a identidade de Jesus. Então, Simão Pedro respondeu dizendo: “Tu és o Cristo [o Messias], *o Filho do Deus vivo*” (versículo 16).

Jesus observou que o próprio Pai tinha revelado essa verdade maravilhosa a Pedro (versículo 17). E todos os Seus apóstolos vieram a reconhecer a

Os Apóstolos Entenderam Que Jesus é o Criador

O livro de Hebreus fala do Filho de Deus como o Ser através do qual Deus criou o mundo (Hebreus 1:2) e que “põe em ordem o universo com a poderosa força da sua autoridade” (versículo 3, NVI). Somente Deus é grande o suficiente para fazer tais coisas.

João confirma que Jesus era o Verbo divino através do qual Deus criou o universo: “Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (João 1:3; ver versículos 1-3, 14).

Paulo declara diretamente sobre o “Deus, que tudo criou por meio de Jesus Cristo” (Efésios 3:9, ACF). Ele escreve em outro lugar a respeito de Jesus: “Porque Nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por Ele e para Ele” (Colossenses 1:16). Ele acrescenta, no versículo 17, “e todas as coisas

subsistem por Ele”.

O Antigo Testamento apresenta Deus como Criador do universo (Gênesis 1:1, Isaías 40:25-26, 28). Quando Jesus disse aos primeiros cristãos que Ele era Aquele através do qual todas as coisas foram criadas, eles entenderam claramente que *Jesus é Deus*.

Jesus afirmou ser tudo o que Deus é, e os discípulos creram e assim ensinaram. Eles entenderam que Jesus era “a expressão exata do seu Ser [do Pai]” (Hebreus 1:3, ARA) e “a imagem do Deus invisível” (Colossenses 1:15), e que “em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Colossenses 2:9, NVI).

Eles entenderam exatamente quem Ele era e ainda mais por causa de Suas próprias palavras e ações. Não havia dúvida em suas mentes. Eles tinham visto e provado uma e outra vez. Eles iriam para sua empreitada de martírio com essa convicção.

mesma verdade, que é reafirmada em outras partes do Novo Testamento (Mateus 14:33, João 20:31, Romanos 1:3-4).

De fato, enquanto Jesus era plenamente humano também era mais do que simplesmente humano—pois, Ele era, de fato, o divino Filho de Deus com tudo o que o nome implica. Sem dúvida, como vimos, Ele era o Deus Criador que veio em carne. E depois que Sua vida humana acabou, Ele voltou para a glória divina que tinha compartilhado com o Pai desde a eternidade (João 17:5). (Para saber muito mais sobre quem era Jesus e os acontecimentos de Sua vida, morte e ressurreição, não se esqueça de baixar ou solicitar o nosso livro gratuito *Jesus Cristo: A Verdadeira História* em portugues.ucg.org/estudos)

Vemos, então, que há uma pluralidade em Deus e que Jesus Cristo é Deus, juntamente com o Pai. Embora reconheça isso, a doutrina da trindade encontra-se errada ao apresentá-los como pessoas em um único ser juntamente com o Espírito Santo.

Jesus Cristo afirmou ser Deus?

Além de reivindicar diretamente, em João 8:58, ser o “EU SOU” e atrair uma multidão de judeus que tentaram apedrejá-Lo como resultado de tal afirmação (versículo 59), como explicado neste capítulo, Jesus igualou-se a YHWH do Antigo Testamento de outras maneiras também. Vamos ver algumas delas.

Jesus disse de Si mesmo: “Eu sou o bom pastor” (João 10:11). Davi, no primeiro versículo do famoso Salmo 23, declarou que “O SENHOR [YHWH] é o meu pastor”.

Jesus afirmou ser juiz de todos os homens e nações (João 5:22, 27). Ademais, Joel 3:12 diz que o SENHOR [YHWH] se “assentará para julgar todas as nações”.

Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo” (João 8:12). Isaías 60:19

diz: “O SENHOR [YHWH] será a tua luz perpétua, e o teu Deus, a tua glória”. Além disso, Davi diz no Salmo 27:1: “O SENHOR [YHWH] é a minha luz”.

Jesus pediu em oração que o Pai O levasse de volta para a glória divina: “E, agora, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse” (João 17:5).

Em Apocalipse 1:17 Jesus diz que Ele é o primeiro e o último, que é idêntico ao que YHWH diz de Si mesmo em Isaías 44:6: “Eu sou o primeiro e eu sou o último”.

Não há dúvida de que Jesus entendia-Se como o SENHOR [YHWH] do Antigo Testamento.

Quando Jesus foi preso, Seu uso aparente do termo “EU SOU” teve um efeito eletrizante

sobre aqueles que o prendiam. “Quando, pois, lhes disse: Sou eu, recuaram e caíram por terra” (João 18:6). Mais uma vez Ele afirma ser o “EU SOU” das Escrituras do Antigo Testamento.

“Eu e o Pai somos um”

Jesus fez outra declaração aos enfurecidos judeus de Seus dias em João 10: “Eu e o Pai somos um” (versículo 30). Ou seja, o Pai e Jesus eram ambos divinos. Tal como acontece quando Se declara ser o “EU SOU” em João 8, não houve nenhuma reação de incompreender o que Ele disse, porque “os judeus pegaram, então, outra vez, em pedras para O apedrejarem” (João 10:31).

Jesus respondeu: “Tenho-vos mostrado muitas obras boas procedentes de meu Pai; por qual dessas obras me apedrejais? Os judeus responderam, dizendo-lhe: Não te apedrejamos por alguma obra boa, mas pela blasfêmia, porque, sendo tu homem, *te fazes Deus a ti mesmo*” (versículos 32-33).

Os judeus entenderam perfeitamente o que Jesus quis dizer. Ele estava dizendo-lhes claramente sobre Sua divindade.

João 5 também registra ainda outro exemplo no qual Jesus enfureceu os judeus com Suas afirmações de divindade. E isso foi o que aconteceu logo após ele curar um homem aleijado no tanque de Betesda no Sábado. Então, os judeus procuravam

matá-Lo porque Ele fez isso no Sábado, um dia em que a lei de Deus tinha declarado que nenhum trabalho era para ser feito (o qual eles mal interpretaram ao incluírem o que Jesus estava fazendo).

Jesus então deu uma declaração que os judeus só poderiam entender de uma única maneira: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também”. A resposta deles às Suas palavras? “Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só quebrantava o Sábado [de acordo com a interpretação deles], mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, *fazendo-se igual a Deus*” (João 5:16-18).

Jesus estava igualando Suas obras com as obras de Deus e afirmando que Deus era Seu Pai, de um modo especial—e, evidentemente, um verdadeiro filho é do mesmo gênero de ser como é seu pai.

Jesus alegou ter autoridade para perdoar pecados

Jesus também alegou ser divino, de várias maneiras. Ao curar um paralítico, Ele também lhe disse: “Filho, perdoados estão os teus pecados” (Marcos 2:5). Os escribas que ouviram isso arrazoaram que Ele estava blasfemando, porque eles compreenderam corretamente e ponderaram: “Quem pode perdoar pecados, senão Deus?” (Versículos 6-7).

Respondendo aos escribas,

Jesus disse: “Por que vocês estão remoendo essas coisas em seu coração? . . . Mas, para que vocês saibam que o Filho do Homem tem na terra autoridade para perdoar pecados, disse ao paralítico: ‘Eu lhe digo: Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa’” (versículos 8-11, NVI).

Os escribas sabiam que Jesus estava reivindicando uma autoridade que pertencia somente a Deus. Além disso, o SENHOR (YHWH) é Aquele retratado no Antigo Testamento que perdoa o pecado (Jeremias 31:34).

Cristo afirmou poder ressuscitar os mortos

Jesus reivindicou outro poder que só Deus possuía—o de ressuscitar os mortos. Vejamos Suas declarações em João 5:25-29 (ARA): “Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão . . . todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: Os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo”.

Não havia dúvida sobre o que Ele quis dizer. Ele acrescentou, no versículo 21, “Pois assim como o Pai ressuscita os mortos e os vivifica, assim também o Filho vivifica aqueles que quer”. Antes de Jesus ressuscitar Lázaro dos mortos, Ele disse a Marta, irmã

de Lázaro: “Eu sou a ressurreição e a vida” (João 11:25). Ele disse sobre cada pessoa o Pai trouxe para Ele nesta era: “Eu o ressuscitarei no último dia” (João 6:44; ver versículos 40, 54).

Vamos comparar isso com 1 Samuel 2:6, onde nos diz que “o SENHOR [YHWH] é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz tornar a subir dela”. Paulo nos diz em 2 Coríntios 1:9 que “é Deus quem ressuscita os mortos”.

A relação especial de Jesus com Deus, o Pai

Jesus entendia-Se ser único em Sua estreita relação com Deus, o Pai, na qual Ele era Aquele que unicamente poderia revelar o Pai. “Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mateus 11:27).

O escritor William Lane Craig, escrevendo em defesa da fé cristã, disse que este versículo “nos diz que Jesus afirmou ser o Filho de Deus num sentido exclusivo e absoluto. Jesus diz aqui que a sua relação de filho com Deus é única. E ele também afirma ser o *único* que pode revelar o Pai aos homens. Em outras palavras, Jesus afirma ser a revelação absoluta de Deus” (*A Crença Razoável: Um Estudo da Fé Cristã*, 1994, pág. 246).

Ele ainda declarou: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida.

Ninguém vem ao Pai senão por mim” (João 14:6).

Cristo alega possuir o direito de decidir o destino eterno das pessoas

Em várias ocasiões, Jesus afirmou que Ele era Aquele através do qual homens e mulheres poderiam alcançar a vida eterna. “Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: que todo aquele que vê o Filho e crê nele tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último Dia” (João 6:40; comparar versículos 47, 54). Novamente, como já vimos, Ele não apenas diz que as pessoas devem acreditar Nele, mas também que Ele é O Único que pode ressuscitá-los no fim. Nenhum simples homem pode assumir este papel.

O escritor Craig acrescenta: “Jesus afirmou que as atitudes das

pessoas em direção a Si mesmo seria o fator determinante no julgamento de Deus no dia do juízo. ‘E digo-vos que todo aquele que me confessar diante dos homens, também o Filho do Homem o confessará diante dos anjos de Deus. Mas quem me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus’ (Lucas 12:8-9).

“Não se engane: Se Jesus não fosse o filho divino de Deus, então esta afirmação só poderia ser considerada como um dogmatismo muito estrito e censurável. Para Jesus estar dizendo que a salvação das pessoas depende da sua confissão ao próprio Jesus” (pág. 251).

A conclusão é inescapável: Jesus proclamou ser divino como o Pai e também disse possuir autoridade e prerrogativas que pertencem somente a Deus!

“No Princípio Era o Verbo”

O apóstolo João inicia seu relato sobre a vida de Jesus Cristo com esta declaração: “No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez . . . E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio

de graça e de verdade” (João 1:1-3, 14).

Assim, este “Verbo”—o termo grego aqui é *Logos*—tornou-se em um ser humano de carne e osso, Jesus Cristo. E Ele ainda carrega o nome de “A Palavra de Deus” (Apocalipse 19:13).

Como devemos entender isso? Deus criou o universo através deste Verbo preexistente que se tornou Cristo. O Verbo estava *com*

Deus e, ao mesmo tempo, Ele próprio *era* Deus. Muitos usam esse argumento para defender a trindade, alegando que duas pessoas divinas apresentadas aqui como um único ser. Mas é isso o que se significa?

Observe que no original grego, “o Verbo” estava com “o Deus” e Ele mesmo era “Deus” (neste caso sem o artigo ‘o’). O Verbo não era o Deus, pois Eles não eram a mesma entidade. Mas Ele ainda era Deus.

Devemos entender “Deus” aqui como um gênero de ser [ou ‘espécie’, ou ‘tipo’]—do gênero de Deus que é vivente, divino, santo e eterno—assim como o nome desse gênero de ser. O apóstolo Paulo diz *toda a família divina toma o nome do Pai*, inclusive Cristo e outros que mais tarde se acrescentem à família (Efésios 3:14-15).

Assim, “no princípio era o Verbo [Cristo], e o Verbo estava com o Deus [o Pai], e o Verbo era [também chamado] Deus”. É claro, o Verbo não poderia ser *chamado* Deus a não ser que Ele [Cristo] fosse ‘como’ o Pai. Isto quer dizer que, Deus é *quem* Ele era, assim como o que Ele era (e é).

Temos aqui, então, *dois* seres divinos—e não *um único* ser de três pessoas como ensina a trindade. No entanto, por quê que o Ser divino que se tornou Cristo foi chamado de “o Verbo”? O que isso significa?

O Anjo da Presença de Deus

Das muitas referências do Antigo Testamento a anjos de Deus, existem algumas (Gênesis 16:10-13; 22:11-12; Êxodo 3:2-6; Juízes 13:3-22), onde Aquele que é chamado de “Anjo do SENHOR” é também identificado como “o SENHOR”. Mas como pode um anjo de Deus ser o próprio Deus? Este é, evidentemente, a mesma figura referida como “o Anjo da Sua Presença” em Isaías 63:9, bem como o “Anjo” de Deus enviado para liderar os israelitas através do deserto para a terra prometida (Êxodo 14:19; 23: 20).

A palavra “Anjo” aqui pode causar confusão, pois normalmente é usada para se referir a seres espirituais criados e que são inferiores a Deus. No entanto, a palavra hebraica *malak* no Antigo Testamento, da qual a palavra “anjo” é traduzida, simplesmente significa “mensageiro”, o que é o mesmo significado da equivalente palavra grega *angelos*, no Novo Testamento, (da qual a palavra portuguesa *anjo* é derivada).

Em hebraico e grego, essas palavras podem significar tanto um mensageiro humano como um espiritual. Por esta razão devemos olhar para o contexto para determinar qual gênero de mensageiro se refere. Neste caso, temos o *Mensageiro de Deus, que também é Deus*. Sem dúvida, existe apenas uma entidade que se encaixa nesta descrição. É um paralelo exato com

o Verbo de Deus, que também é Deus.

Analisemos uma profecia do Antigo Testamento declarada no Novo Testamento que se refere a João Batista e Jesus Cristo. Deus disse: “Eis que eu envio o meu mensageiro [*malak*, aqui João Batista], que preparará o caminho diante de mim; de repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo [*malak*] da Aliança [isto é, Jesus Cristo, o Mediador da Nova Aliança], a quem vós desejais; eis que ele vem” (Malaquias 3:1 [ARA]; comparar Mateus 11:9-11, Marcos 1:1-2, Hebreus 12:24).

O “Senhor” aqui é Deus, pois Ele vem para “Seu templo”. No entanto, Ele também é um Mensageiro—um *malak*, o termo usado para anjo em outros lugares. Jesus é, portanto, o Senhor Deus. No entanto, Ele também é o Mensageiro de Deus Pai. E o papel de Cristo como Mensageiro tem grande influência sobre Sua distinção como o Verbo de Deus.

O Porta-voz e o significado literal de Logos

Como o Mensageiro de Deus, Jesus falou em nome de Deus. Ele assim o fez quando Ele veio à terra como um homem. E também fez isso na criação do universo. A declaração de João 1:3, que Deus fez tudo por meio do Verbo, que se tornou Cristo, também é evidenciada em outras Escrituras (ver Efésios 3:9 ACF,

Colossenses 1:16-17).

Isso se encaixa perfeitamente com passagens bíblicas anteriores: “Pela palavra do SENHOR foram feitos os céus . . . Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu” (Salmo 33:6, 9). Quem estava falando nessa ocasião? A partir dessas referências, é muitíssimo claro que Deus Pai fez o trabalho de criação pelo, ou através, do Verbo que se tornou Jesus.

Jesus Cristo é Aquele que *falou* para o universo existir—mas somente a pedido do Pai. Jesus explicou isso em João 8:28: “Nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou”. E João 12:49-50: “Porque eu não tenho falado de mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, ele me deu mandamento sobre o que hei de dizer e sobre o que hei de falar . . . Portanto, o que eu falo, falo-o como o Pai me tem dito”.

Jesus é, portanto, o Porta-voz do Pai, um papel que alguns têm comparado ao nome *Logos*. Isto é perfeitamente legítimo, mas o assunto requer alguma explicação já que *logos*, literalmente, não se refere a um orador, mas ao que é falado.

O que realmente significa o termo grego *logos*? O *Dicionário Avançado de Strong* (1992) apresenta os seguintes significados, entre outros: “Uma palavra, dita por uma voz viva . . . o que alguém disse . . . um discurso falado contínuo . . . doutrina,

ensino . . . razão, a faculdade mental de pensar”.

A *Bíblia de Estudo HCSB* observa: “Assim como o verbo *lego* [falar] relacionado, o substantivo *logos* na maioria das vezes refere-se tanto à comunicação oral como à escrita. O substantivo *logos*, em alguns contextos, também pode significar *declaração* ou *informação*” (2010, pág. 1801, “Logos”, ênfase no original).

Também é possível que a maneira dos judeus usarem a palavra *logos* durante o primeiro século, possa estar relacionado com o uso da palavra *logos* em João 1. Mas esta questão permanece: Como devemos entender Cristo, visto que o significado literal de *Logos* é ‘o que é falado’ [a Palavra], quando nós sabemos que Ele é Aquele que fala por Deus?

Ambos Mensageiro e Mensagem

Como uma forma de resposta, vamos perguntar: Como seria se todos os outros títulos de Cristo fossem entendidos dessa forma? Por exemplo, o que dizer sobre “o Alfa e o Ômega” em Apocalipse 1:8? Cristo é realmente as duas letras do alfabeto grego? E o que dizer sobre “o Cordeiro de Deus” em João 1:36? É Cristo é literalmente uma ovelha? Assim, fica fácil ver que os títulos na Bíblia, muitas vezes, têm significados figurativos.

Pensemos por um momento que as figuras de linguagem ainda devem seguir uma certa lógica. O que você acha que significaria se você chamasse alguém de sua “Palavra” [ou seu “Verbo”]? Seria, sem dúvida, muito semelhante ao que Paulo quis dizer quando escreveu à congregação de Corinto: “Vós sois a *nossa carta*, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens” (2 Coríntios 3:2).

Os membros da igreja em Corinto não eram *literalmente* uma carta ou epístola escrita. Paulo estava usando uma linguagem abstrata, com um significado subjacente ao concreto. Quando você escreve uma carta, você comunica seus pensamentos aos outros. Os Coríntios, Paulo estava dizendo, agiram representando suas ideias. Eles expressaram, através da sua conduta e palavras, tudo o que ele lhes havia ensinado e guardado. Não é exatamente o que você pensaria se você chamasse alguém de sua “Palavra” [ou seu “Verbo”]?

O *Novo Dicionário Bíblico Unger* lança mais luz sobre o assunto, explicando: “As palavras são o veículo para a revelação dos pensamentos e intenções da mente aos outros. Na Pessoa do *Logos* encarnado, Deus se fez totalmente conhecido pelo homem. Nada podia ser conhecido pelo homem a respeito de Deus se não fosse revelado pela divindade encarnada. Cristo

como ‘a Palavra’ [o Verbo] constitui a revelação divina completa e final” (1988, pág. 780, “Logos”).

Vamos considerar novamente o papel de Cristo como Mensageiro de Deus. Cristo representava o Pai exatamente. Ele viveu tudo o que o Pai mandou e transmitiu os pensamentos de Seu Pai aos seres humanos. Ele falou em nome de Seu Pai como Portavoz de Deus. Mas a mensagem trazida por Cristo não implicava somente em falar. Em vez disso,

Sua própria vida transmitiu uma mensagem.

Na verdade, *o próprio Jesus é tanto Mensageiro quanto Mensagem*. A maneira como Ele viveu nos ensinou como viver. A Sua própria humildade de vir na carne e dar a Sua vida em sacrifício fala muito sobre o amor insondável de Deus. Jesus Cristo é a Palavra de Deus, o Verbo de Deus. Tudo o que Ele disse, tudo que Ele fez e tudo o que Ele passou, é a Palavra de Deus para nós.

A Alegação Dos Discípulos de Jesus

As afirmações daqueles que O conheciam pessoalmente e foram ensinados por Jesus, e que depois escreveram a maior parte do Novo Testamento, são totalmente consistentes com as declarações de Jesus sobre Si mesmo. Seus discípulos eram judeus monoteístas. O fato de eles concordarem que Jesus era Deus, e depois dar suas vidas por essa crença, nos mostram que eles comprovaram por si mesmos que as asseverações que Jesus fez de Si mesmo eram tão convincentes a ponto de não deixar dúvidas em suas mentes.

O escritor do primeiro Evangelho, Mateus, inicia com a história do nascimento virginal de Jesus.

Mateus comenta sobre este evento milagroso citando Isaías 7:14: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de EMANUEL. (EMANUEL traduzido é: Deus conosco)” (Mateus 1:23). Mateus está deixando claro que ele entende que essa criança é Deus—“*Deus conosco*”.

João também deixa explícito no prólogo do seu Evangelho: “No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus . . . *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós*” (João 1:1, 14).

Alguns dos discípulos de Jesus O chamaram diretamente de Deus. Quando Tomé viu suas feridas, ele exclamou: “Senhor

meu, e Deus meu!” (João 20:28). Alguns veem isso simplesmente como uma expressão de surpresa. Mas tal uso profano do nome de Deus seria inaceitável entre os judeus daquela época. Paulo refere-se a Jesus em Tito 2:13 como o *“grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo”*. Pedro também O chama de *“nosso Deus e Salvador Jesus Cristo”* (2 Pedro 1:1).

O livro de Hebreus é o mais

enfático ao dizer que Jesus é Deus. Hebreus 1:8, ao aplicar o Salmo 45:6 a Jesus Cristo, afirma: “Mas, do Filho, [o Pai] diz: Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos”. Outras partes de Hebreus explicam que Jesus é superior aos anjos (1:4-8, 13), superior a Moisés (3:1-6) e maior do que os sumos sacerdotes (4:14-5:10). Ele é maior que todos estes, porque *Ele é Deus*—juntamente *com* o Pai.

“Há um só Deus, o Pai . . . e um só Senhor, Jesus Cristo”

Uma série de passagens bíblicas identificam Jesus Cristo como Deus, junto com Deus Pai. No entanto, alguns afirmam que o apóstolo Paulo em 1 Coríntios 8 negava a divindade de Cristo ao empregar a distinção de Deus exclusivamente ao Pai. Vamos analisar o que Paulo estava realmente dizendo aqui—e o que não estava.

Em uma discussão sobre se os cristãos podiam comer carne sacrificada aos ídolos, Paulo concordou que os ídolos eram impotentes e representavam falsos deuses, afirmando: “assim que, quanto ao comer das *coisas* sacrificadas aos ídolos, sabemos que o ídolo nada é no mundo e que *não há outro Deus, senão*

um só. Porque, ainda que haja também *alguns* que se chamem deuses, quer no céu quer na terra (como há muitos deuses e muitos senhores), todavia, *para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas*, e nós por ele” (1 Coríntios 8:4-6).

O fato de que “*para nós há um só Deus, o Pai*”, significa que Jesus também não pode ser Deus? Inicialmente pode parecer isso. Mas observe uma questão paralela baseada na mesma passagem: Será que o fato de que “*para nós há . . . um só Senhor, Jesus Cristo*”, significa que o Pai não pode também ser Senhor?

Isto obviamente não é o caso,

pois o Pai é, certamente, Senhor—que significa Mestre e Governante. Assim Jesus orou: “Graças te dou, ó Pai, *Senhor do céu e da terra*” (Mateus 11:25). E Apocalipse 11:15 menciona o Reino “*de nosso Senhor e do Seu Cristo*”. Sem dúvida, Jesus é Senhor, mas, evidentemente, o Pai é Senhor acima dEle. Isso não contradiz a afirmação de Paulo. E nem outros versículos que proclamam a divindade de Cristo.

Em vez de excluí-Lo de ser Deus, uma leitura cuidadosa de 1 Coríntios 8:4-6 deve nos ajudar a ver que Jesus está *incluído* na identidade divina. Paulo está afirmando brevemente o contraste entre o politeísmo pagão (a crença em muitos deuses) e verdadeiro monoteísmo (a crença em um só Deus). Mas por que ele não limita a sua afirmação que “*não há outro Deus, senão um só*” afirmando simplesmente que “*há um só Deus, o Pai*”? Por que ele neste contexto igualmente menciona “*um só Senhor, Jesus Cristo*”?

Certamente é *porque Jesus é uma parte importante do que é Deus*. Como em outros lugares, Paulo mostra aqui que, enquanto “*todas as coisas*”—todo o mundo e domínios criados, tanto físicos como espirituais—no fim das contas, *provêem de Deus Pai*, tudo foi realmente criado *através de Jesus Cristo*. E Jesus governa sobre tudo como Senhor em

sujeição ao Pai.

“Senhor” significa uma divindade designada?

Alguns afirmam que dos termos “Deus” e “Senhor” usados aqui, apenas “Deus” designa a divindade no contexto. É verdade que o termo *Senhor* nem sempre denota divindade. Pode se referir a qualquer mestre—divino, humano ou outro. No entanto, devemos observar o paralelismo em que Paulo escreveu. Ele se refere aos “*que se chamam deuses*” dos pagãos tanto como “*muitos deuses e muitos senhores*”. Assim, ele inclui o último termo ‘*senhores*’ designando deidade—como se os deuses imaginários dos pagãos ou governantes humanos fossem divinos. Em paralelo, Paulo se refere ao verdadeiro Deus tanto como “*um só Deus*” e “*um só Senhor*”. Então, ‘*Senhor*’ neste contexto também designa a divindade.

Na verdade, a passagem aqui reconhece muito mais o poder e o governo pertencendo ao Senhor Jesus Cristo do que os sistemas pagãos atribuem aos seus inúmeros deuses. Este ponto é vital para a compreensão do assunto em questão. Paulo admite o rótulo de “deuses” aos objetos de adoração pagã, os quais tinham individualmente, de acordo com a crença deles, uma esfera de poder limitado. No entanto, ele realça que Jesus, “*pelo qual são todas as coisas*”, é o Criador de

tudo o que existe, inclusive nós mesmos!

Pela própria terminologia que Paulo emprega aqui, Jesus tem que ser classificado como divino. Pois como pode, por exemplo, a deusa imaginária Afrodite ou Vênus, deusa do amor, aparecendo como a estrela da noite, ser classificada como divindade, enquanto Jesus, *Criador* de todas as estrelas, do homem, da mulher e do amor humano—que tem maior poder e senhorio do que esses supostos deuses e deusas pagãos juntos—não ser classificado como divindade?

Com isto em mente, alguns

Então, se ambos, Pai e Filho, são Deus e ambos são Senhor, por que Paulo Os dividiu como “um só Deus, o Pai” e “um só Senhor, Jesus Cristo”?

designam Jesus como *um* deus—mas isso implicaria ter poder sobre uma esfera limitada. Todavia Jesus tem domínio *sobre tudo* o que existe com apenas uma exceção—o Pai, que é superior a Ele. Jesus está, portanto, subordinado ao Pai, mas o Pai Lhe confiou “toda a autoridade” e “todas as coisas” (Mateus 28:18, 1 Coríntios 15:27-28). E, como explicado, Jesus está em perfeito e total acordo com o Pai.

Ambos são cruciais para definir Deus

Então, se ambos, Pai e Filho, são Deus e ambos são Senhor,

por que Paulo Os dividiu como “um só Deus, o Pai” e “um só Senhor, Jesus Cristo”? Não nos é dito explicitamente, mas a classificação é usada em outro lugar nas Escrituras. No Salmo 110:1, o rei de Israel Davi se refere a um intermediário entre Deus e si mesmo como Senhor. O versículo começa: “Disse o SENHOR [YHWH] ao meu Senhor . . .” Assim como o Novo Testamento deixa claro, YHWH (o Deus Eterno), neste caso, designa o Pai, que está falando com Aquele que se tornou Jesus Cristo, Senhor imediato de Davi, governando em nome do Pai.

Temos também a oração de Jesus ao Pai na noite antes de Sua morte, em que Ele afirmou: “E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17: 3). Alguns consideram este versículo também como uma negação à divindade de Cristo, mas certamente não é. Além do fato de que Jesus disse isso enquanto seu poder estava limitado em carne humana, quando somente o Pai poderia agir em todo o universo como Deus (João 5:30; 14:10), a intenção óbvia é que Ele estava apontando para o Pai, como o

verdadeiro foco de nossa adoração, em que Ele próprio é o representante do Pai, servindo de intermediário.

É evidente que esse último fato era o que Paulo também tinha em mente. Ao declarar o Pai como o “um só Deus”, ele estava se referindo a *exclusividade da posição, e não a exclusividade da natureza divina*. Assim como o próprio Cristo disse, Paulo estava reconhecendo o Pai como o Ser Supremo sobre todos, o foco da nossa adoração. Enquanto que “todos devem honrar o Filho como honram o Pai” (João 5:23), torna-se claro que honrar ao Filho é relativo a honrar ao Pai. Nós honramos o Filho desta forma, porque o Pai assim ordenou. Assim, o Filho não é o “um só Deus”, no sentido do Ser Supremo, e Paulo, portanto, não O inclui nessa designação.

Mas isso não exclui o Filho de ser Deus no sentido de compartilhar o mesmo nível de existência e o governo com o Pai sobre tudo—e de agir como Deus, em nome do Pai por toda a eternidade, passado e futuro. Porque o Filho é Deus de fato, neste sentido estrito. Assim, se Paulo tivesse referido a Jesus como Deus, neste contexto particular em que ele negava o politeísmo e qualificava o Pai como “um só Deus”, isso poderia resultar em confusão para muitas pessoas. Então, ele escolheu usar uma distinção diferente, *Senhor*—o mesmo título

que Paulo normalmente usava para Jesus em seus escritos.

A designação de Jesus como “um só Senhor”, enfatiza Seu papel como Aquele que exerce o governo de Deus sobre a criação—o ponto é que o Pai não atua diretamente, mas atua por meio de Jesus Cristo. Este fato é um aspecto crucial da definição de Deus. E particularmente para nós, assim como Davi reconheceu, Jesus é nosso Senhor e Mestre *imediato*—e o Pai sendo o Senhor e Mestre *supremo*. Mas não há uma divisão de lealdade, pois a devoção a Cristo é o *caminho* de dedicação ao Pai. E assim novamente o fato de que o Pai seja Senhor não contradiz a Jesus ser o “um só Senhor”. Isto é, porque o domínio do Pai e do Filho, não está dividido. Pelo contrário, o Pai governa *através* do Filho.

Então, isso, em contraste com as divindades pagãs concorrentes do politeísmo, é uma breve explicação de Paulo sobre o verdadeiro monoteísmo—Deus, o Pai, que é supremo, trabalhando por meio do Filho, que realiza perfeitamente a Sua vontade, e estes dois sendo um em perfeita união. E é, através de Jesus, que nós adoramos e servimos ao Pai. Assim, seremos capazes de ver que Paulo em 1 Coríntios 8 não estava negando a divindade de Cristo, mas sim, afirmando-a através de palavras cuidadosamente escolhidas.

O Plano de Deus Para “Trazer Muitos Filhos à Glória”

O Pai e Jesus têm, desde o início, planejado aumentar o Seu gênero de seres, [ou pela falta de melhor palavra em Português, seres da Sua “espécie”]. A “espécie” de Deus é uma família! É chefiada pelo Pai e, agora, consiste do Pai e do Filho, Jesus Cristo. Efésios 3:14-15 menciona “o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual *toda a família* nos céus e na terra toma o nome”.

O Pai e Jesus Cristo existiam desde o princípio e sempre existirão. É Seu plano e vontade adicionar à Sua “espécie”—“*trazendo muitos filhos à glória*” (Hebreus 2:10). Assim como toda a vida foi criada para reproduzir a sua própria espécie como afirmado em Gênesis 1, assim Deus formou o homem segundo a “espécie” de Deus. Este é o significado final do versículo 26, onde Deus diz: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”.

Este é um processo de dois estágios. Primeiro, Deus criou o homem físico, do pó da terra. Então, através da conversão, da fé em Cristo e da obediência à lei espiritual do amor de Deus, cada pessoa torna-se espiritualmente uma “*nova criatura*” (2 Coríntios 5:17, Efésios 4:24). Isto leva ao nascimento de novos filhos *na família divina*, que são, então, “*como*” Cristo, Ele próprio o Filho

primogênito de Deus (Romanos 8:29, Gálatas 4:19, 1 João 3:2).

De fato, assim como os filhos humanos são da mesma “espécie” de seres como seus pais (isto é, seres *humanos*), assim os filhos de Deus vão ser da mesma ‘espécie’ de seres como o Pai e Cristo (isto é, seres *divinos*). Este é o incrível destino da humanidade! A família de Deus se expandirá através do maravilhoso plano de Deus como revelado em Sua Palavra. Todos os filhos desta família—incluindo Jesus Cristo, que tem estado sempre com Aquele que Ele revelou como “o Pai” (João 1:18, Mateus 11:27)—estarão para sempre, no futuro, de livre e espontânea vontade, sob a soberania e liderança suprema do Pai (1 Coríntios 15:28). Os membros desta família divina, liderados pelo Pai e Jesus Cristo, irão compartilhar um futuro glorioso e justo por toda a eternidade.

Aí está, então, o sentido no qual Deus é uma família—de fato, uma família *em crescimento*, atualmente composta por dois Seres divinos, o Pai e Jesus Cristo, o primogênito, contudo, no final das contas, serão acompanhados por uma vasta multidão de outros.

Para mais detalhes sobre o propósito de Deus de fazer os seres humanos serem parte de Sua família divina, veja o último capítulo deste livro (página 87).

A Submissão de Jesus Cristo ao Pai

O apóstolo Paulo, em Filipenses 2, diz que Jesus estava disposto a entregar voluntariamente Seu incrível poder divino e posição por nós, ao nos dizer: “Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se [isto é, não querer largar e deixar de ir], mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz!” (Filipenses 2:5-8, NVI).

Depois de Jesus ter sido sacrificado por nossos pecados e, em seguida, restaurado à vida eterna, Ele “assentou-se à destra da Majestade [isto é, o Pai], nas alturas” (Hebreus 1:3). Depois de ter experimentado diretamente o que era ser humano de carne e sangue, Cristo voltou para o lado do Pai—Sua situação anterior por toda a eternidade passada.

Lembre-se de Suas palavras pouco antes de Sua morte e ressurreição iminente: “E, agora, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, *com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse*” (João 17:5). Nesta passagem Jesus fala de um tempo, antes do relato da criação de

Gênesis 1:1, quando esses dois Seres divinos estavam juntos.

Está claro, desde essa altura e para sempre no futuro, que o Pai é supremo. A *igualdade* de Cristo com o Pai é no sentido de compartilhar o mesmo nível de existência, ambos Eles sendo Deus. Isso não significa, como sustenta a doutrina da trindade, que os dois são *iguais em autoridade*, pois a Bíblia mostra claramente que Jesus é subordinado ao Pai.

O Credo de Atanásio, em uso desde o século VI, afirma que “nessa trindade . . . nenhum é maior ou menor que o outro”. Na verdade, a doutrina trinitária nega qualquer relação de comando e obediência entre as pessoas divinas—pois isso implicaria vontades individuais e seres distintos e contradiria a doutrina. Todavia, a Escritura nos diz que o Pai dá ordens e Cristo obedece perfeita e amorosamente (João 12:49-50; 14:31; 15:10). E Jesus fez uma distinção entre Sua vontade e a do Pai, no entanto se submeteu à vontade do Pai (Lucas 22:42, João 5:30). Alguns veem isso como uma fachada temporária enquanto Cristo estava na carne, mas Sua subordinação ao Pai persiste até hoje e persistirá ininterruptamente através de todos as eras.

O capítulo 15 de 1 Coríntios,

muitas vezes, é justamente chamado de o capítulo da ressurreição. Ele nos diz que todos no futuro Reino de Deus serão sujeitos a Cristo, com o Pai sendo a única exceção: “Porque todas as coisas [o Pai] sujeitou debaixo de seus pés [do Filho]. Mas, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, claro está que se exceptua aquele que sujeitou todas as coisas. E, quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos” (versículos 27-28).

Antes, em 1 Coríntios, Paulo

afirmou claramente que “a cabeça de Cristo é Deus” (11:3). Em ambas as passagens, Paulo descreve dois Seres divinos individuais, com Jesus sujeito a Deus Pai. Isto é consistente com as declarações do próprio Jesus Cristo nas quais, ao contrário do Credo de Atanásio, Ele disse: “O Pai é maior do que eu” (João 14:28) e “Meu Pai . . . é maior do que todos” (João 10:29).

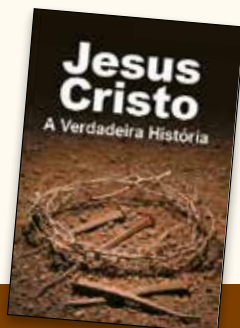
Diretamente das Escrituras, vemos que Deus Pai é o Cabeça indiscutível da família e que o Pai e o Filho não são iguais entre si em autoridade, como alegado pela doutrina da trindade.

Conhecemos realmente o verdadeiro Jesus? Sabemos realmente o que Ele está fazendo?

Será que estamos preparando-nos para ser aceites e recompensados por Ele quando Ele estabelecer o Seu Reino?

E o que é esse Reino?

Para saber mais sobre este assunto, peça ou baixe nosso livro gratuito: **“Jesus Cristo: A Verdadeira História”**



portugues.ucg.org/estudos

Como Deus É Um?

*“Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR”
(Deuteronômio 6:4).*

A Bíblia deixa bem claro que há um só Deus. E como é normalmente traduzido, Jesus cita Moisés, dizendo: “Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR” (Marcos 12:29; compare a Deuteronômio 6:4). Paulo nos diz que “não há outro Deus, senão um só” (1 Coríntios 8:4) e que “há um só Deus” (1 Timóteo 2:5).

A Bíblia também nos diz que todos os outros supostos deuses são ídolos—fruto da imaginação distorcida do próprio homem. Ao longo da história as pessoas têm criado muitos deuses falsos. E é com este contraste em mente que devemos abordar Deuteronômio 6:4 como é normalmente expresso—“é o único SENHOR”. (Para saber mais sobre esta formulação, leia “O SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR” a partir da página 59.)

Muitos não compreendem como a Bíblia usa os números. Este fator tem contribuído para a confusão e levado a mal-entendidos, como a trindade—crença de que três pessoas são um ser divino.

Como, então, devemos entender a unicidade de Deus? Além do uso habitual da numeração, o conceito duma união completa está associado com a palavra hebraica *echad*, traduzida como “único” em Deuteronômio 6:4 e outros versículos.

Como dois se tornam um

Vamos voltar ao primeiro livro da Bíblia, Gênesis. No livro de Gênesis, depois da criação de Adão e Eva, vemos a instituição do casamento: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois *uma só carne*” (Gênesis 2:24, ARA). Um casal se torna “*uma só carne*” na união conjugal sexual. Mas também há outro significado metafórico importante. Apesar de serem dois seres separados e distintos, neste contexto os dois se tornam um.

Cerca de quatro mil anos depois, Jesus reiterou esse conceito quando disse, a respeito do casamento, que “serão os dois *uma só carne* e, assim, *já não serão dois, mas uma só carne*. Portanto, o que Deus ajuntou, não o separe o homem” (Marcos 10:8-9). No casamento os dois se tornam um quando se unem em união sexual e na aliança do relacionamento que compartilham. Mas eles ainda continuam sendo *dois* indivíduos separados, continuam sendo um homem e uma mulher—ligados pelo casamento numa unidade familiar.

É claro, esta unicidade não é completa ou total. No entanto, no sentido físico, uma unicidade óbvia é alcançada quando o homem e a mulher se unem no momento de conceber uma criança. Como um livro de ciência postula: “A vida humana começa na... mais íntima cooperação. As duas células

se fundem completamente. Elas combinam o seu material genético. Dois seres muito diferentes se tornam um. O ato de gerar um ser humano envolve . . . uma cooperação tão perfeita que as identidades separadas dos parceiros desaparecem” (Carl Sagan e Ann Druyan, *Sombras de Antepassados Esquecidos* [*Shadows of Forgotten Ancestors*], 1992, pág. 199).

As substâncias separadas do DNA de dois seres humanos distintos combinam-se no momento da concepção para formar um novo ser humano único e diferente de todas as outras pessoas.

Como as coisas de Deus são maravilhosas! Quão grandes são os Seus propósitos para a família humana! A compreensão do casamento e da família nos ajuda a entender aspectos importantes do Reino de Deus. (Para saber mais, certifique-se de baixar ou pedir o nosso livro gratuito *O Casamento e a Família: A Dimensão Perdida* em portugues.ucg.org/estudos).

Existe uma só Igreja, mas com muitos membros

Continuando com nosso estudo sobre a conceito bíblico sobre o que significa ser um, Paulo escreveu que “não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque *todos vós sois um* em Cristo Jesus” (Gálatas 3:28). Ou seja, estas distinções sociais não dividiriam o povo de Deus. Eles estar unidos—em união uns com os outros.

Há uma só Igreja, disse Paulo, mas composta de muitos membros individuais que possuem vários dons e talentos espirituais. Como ele explicou mais tarde aos cristãos na cidade de Corinto: “Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos” (1 Coríntios 12:4-6).

Paulo fez um esforço considerável para deixar isso bem claro. Ele continua no versículo 12: “Porque, assim *como o corpo é um e tem muitos membros*, e todos os membros, sendo muitos, são um *só* corpo, assim é Cristo também”. Aqui, Paulo compara a Igreja ao corpo humano.

Em seguida, ele nos lembra, a princípio, o que ele já havia escrito em Gálatas 3:28, e que acabamos de ler, afirmando: “Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito” (1 Coríntios 12:13).

A Igreja é o corpo espiritual de Jesus Cristo (Efésios 1:22-23). Para que possamos compreender plenamente, Paulo, então, repete, continuando em 1 Coríntios 12, a comparar a Igreja ao corpo humano, que também tem muitos membros com diferentes funções: “Porque também o corpo [humano] não é um só membro, mas muitos . . . Agora, pois, *há muitos membros, mas um corpo*” (versículos 14, 20)—isto é, há muitos membros na Igreja, mas uma só Igreja.

Finalmente, no versículo 27, ele toca nesse ponto básico, mais uma vez: “Ora, vocês são o [único] corpo de Cristo, e cada um de vocês, *individualmente*, é membro [distinto] desse corpo” (versículo 27, NVI). Nesse sentido,

a família divina é semelhante—um Deus e só um Deus, que a escritura revela que é constituído por dois membros individuais da família gloriosa, e com muitos mais membros *ainda* a serem glorificados dentre os homens (Romanos 8:29-30).

Paulo também escreveu em outro contexto, como vimos em outras passagens, “Por essa razão, ajoelho-me diante do Pai, *do qual recebe o nome toda a família nos céus e na terra*” (Efésios 3:14-15, NVI). Embora haja apenas uma família, há muitos membros. Os cristãos verdadeiramente convertidos, guiados pelo Espírito de Deus, já são contados como membros da família (Romanos 8:14; 1 João 3:1-2; Efésios 2:19), embora eles ainda não tenham recebido a glorificação e a imortalidade da ressurreição para a vida eterna, que terá lugar na volta de Cristo (1 Tessalonicenses 4:16-17).

Em outra parte Paulo nos diz que “carne e sangue não podem herdar o reino de Deus” (1 Coríntios 15:50). Devemos ser transformados no momento da ressurreição (versículos 51-54, Filipenses 3:20-21). Deus completará isso em seu devido tempo—desde que tenhamos conquistado e desenvolvido um caráter justo e piedoso (Apocalipse 2:26, 3:21; 21,7-8).

Uma só Igreja, um só Deus

Em João 17 Jesus orou ao Pai: “E a vida eterna é esta: que [os discípulos de Cristo] conheçam a ti só por único Deus verdadeiro *e a Jesus Cristo*, a quem enviaste” (versículo 3). Jesus, portanto, distingue entre Deus Pai e Si mesmo. Eles não são o mesmo ser. No entanto, eles compartilham uma perfeita união e unidade. (Para mais informações sobre este versículo e uma passagem paralela, consulte “Há um só Deus, o Pai . . . E um só Senhor, Jesus Cristo”, a partir da página 48.)

Continuando com esta incrível oração realizada pouco antes de Sua crucificação, Cristo disse sobre os Seus seguidores: “Pai santo, protege-os em teu nome, o nome que me deste, para que *sejam um, assim como somos um*” (João 17:11, NVI). Antes ele havia dito: “*Eu e o Pai somos um*” (João 10:30).

Você precisa entender este ponto extremamente importante: *A Igreja deve ser uma, assim como Deus Pai e Jesus Cristo são um*. Isso não é assim tão fácil! Os diversos membros devem estar unidos uns com os outros, como Cristo e o Pai estão em perfeita união. Embora tenhamos, sendo realistas, que admitir que isso raramente tem sido o caso na história da igreja, mas Deus espera que nos esforcemos por essa união espiritual.

Todos os membros da verdadeira Igreja de Deus devem ser unidos pelo Espírito de Deus (1 Coríntios 12:13)—vivendo por esse Espírito. É responsabilidade de cada indivíduo buscar a associação organizada que melhor represente o modelo bíblico e o ensinamento da Igreja do Novo Testamento. (Para uma maior compreensão, baixe ou solicite nosso livro gratuito *A Igreja que Jesus Edificou* em portugues.ucg.org/estudos).

Vimos, então, que *o Pai e Jesus Cristo são um no mesmo sentido em que Jesus orou para que a Igreja fosse uma*—não um único ser, mas vários seres

que *são um em propósito, crença, orientação, fé, espírito e atitude*.

Considere o discernimento complementar que Jesus nos entrega em Sua oração, em João 17: “Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão de crer em mim; para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, *para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade*” (versículos 20-23).

Esta unicidade espiritual; esta união entre todos os cristãos verdadeiramente convertidos, somente pode ser alcançada através de Deus agindo neles. A união dos cristãos deve refletir a *perfeita união*—a unicidade—de Deus, o Pai, e de Cristo Jesus, o Filho.

Novamente, o Pai e Cristo não são uma única entidade, mas são *um* no sentido de serem unidos ou unificados em perfeita harmonia.

Outro exemplo bíblico de unicidade

Jesus Cristo nos diz que devemos viver “de toda a palavra de Deus” (Lucas 4:4). Antes de qualquer um dos livros do Novo Testamento serem escritos, a Escrituras Hebraicas—o que chamamos o Antigo Testamento—eram os únicos registros disponíveis da “palavra de Deus”. Geralmente o Antigo Testamento pode clarear nossa visão enevoada e nos ajudar a entender a intenção espiritual do Novo Testamento. Afinal, devemos entender que *todos* os livros da Bíblia são a Palavra de Deus revelada, que “é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça” (2 Timóteo 3:16).

Observe essa passagem, raramente lida no livro de Juízes, que ilustra como a unicidade pode significar união: “Então, todos os filhos de Israel saíram, e a congregação se ajuntou, *como se fora um só homem*, desde Dã até Berseba, como também a terra de Gileade, ao SENHOR, em Mispá” (Juízes 20:1).

Pela primeira vez, toda a nação de Israel estava totalmente unificada em um só propósito para resolver um problema grave que afetava todo o país. A expressão “como se fora um só homem” é usada para transmitir a ideia de que a nação estava totalmente unida nesse momento em particular.

Os versículos 8 e 11 enfatizam esse ponto: “Então, todo o povo se levantou *como um só homem* . . . Assim, ajuntaram-se contra esta cidade todos os homens de Israel, *aliados como um só homem*”. Evidentemente, *muitos cidadãos individuais* da mesma nação deixaram-se ficar aonde estavam. Então, novamente, a própria Bíblia lança luz sobre o significado de unicidade.

Compreendendo a unicidade de Deus

Então, como vimos, a Escritura revela dois seres separados, duas pessoas distintas, ambos espíritos, mas sendo um em união, crença, direção e propósito—membros da mesma família divina. “Eu e o Pai somos um”, disse Jesus (João 10:30).

Quando entendemos o que a Bíblia ensina, vemos que há só *um* único Deus, tal como existe apenas *uma única* raça humana—que é uma família extensa, descendente de Adão, de cerca de sete bilhões de indivíduos. A família divina—a família de Deus—tem múltiplos membros, e com toda a humanidade tendo a oportunidade de tornar-se membro dela, juntamente com o Pai e Cristo.

A tradicional família humana é um microcosmo dessa grande família divina (compare a Romanos 1:20). Se compreendemos este maravilhoso e extraordinário princípio bíblico, então devemos exemplificar o nosso objetivo final na maneira como nos conduzimos nos nossos matrimônios, nas nossas outras relações de família e na nossa vida cotidiana. Devemos nos esforçar para refletir o amor e a união da divina família—Deus, o Pai, e Seu Filho, Jesus—em nossa família humana.

Então, obviamente, devemos deixar que a Bíblia interprete, o que significa, quando se refer ao único Deus.

Deus, o Pai, e Jesus Cristo, juntamente com o Espírito Santo, não são um único ser, como defende a doutrina trinitária. Pelo contrário, o Pai e Cristo são Seres divinos distintos, que juntos são um Deus—o único Deus que significa a única família de Deus que é só uma, unida, em vontade e propósito harmonioso. Nós consideramos a natureza e o papel do Espírito Santo nos dois capítulos seguintes.

“O SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR”

“Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR”. Esta simples declaração de Moisés em Deuteronômio 6:4, iniciou o que hoje é comumente referido como o *Shemá* (hebraico para “ouvir”), e tem causado grande consternação em muitos que tentam compreender quem é o que é Deus.

Ao ler aqui que Deus é um, a maioria dos judeus, durante séculos, descartou a possibilidade de que Jesus de Nazaré pudesse ser o Filho de Deus, no mesmo plano divino do Deus Pai.

Os primeiros teólogos católicos, ao ler o mesmo versículo, esforçaram-se para formular a doutrina da trindade de um Deus que consiste no Pai, no Filho e no Espírito Santo, com estes sendo pessoas distintas, mas ao mesmo tempo um único Deus trino.

Como, então, devemos entender esse versículo?

Um dos princípios básicos para a compreensão da Bíblia é que *devemos considerar todas as escrituras sobre um assunto*. Só então chegamos a uma compreensão completa e precisa da questão.

Outras passagens bíblicas nos dizem claramente que dois indivíduos distintos, o Pai e Jesus Cristo, o Filho, ambos são Deus (Hebreus 1:8, João 1:1, 14). Portanto, devemos considerar se o Shemá está comentando a unicidade numérica de Deus, ou algo completamente diferente.

Os múltiplos significados da palavra hebraica traduzida como “único”

Aqueles que estudam a língua hebraica enfrentam um desafio pelo fato de o hebraico ter um vocabulário muito mais limitado em comparação com outras línguas, como o português. O que significa que uma única palavra hebraica pode, muitas vezes, ter múltiplos significados, tornando difícil a tradução precisa.

Um bom exemplo disso é a palavra hebraica *echad*, traduzida como “único” em Deuteronômio 6:4. Seus significados incluem o número *um*, mas também tem significados associados a “um e o mesmo”, “em conjunto [unidos]”, “como um só homem”, “um, cada um”, “um após o outro” e “primeiro [em sequência ou importância]”. (Brown, Driver e Briggs, *Um Léxico Hebraico e Inglês do Antigo Testamento* [A *Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*], 1951, pág. 25). Também pode ser traduzida como “somente”, como a Versão Bíblia Viva o traduz aqui (William Holladay, *Um Glossário Resumido do*

Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento [A *Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*], 1972, pág. 9). Como acontece com muitas outras palavras em hebraico, o significado exato é mais bem determinado pelo contexto.

Neste caso, várias interpretações poderiam ser gramaticalmente corretas e coerentes com outras declarações bíblicas.

No Shemá, Moisés pode ter simplesmente dito aos israelitas que o verdadeiro Deus, seu Deus, era para estar em *primeiro*—a mais alta prioridade—em seus corações e mentes. A jovem nação tinha saído da escravidão de uma cultura egípcia na qual se acreditava em muitos deuses, e eles estavam prestes a entrar numa terra cujos habitantes estavam mergulhados na adoração de vários supostos deuses e deusas da fertilidade, da chuva, da guerra, das jornadas, etc. Através de Moisés, Deus advertiu severamente os israelitas sobre os perigos de abandoná-Lo para seguir outros deuses.

Esta interpretação—de que Deus deveria ser a primeira prioridade dos israelitas—tem forte apoio no contexto. No versículo seguinte Moisés continua: “*Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder*”.

Esta passagem está no centro de uma discussão de vários capítulos sobre os benefícios e

as bênçãos de seguir a Deus de todo o coração e evitar as práticas idólatras das pessoas que estavam sendo expulsas da terra prometida. O próprio Jesus citou Deuteronômio 6:4-5 como o “primeiro e grande mandamento” na lei (Mateus 22:36-38, Marcos 12:28-30).

Outro significado da palavra hebraica *echad* é “só” [ou “sozinho”], e este significado se encaixa neste contexto também. Ou seja, *só* o verdadeiro Deus era para ser o Deus de Israel; os israelitas não deveriam ter nenhum outro Deus.

Isto pode ter sido como entendeu o escriba que ouviu Jesus citar este versículo [Deuteronômio 6:4-5] em Marcos 12:29-30. O escriba respondeu no versículo 32: “Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que há um [do grego *heis*, que corresponde a *echad* em seus múltiplos significados] só Deus *e que não há outro além dele*”—o que parece indicar que isto foi o que o escriba entendeu que a palavra traduzida por “único” [em Deuteronômio 6:4] significava nessa expressão (em essência, significava, um “sozinho”, e não nenhum outro).

Isso não excluiria Jesus Cristo como Deus, juntamente com o Pai. Pelo contrário, não há outro Deus, além do Deus verdadeiro—isto é, fora da família de Deus ou do “gênero” de seres de Deus que agora é composta por dois seres divinos, o Pai e o Filho. Em suma,

a família de Deus sozinha é Deus.

Outro ponto de vista do Shemá é baseado na palavra radicada a partir do qual *echad* é derivada—*achad*. Esta palavra significa “unir” ou “ir por um caminho ou outro” (*Concordância Bíblica Exaustiva de Strong*). Em outras palavras, *echad* também pode significar unidade ou um grupo unido como um só.

Casos em que “um” pode significar um grupo

Em vários versículos *echad* claramente tem o significado de mais de uma pessoa unidas como um grupo. Em Gênesis 11:6 Deus fala daqueles que estão construindo a torre de Babel: “Eis que o povo é *um* [*echad*] . . .”. Em Gênesis 2:24, Ele diz: “Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos *uma* [*echad*] carne”.

Quando lemos de um grande grupo de pessoas sendo um ou um homem e uma mulher se tornando uma só carne em união marital, entendemos que várias pessoas estão envolvidas. Nós não presumimos que indivíduos separados, embora unidos em espírito e propósito, tenham fisicamente se tornando um único ser.

Deus, o Pai e Jesus Cristo, o Filho, são claramente de uma mente e um propósito. Jesus disse sobre Sua missão: “A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” e “não busco a minha von-

tade, mas a vontade do Pai, que me enviou” (João 4:34; 5:30).

Ao descrever Sua relação, Jesus disse: “Eu e o Pai somos um” (João 10:30).

Cristo orou para que Seus seguidores, tanto naquela época quanto no futuro, fossem unidos em mente e propósito, assim como são Ele e o Pai.

“Eu não rogo somente por estes [discípulos]”, Ele disse, “mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão de crer em mim; *para que todos sejam um*, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; *que também eles sejam um em nós*” (João 17:20-21).

Uma explicação adicional da

unicidade de Deus, no sentido de unidade, pode ser encontrada ao longo deste capítulo neste guia de estudo bíblico.

Não importa qual tradução aceitamos—se “O SENHOR nosso Deus, o SENHOR é o primeiro”, “O SENHOR é nosso Deus, somente o SENHOR”, ou “O SENHOR nosso Deus, o SENHOR é um [em unidade]”—nenhuma delas limita Deus a um só ser. E à luz dessas escrituras, que temos visto, e doutras, fica claro que Deus é uma pluralidade de seres—uma pluralidade em unidade. Em outras palavras, Deus, o Pai e Jesus, o Filho formam uma família perfeitamente unida como um só.

Elohim: a Pluralidade de Deus

Em toda a Escritura voltamos à realidade de que Deus escolheu expressar sua natureza pessoal em termos de uma relação familiar.

Elohim é a palavra hebraica traduzida como “Deus” em cada passagem de Gênesis 1, bem como em mais de dois mil lugares em todo o Antigo Testamento.

O substantivo *Elohim* é plural na forma, mas normalmente usado no singular—isto é, junto com verbos no singular—quando designa o Deus verdadeiro.

Para se comparar a uma expressão moderna, conside-

remos o termo *Estados Unidos*. Este substantivo próprio é plural na forma, mas singular no uso. Ele é usado com verbos no singular. Por exemplo, os norte-americanos dizem: “O Estados Unidos *vai* tomar medidas” e não “Os Estados Unidos *vão* tomar medidas”. A forma plural não significa vários Estados individuais—mas, considerados coletivamente, são vistos como uma nação.

O mesmo acontece com *Elohim*. A palavra *Eloah*, que significa “Poderoso”, é a forma singular. Elohim, que significa “Poderosos”,

é plural. E, de fato, há dois Poderosos, o Altíssimo e o Verbo. Mas, coletivamente, como *Elohim*, os dois são vistos como um só Deus. *Elohim* disse: “*Façamos* o homem à *Nossa* imagem, conforme a *Nossa* semelhança” (versículo 26).

Devemos notar que, desde que *Elohim* é usado para a família de Deus, cada membro da família pode ser referido por esta palavra. (Alguns escritores da Bíblia também usam a palavra *elohim* como um substantivo plural; usando-a no plural para descrever falsos deuses. Assim, um fator crucial para compreender o significado desta palavra hebraica é determinar o objetivo do contexto).

Quando Adão e Eva tomaram a importante decisão de desobedecer ao seu Criador, comendo do fruto que Deus tinha lhes proibido comer, a reação divina foi: “Eis que o homem é como *um de Nós*, sabendo o bem e o mal” (Gênesis 3:22). E Deus afastou-os da árvore da vida (versículos 22-24).

A palavra hebraica traduzida aqui “sabendo” significa muitas vezes aprender ou tornar-se consciente de algo através de uma experiência pessoal. Para Adão e Eva não foi o suficiente simplesmente aceitar a ordem de Deus para não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Em vez disso, eles escolheram tomar o lugar de Deus e determinar por si mesmos o que era

bom e o que era mau. O salmista observa que o ímpio questiona o conhecimento de Deus: “E dizem: Como o sabe Deus? Ou: Há conhecimento no Altíssimo?” (Salmo 73:11).

A frase “um de Nós”, devemos notar, fornece evidências claras de que *mais de um* constituiu o “Nós”. Além disso, tornar o homem “como um de Nós” foi realmente a intenção original de nosso Criador para toda a humanidade, mas isso deve ser feito de acordo com a maneira *de Deus* e em *Seu* próprio tempo. Desse modo, devemos nos submeter a toda palavra que procede da boca de Deus (Mateus 4:4).

Somente o nosso Criador tem o direito e a sabedoria para determinar o que é o bem e o mal para nós. Ele sabe o que é melhor para nós e nunca quis que soubéssemos o que é o mal por experiência. Ele nos diz: “A lei do SENHOR é perfeita e refrigera a alma; o testemunho do SENHOR é fiel e dá sabedoria aos símplices. Os preceitos do SENHOR são retos e alegram o coração; o mandamento do SENHOR é puro e alumia os olhos” (Salmo 19:7-8). Ele quer que confiemos Nele e em Seu julgamento.

Então, Ele vai continuar com Sua intenção de nos tornar semelhantes a Ele, como parte da família divina no caminho Ele determinou (ver “O Plano de Deus para ‘Trazer muitos filhos à glória’”, na página 52).

Sete Escrituras que desmascaram a Trindade de um Ser Único

As seguintes sete escrituras mostram a falácia na afirmação de que o Pai e o Filho são um só ser como afirma a doutrina da trindade. Como conciliar a crença na trindade com estas simples perguntas?

Hebreus 1:5 nos diz que Jesus foi gerado por seu Pai. Ele gerou a Si mesmo?

Em Mateus 22:44, o Pai disse para Jesus se assentar à Sua mão direita até que seus inimigos fossem postos por escabelo de seus pés. Jesus estava sentado à Sua própria mão direita?

Em Mateus 24:36, quando Jesus disse aos discípulos que ninguém sabe o dia nem a hora da Sua volta, mas somente o Pai, Ele realmente sabia, mas estava dando uma des-

culpa para não dizer a eles?

Em João 14:28, Jesus disse que Seu Pai era maior do que Ele. Isso significa que Ele era maior do que Si mesmo?

Em João 17:1, Jesus orou ao Pai. Ele estava orando para Si mesmo?

Em Mateus 27:46, Jesus clamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”. Ele abandonou a Si mesmo?

Em João 20:17, Jesus disse que Ele subiria ao Pai depois de Sua ressurreição. Ele ascendeu a Si mesmo?

Estas e muitas outras passagens bíblicas demonstram ao leitor racional da Bíblia que a doutrina da trindade não é somente anti-bíblica, mas também totalmente ilógica!

A Bíblia é muito citada, mas pouco entendida ou acreditada. A Bíblia pode resistir ao escrutínio das suas aparentes contradições? Merece ser acreditada?

Para saber mais sobre este assunto, peça ou baixe nosso livro gratuito:

“A Bíblia Merece Confiança”



portugues.ucg.org/estudos

O Espírito Santo É Uma Pessoa?

“Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos” (Zacarias 4:6).

Nos capítulos anteriores, vimos que a doutrina da trindade, afirmando que o Espírito Santo é uma pessoa divina, era estranha aos escritores da Bíblia e se originou vários séculos após o Novo Testamento ser concluído. Então, como é que a Bíblia define o Espírito Santo se não é uma pessoa?

A palavra “espírito” é traduzida do hebraico *ruach* e do grego *pneuma*, e ambas as palavras também denotam alento ou vento, uma força invisível. Escritura diz que “Deus é Espírito” (João 4:24). No entanto, também nos é dito que Deus *tem* um Espírito—o Espírito de Deus ou o Espírito Santo.

Então, novamente a pergunta, o que é o Espírito Santo?

“O poder do Altíssimo”

Ao invés de descrever o Espírito Santo como uma pessoa distinta ou entidade, a Bíblia na maioria das vezes refere-se ao Espírito como o *poder* divino de Deus e o associa a esse poder (Zacarias 4:6; Miquéias 3:8). Os estudiosos judeus, examinando as referências ao Espírito nas Escrituras do Antigo Testamento, nunca definiram o Espírito Santo como qualquer outra coisa além do *poder* de Deus.

No Novo Testamento, Paulo se refere a ele como o espírito de *poder*, amor e de moderação (2 Timóteo 1:7). Ao informar a Maria que Jesus seria sobrenaturalmente concebido em seu ventre, o anjo lhe disse: “Descerá sobre ti o Espírito Santo”, e o mensageiro divino descreveu esse Espírito a ela como “o *poder* do Altíssimo [que] te envolverá” (Lucas 1:35, ARA e BLH).

Jesus começou seu ministério “no *poder* do Espírito” (Lucas 4:14, ARA e BLH). Ele disse aos Seus seguidores: “Recebereis *poder*, ao descer sobre vós o Espírito Santo” (Atos 1:8, ARA e BLH).

Pedro relata que “Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com *poder*” (Atos 10:38, ARA e BLH). Este foi o mesmo poder que permitiu a Cristo realizar muitos milagres poderosos durante Seu ministério. Da mesma forma, Jesus realizou através do apóstolo Paulo “sinais e maravilhas e por meio do *poder do Espírito de Deus*” (Romanos 15:19, NVI).

Ao confrontar-se com essas escrituras, até mesmo a *Nova Enciclopédia Católica* admite: “O AT [Antigo Testamento] *claramente não contempla o espírito de Deus como uma pessoa . . . O espírito de Deus é simplesmente o poder de Deus*. Se às vezes é representado como sendo distinto de Deus, é porque o sopro de Yahweh age exteriormente . . . A maioria dos textos do NT [Novo Testamento] revelam o espírito Deus como *algo* e não como

alguém; isso é visto especialmente no paralelismo entre o espírito e o poder de Deus” (*New Catholic Encyclopedia*, 1965, Vol 13, “O Espírito de Deus”, págs. 574 -576).

Uma obra de referência intitulada *Dicionário Católico* reconhece de forma semelhante: “Em suma o Novo Testamento, tal como o Antigo, *fala do espírito como uma energia divina ou poder*” (*A Catholic Dictionary*, William Addis e Thomas Arnold, 2004, “Trindade, Santo”, pág. 827).

A Palavra de Deus mostra que o Espírito Santo é a própria natureza, presença e expressão do poder de Deus agindo ativamente nos Seus servos (2 Pedro 1:4, Gálatas 2:20). Na verdade, é através do Seu Espírito que Deus está presente em todos os lugares ao mesmo tempo, em todo o universo e comanda como quiser (Salmo 139:7-10).

Uma e outra vez as Escrituras retratam o Espírito Santo como o *poder* de Deus. Além disso, também indicam ser a mente de Deus e a própria força e essência da vida através da qual o Pai gera seres humanos como Seus filhos espirituais. O Espírito Santo não é Deus, mas sim um *aspecto* vital de Deus—o agente por meio do qual o Pai e Cristo trabalham.

Inspiração divina e vida através do Espírito

Em seu artigo sobre o Espírito Santo, *O Dicionário Bíblico Anchor* descreve-o como a “manifestação da presença divina e poder perceptível especialmente na inspiração profética” (*The Anchor Bible Dictionary*, Vol. 3, 1992, pág. 260).

Repetidas vezes as Escrituras revelam que Deus concedeu a inspiração divina a Seus profetas e servos por meio do Espírito Santo. Pedro observou que “a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram *inspirados pelo Espírito Santo*” (2 Pedro 1:21).

Paulo escreveu que o plano de Deus para a humanidade havia sido “*revelado pelo Espírito* aos seus santos apóstolos e profetas” (Efésios 3:5) e que seus próprios ensinamentos foram inspirados pelo Espírito Santo (1 Coríntios 2:13). Paulo explica ainda que *através do Seu Espírito*, Deus revelou para os verdadeiros cristãos as coisas que Ele tem preparado para aqueles que O amam (versículos 9-16). Operando através do Espírito, Deus Pai é o revelador da verdade para aqueles que O servem.

Jesus disse aos Seus discípulos que o Espírito Santo, o qual o Pai enviaria, “vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (João 14:26). É através do Espírito de Deus dentro de nós que temos uma visão e um entendimento espiritual. De fato, chegamos a receber a mesma “mente de Cristo” (1 Coríntios 2:16)—também referida como a “mente do Espírito” (Romanos 8:27, ARA).

Jesus tinha essa compreensão espiritual em abundância. Como o Messias, foi profetizado que Ele teria “o Espírito do SENHOR, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhe-

cimento e de temor do SENHOR” (Isaías 11:2, ACF).

Como o Filho do Homem na terra, Jesus retratou em Sua conduta pessoal os atributos divinos do Deus Todo-Poderoso por meio do viver completamente pelos padrões bíblicos de Seu Pai, através do poder do Espírito Santo (compare a 1 Timóteo 3:16, ACF).

Agora que Jesus Cristo voltou ao domínio espiritual, Jesus exerce o poder onipotente do Espírito Santo junto com o Pai. O Espírito Santo, precisamos entender, não é somente o Espírito de Deus Pai, pois a Bíblia também o chama de “Espírito de Cristo” (Romanos 8:9, Filipenses 1:19). Por designação, é o *mesmo* Espírito, já que existe somente um Espírito (1 Coríntios 12:13, Efésios 4:4).

O Pai dá o mesmo Espírito aos verdadeiros cristãos através de Jesus Cristo (João 14:26, 15:26, Tito 3:5-6), que os guia e capacita para serem Seus filhos e “participantes da natureza divina” (Romanos 8:14, 2 Pedro 1:4). Deus, que tem a vida eterna em Si mesmo, dá essa vida aos outros através do Espírito (João 5:26; 6:63, Romanos 8:11).

Os atributos impessoais do Espírito Santo

O Espírito Santo é mencionado de diversas maneiras, as quais demonstram que ele não é uma pessoa divina. Por exemplo, ele é referido como um dom (Atos 10:45, 1 Timóteo 4:14) que é ilimitado e dado por Deus (João 3:34). Também nos é dito que o Espírito Santo pode ser extinto (1 Tessalonicenses 5:19), que pode ser derramado sobre as pessoas (Atos 2:17, 33), e que somos batizados com ele (Mateus 3:11).

As pessoas podem bebê-lo (João 7:37-39), tornar-se participantes dele (Hebreus 6:4) e podem ser cheios dele (Atos 2:4, Efésios 5:18). O Espírito Santo também nos renova (Tito 3:5) e deve ser despertado dentro de nós (2 Timóteo 1:6). Estas características impessoais certamente *não são* atributos de uma pessoa ou ser pessoal!

O Espírito também é descrito por outras designações—“o Espírito Santo da promessa”, “o penhor da nossa herança” e “espírito de sabedoria e de revelação” (Efésios 1:13-14, 17)—que mostram que ele não é uma pessoa.

Em contraste com Deus Pai e Jesus Cristo, que são constantemente comparados aos seres humanos em Sua forma e aspecto, o Espírito Santo é sempre representado por vários símbolos e manifestações, de uma maneira completamente diferente—tais como o sopro (João 20:22), o vento (Atos 2:2), o fogo (Atos 2:3), a água (João 4:14; 7:37-39), o óleo (Salmo 45:7; compare a Atos 10:38, Mateus 25:1-10), uma pomba (Mateus 3:16) e um “penhor”, ou depósito caução da vida eterna (2 Coríntios 1:22; 5:5, Efésios 1:13-14).

No mínimo, essas representações seriam difíceis de entender, se o Espírito Santo fosse uma pessoa!

Em Mateus 1:20 encontramos mais uma prova de que o Espírito Santo não é uma entidade distinta, mas o poder divino de Deus. Aqui vemos que Jesus foi concebido pelo Espírito Santo. No entanto, Jesus orou a continuamente e

se dirigiu a Deus Pai, como Seu Pai e *não* ao Espírito Santo (Mateus 10:32-33; 11:25-27; 12:50). Ele *nunca* mostrou o Espírito Santo como Seu Pai! Obviamente, o Espírito Santo era o *agente ou poder* através do qual o Pai gerou a Jesus como Seu Filho—não uma pessoa ou ser inteiramente separado.

O exemplo e ensinamento de Paulo estavam em consonância com Cristo

Se Deus fosse uma trindade, certamente Paulo, que foi ensinado diretamente por Jesus Cristo ressuscitado (Gálatas 1:11-12) e que escreveu a maior parte dos fundamentos teológicos da Igreja primitiva, teria compreendido e ensinado esse conceito. No entanto não encontramos tal ensinamento em seus escritos.

Além disso, a saudação padrão de Paulo em suas cartas às igrejas, bem como aos indivíduos a quem ele escreveu, de forma consistente menciona “Deus, nosso Pai e o Senhor Jesus Cristo”. No entanto, em cada uma de suas saudações ele *nunca* menciona o Espírito Santo! (O mesmo pode ser dito de Pedro nas saudações em suas epístolas).

A mesma saudação, apenas com pequenas variações, aparece em todas as epístolas escritas por Paulo. Observe como ele é constante em *não incluir o Espírito Santo* em sua saudação:

- “Graça e paz de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo” (Romanos 1:7).
- “Graça e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo” (1 Coríntios 1:3).
- “Graça a vós e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo” (2 Coríntios 1:2).
- “Graça e paz, da parte de Deus Pai e da de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gálatas 1:3).
- “Graça e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo” (Efésios 1:2).
- “Graça a vós e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo” (Filipenses 1:2).
- “Graça a vós e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo” (Colossenses 1:2).
- “Graça e paz tenhais de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo” (1 Tessalonicenses 1:1).
- “Graça paz a vós, da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo” (2 Tessalonicenses 1:2).
- “Graça, misericórdia e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da de Cristo Jesus, nosso Senhor” (1 Timóteo 1:2).
- “Graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai, e da de Cristo Jesus, Senhor nosso” (2 Timóteo 1:2).
- “Graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e da do Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador” (Tito 1:4).

- “Graça a vós e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo” (Filemom 3).

O Espírito Santo é *sempre* deixado de fora dessas saudações—uma omissão inacreditável e inexplicável se o Espírito fosse de fato uma pessoa ou entidade coexistente com Deus Pai e Cristo!

Isto é ainda mais surpreendente quando consideramos que as congregações, às quais Paulo escreveu, tinham muitos membros gentios de origens politeístas e que antes adoravam a inúmeros deuses. As epístolas de Paulo não registram em nenhuma parte algo que possa explicar o Espírito Santo como uma trindade ou como uma pessoa divina em igualdade com Deus Pai e Jesus Cristo.

Em todos os escritos de Paulo, somente em 2 Coríntios 13:14 [versículo 13 em certas versões] o Espírito Santo é mencionado junto com o Pai e Jesus Cristo em tais expressões, e apenas no contexto de “comunhão do Espírito Santo”, no qual os crentes compartilham—e não em qualquer espécie de declaração teológica sobre a natureza de Deus. O ponto que Paulo enfatiza aqui é que o Espírito de Deus é o agente unificador que nos *une em uma piedosa e justa comunhão*, não apenas uns com os outros, mas também com o Pai e o Filho.

E aqui também, o Espírito de Deus não é mencionado como uma pessoa. Observe que Paulo escreve que a nossa comunhão é *do* Espírito Santo e não *com* o Espírito Santo. Como nos diz 1 João 1:3: “A nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo”—o Espírito Santo não é mencionado.

(Para estudar outros versículos que supostamente sustentam a existência da trindade, veja “O Que Dizer Dessas Passagens Que Supostamente “Provam” A Trindade?” A partir da página 75.)

Jesus também *nunca* falou do Espírito Santo como uma terceira pessoa divina. Em vez disso, em diversas passagens Ele falou apenas da relação entre Deus Pai e Si mesmo (Mateus 26:39; Marcos 13:32; 15:34; João 5:18, 22; etc.). O Espírito Santo como uma pessoa é conspicuamente *ausente do ensino de Cristo* em geral. De particular interesse a esse respeito são as muitas declarações Suas sobre Si mesmo e o Pai, especialmente quando Ele *nunca* fez declarações semelhantes sobre Si mesmo e o Espírito Santo.

A ausência do Espírito Santo nas visões do trono de Deus

Devemos considerar também que, nas visões do trono de Deus registradas na Bíblia, embora o Pai e Cristo sejam vistos, o Espírito Santo como uma terceira pessoa está *completamente ausente*.

Em Atos 7:55-56, que descreve o martírio de Estêvão, lemos que ele “fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus e Jesus, que estava à direita de Deus, e disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, que está em pé à mão direita de Deus”. Ele viu Deus, o Pai, e Jesus, o Filho, mas não o Espírito Santo.

Em Daniel 7:9-14, se descreve semelhantemente a visão de Daniel dos

céus. E, lá, ele viu “o Ancião de Dias”—Deus, o Pai, neste contexto—assim como milhões de seres angélicos e “Um como o Filho do Homem”, o preexistente Jesus Cristo. Novamente, ele não viu nenhuma terceira pessoa de uma santa trindade.

E em Apocalipse 4-5 e 7:10 vemos que Jesus, o Cordeiro de Deus, é mencionado estando à mão direita de Deus Pai, mas ninguém é mencionado estando à mão esquerda do Pai. Em nenhum lugar o Espírito Santo é mencionado como um ser ou pessoa. Em nenhum lugar, em qualquer dessas passagens, ou em qualquer lugar nas Escrituras, se retrata três pessoas divinas juntas.

No último livro da Bíblia (e o último a ser escrito), o Espírito Santo como uma pessoa divina está completamente ausente de suas páginas. O livro descreve “um novo céu e uma nova terra” (Apocalipse 21:1) onde está “o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará” (versículo 3). Cristo, o Cordeiro também está presente (versículo 22). O Espírito Santo como uma pessoa distinta, no entanto, mais uma vez está ausente—outra omissão inexplicável, se este Espírito fosse a terceira pessoa de um Deus trino.

É por isso que Paulo diz em 1 Coríntios 8:6 que “há um só Deus, o Pai . . . e um só Senhor, Jesus Cristo”, sem mencionar o Espírito Santo como uma pessoa divina. Em outro lugar, ele refere-se ao “mistério de Deus e Pai, e de Cristo” (Colossenses 2:2, ACF)—mencionando apenas os dois como Deus e, novamente, não incluindo o Espírito Santo.

Devemos considerar também que em nenhum lugar encontramos qualquer oração, salmo ou hino destinado ou dedicado ao Espírito Santo. Em nenhum lugar vemos o Espírito Santo ser adorado. Uma e outra vez, o registro bíblico simplesmente não apoia a doutrina da trindade em passagens onde ela deveria ser evidente, se fosse verdade!

É por isso que, como vimos em várias citações no início deste livro, tanto historiadores quanto pesquisadores bíblicos admitem que a doutrina da trindade não é encontrada na Bíblia. Não devemos nos apegar às tradições religiosas antigas se estas contradizem as Escrituras! Nossas crenças têm que estar firmemente consolidadas nos ensinamentos da Bíblia Sagrada. Jesus disse, “a tua palavra [de Deus] é a verdade” (João 17:17).

E como explicar Escrituras que descrevem ações do Espírito Santo?

Algumas passagens bíblicas parecem descrever o Espírito Santo, aparentemente, engajado em atividades pessoais. Isso significa que o Espírito Santo é uma pessoa diferente?

A princípio pode parecer ser uma indicação de que o Espírito é uma pessoa diferente, mas realmente não prova isso. Nas linguagens dos tempos bíblicos, as coisas impessoais às vezes eram descritas de maneira pessoal e executando atividades como pessoas.

Por exemplo, em Gênesis 4:10 Deus disse a Caim: “Que fizeste? A voz do

sangue do teu irmão clama a mim desde a terra”. Aqui o sangue derramado de Abel é descrito como tendo uma “voz” que “clama” do solo. No entanto, está claro que isto é uma linguagem figurada, já que o sangue não tem voz e não pode falar.

Da mesma forma, no livro de Provérbios, a sabedoria é personificada como se tivesse chamando em voz alta e chorando (Provérbios 1:20-21). Provérbios 8 descreve a sabedoria como que gritando, de pé em uma colina alta, chamando os homens, falando, com lábios e boca, amando e sendo amada, tendo filhos e acompanhando e se alegrando com Deus. No entanto, é óbvio, a sabedoria não é uma pessoa e não faz nenhuma dessas coisas em um sentido literal!

Do mesmo modo, o Salmo 65:13 descreve os vales gritando de alegria e cantando. O Salmo 96:11-12 atribui emoções aos céus, à terra e aos campos. O Salmo 98:8 diz que os rios batem palmas. E o Salmo 148:4-5 descreve o céu e a chuva louvando a Deus.

Isaías 3:26 diz que os portões da cidade de Jerusalém vão lamentar e prantear. Isaías 14:8 fala de ciprestes se alegrando e cedros conversando. Isaías 35:1 atribui emoções ao deserto e diz que o deserto se alegrará. Isaías 44:23 e 49:13 descreve o canto das montanhas, das florestas, das árvores e dos céus.

Isaías 55:12 diz que os montes bradarão e as árvores baterão palmas. Em Habacuque 2:11, as pedras e madeiras são descritas como falando umas com as outras.

Também encontramos semelhantes personificações de coisas inanimadas no Novo Testamento. Mateus 11:19 fala da sabedoria ter filhos. Romanos 6 diz que o pecado escraviza e reina sobre os seres humanos (versículos 6, 12, 16). Em Romanos 10:6 a justiça é descrita falando. Em 1 João 5:8 a água e o sangue são mostradas testemunhando e concordando.

No entanto está claro que nada disso possa acontecer literalmente. Às vezes, a Bíblia, de forma semelhante, aplica a linguagem figurada ao Espírito Santo, atribuindo-lhe atividade como se fosse uma pessoa. No entanto, como vimos anteriormente neste capítulo, a Bíblia também descreve claramente o Espírito Santo de maneiras que demonstram que *não* é uma pessoa.

Como até mesmo a *Nova Enciclopédia Católica*, citada anteriormente, reconhece: “A maioria dos textos do Novo Testamento revelam o espírito de Deus como *algo*, e não como *alguém*; isso é visto especialmente no paralelismo entre o espírito e o poder de Deus. Quando uma atividade quase pessoal é atribuída ao espírito de Deus como, por exemplo, falar, impedir, desejar, habitar (Atos 8:29; 16:7; Romanos 8:9), *não se justifica concluir imediatamente que nessas passagens o espírito de Deus é considerado como uma pessoa*; as mesmas expressões são usadas também em relação às coisas retoricamente personificadas ou ideias abstratas . . .

“Em Atos, o uso da palavra ‘Espírito Santo’, com ou sem o artigo, é rica e abundante. No entanto, mais uma vez, é difícil demonstrar personalidade a partir dos textos” (2003, vol. 13, “Espírito, Santo”, pág. 428).

Consequentemente, vemos que em alguns casos onde o Espírito Santo é descrito em uma atividade pessoal, nós devemos entender isso como Deus usando o Espírito Santo como o *poder* ou *agente* através do qual Ele atua.

Considere, por exemplo, que se a mão de um homem pega um livro e o levanta, podemos dizer que o homem levantou o livro. Isso não faz com que a mão seja uma pessoa separada. Nem significa que a mão é o homem. A mão é apenas parte ou uma extensão do homem. E é o agente através da qual o homem está agindo. Da mesma forma, o Espírito Santo é o agente através do qual Deus—Pai ou Filho, ou ambos—atuam.

É evidente que o Espírito Santo é muito mais do que uma mão. É o próprio poder, mente e essência de vida de Deus—preenchendo o infinito para que por ele Deus, como o Salmo 139:7-10 e Jeremias 23:23-24 mostram, seja onipresente.

É por isso que Pedro em Atos 5:1-10 disse que Ananias e Safira “mentiram ao Espírito Santo” e também “mentiram . . . a Deus”. Esta passagem não indica que o Espírito Santo seja Deus ou supõe existir três pessoas em Deus, como alguns leem nesta passagem, mas sim que o Espírito Santo, sendo o agente onipresente através do qual Deus age, *é como Deus ouviu a mentira*.

A referência de Jesus Cristo, em João 16:7, ao Espírito Santo como um “Consolador” (ou “Auxiliador”, como traduz a Bíblia na Linguagem de Hoje) é uma personificação que oferece uma boa analogia de parte da função do Espírito na vida dos verdadeiros cristãos. E como dito anteriormente, muitas passagens mostram o Espírito como o *poder* de Deus para nos ajudar e socorrer, e não como uma pessoa diferente como defendem os trinitários.

Mas o que o Espírito faz? Qual é a sua função e propósito? No próximo capítulo vamos examinar como o Espírito Santo opera na vida dos cristãos.

Será que Mateus 28:19 Prova a Trindade?

Mateus 28:19 é uma passagem bíblica, às vezes mal entendida com respeito à doutrina da trindade. Jesus é citado dizendo aos seus discípulos: “Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as *em* [‘para dentro do’ (do grego *eis*)] nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.

Lembre-se o importante prin-

cípio de que *a Bíblia interpreta a Bíblia*. O que esta passagem em particular nos mostra é que o processo de batizar e entrar na família de Deus envolve o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Não é uma descrição da *natureza* de Deus.

Vejamos Atos 2:38: “E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado

em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo”. Depois do arrependimento verdadeiro e ser batizado, o exemplo das Escrituras é que um ministro ponha suas mãos sobre a pessoa arrependida e ela receba o Espírito Santo diretamente de Deus (Atos 8:14-17).

Mesmo sendo importante, o batismo por si só não é suficiente. Nós temos que receber o Espírito Santo de Deus—a semente da vida eterna—o qual é transmitido pela imposição, biblicamente ordenada, das mãos de um dos ministros de Deus (Atos 19:1-6). Não podemos participar da natureza de Deus, como mencionado em 2 Pedro 1:4, sem primeiro sermos gerados do Pai pelo Espírito Santo, que transmite a natureza divina.

Por que o Pai, o Filho e Espírito Santo mencionados em Mateus 28:19? Vamos entender. No batismo, nós entramos em uma relação de aliança com Deus Pai. O sacrifício de Jesus Cristo, o Filho de Deus, faz com que essa relação de aliança seja possível. (Claro, através do nosso arrependimento e batismo também entramos em um relacionamento com Jesus Cristo, como nosso Irmão mais velho e cabeça da Igreja). O Espírito Santo é o meio pelo qual o Pai e o Filho tornam tudo isso possível.

Em outro nível, Deus, o Pai, é Aquele que nos chama ao batismo

e a um novo modo de vida (João 6:44, 65), e é a Sua bondade que nos leva ao arrependimento e ao batismo (Romanos 2:4). Sabemos também que Jesus Cristo morreu como um sacrifício pelos nossos pecados, reconciliando-nos com Deus (Romanos 5:6-11)—assim, o batismo retrata o nosso sepultamento com Jesus Cristo e a nossa ascensão dessa sepultura para andarmos uma nova vida com Ele, agora, e na futura ressurreição (Romanos 6:1-5).

E o Espírito Santo de Deus, como veremos em um capítulo posterior, é o que nos torna filhos gerados de Deus (Romanos 8:16).

A instrução em Mateus 28:19 presume que, antes de serem batizados, os fiéis terão aprendido sobre Deus, o Pai, Seu Filho, Jesus Cristo, e o Espírito Santo. No batismo, esses crentes entram em uma relação familiar e pessoal com Deus Pai e o Filho *pelo* Espírito Santo, recebendo assim o *nome* de Deus (comparar Efésios 3:14-15).

Observe novamente que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são todos reconhecidos como envolvidos neste processo. Mas isso não significa que todos os três são pessoas divinas de uma trindade. A alegação de que Mateus 28:19 estabelece um só Deus em três pessoas vai muito além das verdadeiras palavras do versículo. E outros versículos mostram que essa ideia é totalmente falsa.

Por Que o Espírito Santo é, Frequentemente Referido Como “Ele” e “Lhe”

Muitas pessoas presumem que o Espírito Santo seja uma pessoa divina, como o Pai e Jesus Cristo, baseado em referências ao Espírito como “ele”, “a ele” e “o próprio” no Novo Testamento. Essa confusão resulta do fato que o uso dos pronomes do gênero flexionado [neste caso no masculino] em grego e português não significa que se esteja falando duma pessoa.

A língua grega, como as línguas românicas derivadas do latim (português, espanhol, francês, italiano, etc.), atribui um gênero específico para cada substantivo. Cada objeto, animado ou inanimado, é designado como masculino ou feminino [ou neutro no caso do grego]. O sexo atribuído ao substantivo frequentemente não é relacionado ao objeto ser de fato masculino ou feminino.

Por exemplo, em português a palavra “livro”, está no gênero masculino e se refere ao pronome português “ele”. Igualmente, a palavra “mesa”, está no feminino. É claro, embora estes substantivos tenham gênero, esse gênero *não se refere ao fato de serem* macho ou fêmea.

Podemos observar que na língua hebraica, na qual o Antigo Testamento foi escrito, a pala-

vra traduzida como “espírito”, *ruach*, é apresentada com pronomes *femininos*. Mas o Espírito Santo certamente não é do sexo feminino ou uma mulher.

Em grego, palavras *masculinas* e assim como palavras de gênero *neutro* são usadas para se referir ao Espírito Santo. A palavra grega traduzida como “Consolador”, “Auxiliador”, “Confortador” e “Advogado” [dependendo na versão que usa] nos capítulos de João 14 a 16 é *parakletos*, uma palavra masculina no grego e, assim, referido nesses capítulos por pronomes gregos equivalentes ao português “ele”, “lhe”, “seu”, “próprio”, “quem” e “o qual”.

Por causa das regras gramaticais do grego e do português, é incorreto concluir que o Espírito Santo é uma pessoa porque é referido no masculino, como “ele” ou “o qual”.

Somente se soubéssemos que o *parakletos* ou o auxiliador fosse de fato uma pessoa é que podíamos concluir que é uma pessoa. O pronome masculino não garante que estamos falando duma pessoa. E o termo *parakletos*, certamente *pode* se referir a uma pessoa—como quando se refere a Jesus Cristo em 1 João 2:1. No entanto, o Espírito Santo

em nenhum lugar é designado com pessoalidade.

Além disso, não há absolutamente nenhuma justificativa teológica ou bíblica para se referir ao termo “Espírito Santo” com pronomes masculinos, mesmo em grego. A palavra grega *pneuma*, traduzida como “espírito” (mas também traduzida como “vento” e “sopro” no Novo Testamento) é uma palavra gramaticalmente neutra. Assim, na língua grega, os pronomes equivalentes ao português “que” ou “aquilo” são utilizados corretamente quando se refere a esta palavra traduzida

ao português como “espírito”.

No entanto, quando a tradução de João Ferreira de Almeida foi concluída e impressa, em 1753, a doutrina da trindade já estava sendo aceita há mais de mil anos. Então, naturalmente, os tradutores dessa versão, influenciados por essa crença, escolhiam os pronomes pessoais, em vez de neutro, referindo-se ao Espírito Santo em português. Um tal exemplo é Mateus 10:20, onde Jesus diz: “Porque não sois vós que falais, mas o Espírito do vosso Pai *que* [não *quem*] fala em vós”.

O Que Dizer Dessas Passagens Que Supostamente “Provam” A Trindade?

Algumas pessoas, buscando reforçar a sua crença na trindade, apontam para uma série de passagens bíblicas que supostamente mostram o Pai, o Filho e o Espírito Santo agindo conjuntamente como uma trindade. Mas essas passagens realmente mostram isso? Devemos ter a certeza de ler exatamente o que esses versículos *dizem* e o que *não dizem*, e não lê-los com a nossa própria suposição equivocada.

A doutrina da trindade presume que o Pai, o Filho e o Espírito Santo

são três pessoas co-iguais em um ser divino. No entanto, como vimos por várias citações de estudiosos da Bíblia e pesquisadores no início deste livro, nenhuma passagem bíblica afirma tal coisa.

Então, o que dizer sobre versículos que dizem que “provam” a trindade? Aqueles versículos que são normalmente citados apenas mostram a *ação ou envolvimento* do Pai, do Filho e do Espírito em algum aspecto da experiência cristã. Mas isso não prova nada em relação à *suposta persona-*

lidade do Espírito Santo ou se o Pai, o Filho e o Espírito Santo são *um único ser*. Tudo o que pode ser mostrado a partir desses exemplos é que os três existem e estão de alguma maneira especial envolvidos em tudo que está sendo descrito—são pontos óbvios e incontestáveis.

Como mostra este livro, o testemunho de numerosas escrituras deixa claro que o Espírito Santo não é uma pessoa, mas é, na verdade, o poder de Deus através do qual ambos o Pai e o Filho agem, como Seres individuais pessoais dentro da família de Deus. Tanto o Pai e Cristo estão intimamente envolvidos no processo da salvação humana—e Eles usam Seu

pessoas é Mateus 28:19 que fala sobre o batismo no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O significado deste versículo é explicado em “Será que Mateus 28:19 prova a trindade?” Na página 72. Outro versículo, 2 Coríntios 13:14 [versículo 13 em certas versões], sobre ter a comunhão do Espírito Santo, é explicado na página 69. Como mostrado, nenhuma passagem revela um Deus trino.

Vamos considerar mais exemplos da maneira que são utilizados para apoiar a crença em uma trindade:

- **Mateus 3:16-17:** “E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus

Como mostra este livro, o testemunho de numerosas escrituras deixa claro que o Espírito Santo não é uma pessoa, mas é, na verdade, o poder de Deus através do qual ambos o Pai e o Filho agem, como Seres individuais pessoais dentro da família de Deus.

descendo como pomba e vindo sobre ele. E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”. Uma suposta indicação da trindade: O Filho é batizado, o Espírito desce sobre Ele e o Pai emite uma declaração do céu.

No entanto não há nenhum indício de três pessoas em um único ser, como a doutrina da trindade

Com isso em mente, vamos observar alguns versículos comumente usados para justificar a trindade. O mais usado pelas

afirma, e o Espírito não é revelado ou representado como uma pessoa.

- **Romanos 15:30:** “E rogo-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que combatais comigo nas vossas orações por mim a Deus.” Mais uma vez, só vemos que Jesus, o Espírito e Deus, o Pai *existem*—não que eles formam um ser trino. “O amor do Espírito” é o amor que vem *do* Espírito—amor, um fruto do Espírito Santo (Gálatas 5:22), que está sendo derramado nos corações humanos através do Espírito (Romanos 5:5). Isso não diz e nem expõe nada sobre uma personalidade do Espírito.

- **Gálatas 4:6:** “E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai”. O Espírito Santo através do qual Cristo tornou-se carne e viveu como Filho do Pai é dado pelo Pai aos crentes, que também podem se tornar Seus filhos. Novamente, não há três em um, ou o Espírito Santo como uma pessoa aqui. *O Comentário Bíblico Expositivo* tira conclusões muito precipitadas ao afirmar o seguinte sobre esse versículo: “Paulo agora acrescenta a doutrina trinitária, pois ele está nos dizendo que a salvação consiste em sua plenitude nos atos de Deus Pai ao enviar ambos, Deus Filho e Deus Espírito Santo” (James Boice, vol. 10, 1976, pág. 473). Isto é abso-

lutamente uma ficção, pois nada, nem remotamente, se parece com o que é realmente declarado nesta passagem ou versículos adjacentes. Na verdade, ao invés da exclusividade trinitária, este versículo mostra Deus expandindo a filiação divina além de Jesus, o Filho.

- **Efébios 2:18:** “Porque, por ele [Cristo] ambos [judeus e gentios] temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito”. *O Comentário Bíblico Expositivo* afirma que se este versículo se refere ao acesso através do Espírito Santo subentende-se, certamente, “então [que] as implicações trinitária deste versículo são óbvias” (Skevington Wood, vol. 11, 1978, pág. 41). No entanto, são realmente óbvias? O fato é que não há nenhuma trindade, três-em-um, aqui também. Tudo o que vemos é que através de Cristo estamos ligados pelo mesmo Espírito ao Pai. O Espírito é um meio conectivo neste contexto, não uma pessoa.

- **1 Pedro 1:2:** “[Os crentes são] eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo”. Este versículo começa com os cristãos sendo escolhidos com antecedência através da determinação do Pai e termina com o perdão através do sacrifício de Cristo. No meio do versículo diz que nós somos santificados—significa “separados”—através do Espírito

Santo. Isso não diz nada acerca da personalidade do Espírito. O ato de separar pode ser realizado de várias maneiras, como por um selo inanimado ou uma linha divisória. No entanto, separar neste contexto diz respeito ao que está sendo feito diante de Deus, que inclui o Seu Espírito capacitando-nos a obedecer-Lhe de todo o coração. Ainda assim, isto não requer que o Espírito Santo seja uma pessoa—apenas uma fonte do poder de Deus, que, como veremos documentado no capítulo seguinte, certamente é. Mais uma vez, Pai, Filho e Espírito Santo agem combinados na vida de um cristão—mas isso não implica em nenhuma doutrina trinitária.

• **1 Pedro 3:18:** “Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito”. Jesus morreu para nos reconciliar com Deus Pai e, desde a Sua ressurreição, Ele ainda tem nos guiado ao Pai. A ressurreição de Jesus foi realizada pelo poder do Espírito de Deus. Novamente, nenhuma personalidade está implícita aqui. O Espírito foi simplesmente o poder e o meio, pois foi “Deus Pai, que O ressuscitou dos mortos” (Gálatas 1:1).

O que esses e outros vários exemplos têm em comum? *Nenhum descreve, define, explica ou prova a trindade como supostamente é alegada.* Todos eles mostram

o Pai, o Filho e o Espírito Santo como existentes e importantes para a vida cristã. Mas nenhum apresenta o Espírito como uma pessoa ou o Pai, o Filho e o Espírito como um Deus trino. Na verdade, tais exemplos não comprovam a trindade de forma alguma.

Para ser mais incisivo aqui, vamos considerar uma situação da vida moderna para mostrar isso ainda mais claramente.

Um dentista instrui a seu assistente a repolir o dente de um paciente com um instrumento de polimento. Portanto, o dentista, o assistente, e o instrumento formam uma trindade, três pessoas, em um ser—a ferramenta de polimento faz o trabalho de polir sendo, obviamente, uma pessoa. Isso faz sentido?

Ou essa situação: Um bombeiro liga uma mangueira em um hidrante, aponta com a mangueira e apaga um incêndio. Portanto, o hidrante, a mangueira e o bombeiro formam uma trindade, três pessoas, em um só ser. Uma vez que todos trabalharam para apagar o fogo, é claro que todos os três são pessoas. É isso?

Espero que você tenha entendido o assunto. Estes exemplos não podem provar uma trindade, três pessoas, pelos esses versículos da Bíblia que foram citados. Mais uma vez, temos que ser claros sobre o que esses versículos realmente dizem e o que certamente *não* dizem—e não nos deixar enganar por argumentos fracos e ilógicos.

O Espírito Santo: O Poder Transformador de Deus

“Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação” (2 Timóteo 1:7).

Um dos grandes problemas com a doutrina da trindade é que ela ofusca a nossa compreensão do papel crucial do Espírito de Deus como o *poder* de Deus—particularmente na vida de um cristão. Devemos repudiar as falsas crenças, se quisermos chegar a uma compreensão correta da verdade maravilhosa que a Bíblia revela sobre o Espírito Santo.

O Espírito de Deus, como vimos, foi descrito por um anjo como “o poder do Altíssimo” (Lucas 1:35, ARA). Este é o poder que criou e sustenta o universo. E é o mesmo *poder* que podemos receber diretamente de Deus!

Muitas outras escrituras mostram esse elo entre o Espírito Santo e o poder de Deus. Por exemplo, Paulo, como também já vimos, lembrou a Timóteo que “Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de *poder*, de amor e de moderação” (2 Timóteo 1:7, ARA). E outras escrituras também se referem ao Espírito Santo como o *poder de Deus* (Zacarias 4:6; Miquéias 3:8, ARA).

Lucas 4:14 (ARA) registra que Jesus Cristo começou Seu ministério “no poder do Espírito”. Ao falar do Espírito Santo, que seria dado a seus seguidores depois de Sua morte, Jesus disse: “Mas recebereis *poder*, ao descer sobre vós o Espírito Santo” (Atos 1:8, ARA).

Pedro relata que “Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com *poder*, o qual [Jesus] andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com Ele” (Atos 10:38, ARA).

O Espírito Santo está aqui associado com o *poder* pelo qual Deus Pai estava com Jesus—o poder através do qual Ele realizou grandes milagres durante Seu ministério físico e terrestre. O Espírito Santo é a própria presença do poder de Deus trabalhando ativamente nos seus servos (Salmos 51:11; 139:7).

Paulo expressa seu desejo de que cristãos seriam “ricos de esperança no poder do Espírito Santo”, da mesma forma que Jesus tinha realizado “sinais e prodígios, pelo *poder* do Espírito Santo” (Romanos 15:13, 19, ARA).

Esse Espírito capacita os cristãos a viver uma vida de crescimento e superação, e também a transformar suas vidas para se tornarem semelhantes a Jesus Cristo!

Precisamos da ajuda divina de Deus!

Nenhum de nós pode vencer os pecados e as falhas, e obedecer totalmente a Deus sem Sua ajuda divina. Mesmo se pudéssemos por nossa própria vontade modificar nossas atitudes, somente Deus pode mudar os nossos corações.

É por isso que Paulo rogou aos membros da igreja de Roma: “Não vos

conformeis com este século, mas *transformai-vos pela renovação da vossa mente*” (Romanos 12:1-2, ARA), através do poder do Espírito de Deus. Esse Espírito é o poder que Deus usa para transformar nossas vidas e renovar nossas mentes!

Anteriormente nesta epístola, no capítulo 8, Paulo nos ajuda a entender como o Espírito Santo trabalha na vida de um cristão. No versículo 14, ele escreve que “todos os que são *guiados* pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus”. Aqui vemos que, para ser considerados filhos de Deus, devemos ser *guiados* pelo Espírito de Deus.

Paulo continua este mesmo pensamento no versículo 9, dogmaticamente afirmando que, *se você não tem o Espírito de Deus*, também referido como *Espírito de Cristo*, habitando em si, você “*não é dEle*”. É por isso que é vital arrependermos-nos e sermos batizados—para que possamos entregar nossas vidas a Deus e receber o dom do Seu Espírito, que age e transforma nossas vidas!

Paulo escreve em outro lugar que se “Cristo [está] em vós”, então você é um cristão (Colossenses 1:27). É através do poder e influência do Espírito de Deus que nós permitimos que Cristo viva em nós.

Depois de ter recebido o Espírito de Deus, Paulo descreveu sua nova perspectiva de vida: “Estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, *mas Cristo vive em mim*; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim” (Gálatas 2:20, NVI).

Simbolicamente sepultado com Jesus no túmulo de água do batismo, Paulo agora vivia uma vida que não era mais sua. Ele descreveu sua vida transformada como alguém que permite que Cristo *viva novamente dentro dele*. É assim que devemos agradar a Deus—imitando o Seu Filho. Paulo exortou aos outros crentes: “Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo” (1 Coríntios 11:1). Ele nos diz: “Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar que Cristo Jesus tinha” (Filipenses 2:5, BLH).

No entanto, não podemos ter sucesso em viver uma vida convertida de obediência a Deus e nos tornar semelhantes a Jesus Cristo somente por meio de nossos próprios esforços. Só o conseguiremos apenas pelo poder e ajuda de Deus e não através de nossos próprios esforços. Portanto, a glória e o mérito é de Deus.

Para imitarmos Cristo, devemos pedir ajuda a Deus, através do Seu Espírito, para que possamos humildemente obedecer a Deus e manter nossos pensamentos, atitudes e ações em sintonia com Ele. Devemos permitir que Seu Espírito seja a força motriz nas nossas vidas para produzir as qualidades do verdadeiro Cristianismo. Devemos frequentemente nos perguntar se estamos, de fato, a ser *guiados* pelo Espírito de Deus ou se estamos *resistindo* a ele.

Recebemos ajuda divina através do Espírito de Deus

O que o Espírito Santo de Deus faz por nós, como cristãos? Esta questão

afeta a cerne de nossas crenças religiosas, porque sem o poder do Espírito de Deus não podemos ter um relacionamento profundo e íntimo com o Pai, nem podemos nos tornar Seus filhos. Porque o Espírito habita em nós é que somos chamados filhos de Deus (Romanos 8:14-17).

Devemos entender o que significa ser “guiados pelo Espírito”. O Espírito de Deus não nos leva, arrasta ou pressiona; ele *nos guia*. Ele não vai nos impedir de pecar, nem vai nos forçar a fazer o que é certo. Ele nos guia, porém *devemos estar dispostos a seguir*.

Como é que o Espírito de Deus nos guia? Vamos considerar alguns aspectos.

• *O Espírito Santo nos mantém em contato com a mente de Deus.*

O Espírito de Deus trabalha com a nossa mente. O apóstolo João descreve-o desta maneira: “E aquele que guarda os seus mandamentos nele está, e ele nele. E nisto conhecemos que ele está em nós: pelo Espírito que nos tem dado” (1 João 3:24). Através do Espírito de Deus, o qual Ele nos dá, podemos ser influenciados por Ele para o bem e para obedecer os Seus mandamentos. Isto está em flagrante contraste com o mundo que nos rodeia e com nossa própria natureza, que nos influencia para o mal.

O Espírito de Deus também nos ajuda a compreender mais profundamente Sua verdade. Quando Jesus prometeu aos apóstolos que lhe enviaria o Espírito, Ele disse que ele “vos guiará em toda a verdade” (João 16:13).

• *O Espírito de Deus nos inspira um profundo entendimento de Sua Palavra, propósito e vontade.* Como 1 Coríntios 2:9-11 nos diz: “As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou *pelo seu Espírito*; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão [pelo] o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão [pelo] o Espírito de Deus”.

Sem o Espírito de Deus uma pessoa não pode entender a expressa Palavra divina e nem Sua vontade, “porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (versículo 14).

• *O Espírito Santo torna possível a superação.* Nada é tão difícil para nós quando o poder de Deus atua em nossas vidas. Romanos 8:26 diz que o Espírito de Deus nos ajuda em nossas fraquezas. Paulo, que escreveu a carta aos Romanos, fala por todos nós quando disse: “Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece” (Filipenses 4:13, NVI).

Jesus promete aos cristãos que com “Deus tudo é possível” (Mateus 19:26, Marcos 10:27). A vida cristã é uma vida de *desafios*. Devemos entender que Deus não quer que permaneçamos como éramos, antes de Ele nos chamar. Em vez disso, como temos lido, é preciso não “conformar com este século, mas *transformar-se pela renovação da vossa mente*” (Romanos 12:2, ARA). O Cristianismo é uma vida de superação e crescimento—de transformação de nossos pensamentos e mentes para nos tornarmos semelhantes a Jesus Cristo (Filipenses 2:5).

• ***O Espírito de Deus convence nossa consciência como culpada e nos ajuda a ver o pecado como realmente é.*** Ao falar do Espírito Santo, que seria dado a seus seguidores depois de Sua morte e ressurreição, Jesus disse que ele “convencerá o mundo do pecado” (João 16:8). O Espírito de Deus dentro de nós, trabalhando com nossa consciência, nos ajuda a reconhecer e evitar o pecado. A culpa que sentimos é real quando despertada pelo reconhecimento dos pecados.

• ***O Espírito Santo produz fruto divino em nós.*** Assim como uma macieira produz maçãs, o Espírito de Deus produz um determinado tipo de fruto na vida de um cristão. Paulo lista o fruto que deve ser evidente naqueles que são guiados pelo Espírito de Deus como “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gálatas 5:22-23, ARA).

Cada aspecto desse fruto é digno de um estudo detalhado, juntamente com uma auto-análise para ver até que ponto essas características são evidentes em nossas vidas.

O apóstolo Pedro resume o processo de crescimento até a maturidade espiritual: “Seu *divino poder* nos deu tudo de que precisamos para a vida e para a piedade, por meio do pleno conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude. Dessa maneira, ele nos deu as suas grandiosas e preciosas promessas, para que por elas vocês se tornassem *participantes da natureza divina* e fugissem da corrupção que há no mundo, causada pela cobiça.

“Por isso mesmo, empenhem-se para acrescentar à sua fé a virtude; à virtude o conhecimento; ao conhecimento o domínio próprio; ao domínio próprio a perseverança; à perseverança a piedade; à piedade a fraternidade; e à fraternidade o amor. Porque, se essas qualidades existirem e estiverem crescendo em sua vida, elas impedirão que vocês, no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo, sejam inoperantes e improdutivos.

“Todavia, se alguém não as tem, está cego, só vê o que está perto, esquecendo-se da purificação dos seus antigos pecados. Portanto, irmãos, empenhem-se ainda mais *para consolidar o chamado e a eleição de vocês*, pois se agirem dessa forma, jamais tropeçarão, e assim vocês estarão ricamente providos quando entrarem no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pedro 1:3-11, NVI).

• ***O Espírito de Deus também nos conforta, encoraja e auxilia de outras formas.*** Jesus Cristo prometeu enviar a Seus discípulos o Espírito Santo como um “Consolador” (João 14:16) ou “Auxiliador” (BLH). O verdadeiro conforto e segurança vêm da permanência do Espírito de Deus em nós. Nós não precisamos estar excessivamente preocupados com o que pode acontecer conosco. O Espírito de Deus nos dá a certeza que tudo o que acontecer será para o bem “daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Romanos 8:28).

Esta garantia proporciona uma perspectiva da vida que é rara em nosso

mundo. Certamente, um cristão pode desanimar, mas é através do Espírito Santo que podemos começar a enxergar a vida de um modo diferente. Como observado anteriormente, a paz é um dos frutos do Espírito de Deus na vida de um cristão.

Quando libertamos nossas mentes da confusão sobre o Espírito Santo criada pela doutrina da trindade, passamos a ver a maravilhosa verdade de como e por que Deus atua em nossas vidas para nos transformar—tornando possível obedecê-LO e crescer em Seu caminho enquanto nesta vida física, para que possamos experimentar uma transformação inspiradora no futuro retorno de Cristo. Agora vamos examinar como o Espírito de Deus pode ajudar a nos guiar para nosso destino final!

A Natureza e o Caráter de Deus

Em qualquer discussão sobre quem e o que é Deus, não devemos perder de vista a verdade mais importante a respeito de Deus—que Deus, o Pai e Jesus Cristo, o Filho, são Seres de *amor infinito*. João resumiu perfeitamente Seu caráter divino e natureza, quando escreveu que “Deus é amor” (1 João 4:8, 16).

O amor de Deus é altruísta, fluindo para o bem dos outros. Quando Ele mostrou Sua glória a Moisés, Deus revelou-Se como o “Deus compassivo e misericordioso, paciente, cheio de amor e de fidelidade, que mantém o seu amor a milhares e perdoa a maldade, a rebelião e o pecado” (Êxodo 34:6-7, NVI).

O amor é a base do caráter e lei de Deus. É a base de tudo o que Deus tem revelado para a humanidade nas Sagradas Escrituras (Mateus 22:35-40).

Paulo chamou o amor de o maior atributo cristão (1 Coríntios 13:13). É o primeiro aspecto do fruto do

Espírito de Deus que ele menciona (Gálatas 5:22). O amor é o vínculo de toda a perfeição, unindo em perfeita unidade (Colossenses 3:14, NVI). É o cumprimento da lei divina de Deus (Romanos 13:10).

Essa incrível qualidade de amor divino se estende aos inimigos (Mateus 5:44-45, Lucas 6:35).

O amor é a base do compromisso entre o Pai e o Cristo. Jesus disse: “O Pai ama o Filho e todas as coisas entregou nas suas mãos” (João 3:35). E Ele ainda disse: “Eu amo o Pai e que faço como o Pai me mandou” (João 14:31).

Ele disse aos Seus discípulos: “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor” (João 15:10). Cristo é sempre obediente ao Pai, e devemos também ser obedientes ao Pai e a Cristo como expressão do nosso amor por Eles. (A propósito, isto contradiz a ideia trinitária de não

poder existir nenhuma relação de comando e obediência dentro da Divindade, pois isso implica que existem seres distintos com vontades distintas).

Após o arrependimento, podemos começar a demonstrar o amor divino, que é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo (Romanos 5:5). Deus quer que aprendamos a pensar como Ele pensa e fazer o que Ele faz.

No exercício deste tipo de amor, exprimimos a imagem de Deus (refletindo Seu caráter), embora ainda sejamos humanos. Paulo nos encoraja a ter “o mesmo modo de pensar que Cristo Jesus tinha” (Filipenses 2:5, BLH), pois

Ele personificou perfeitamente o amor de Deus a ponto de dar Sua própria vida por nós.

Uma das mais conhecidas passagens da Bíblia nos diz que “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16).

Deus não quer somente nos conceder o dom inestimável da vida eterna, mas também quer compartilhar todas as coisas conosco em Sua família divina (Hebreus 2:6-8, Romanos 8:16-17). E outra vez as Escrituras revelam que Deus personifica perfeitamente o amor.

Como o Espírito de Deus Pode Ser Despertado

O apóstolo Paulo admoestou os membros de uma das igrejas que ele começou: “Não *extingais* o Espírito” (1 Tessalonicenses 5:19). Ele também pediu o jovem evangelista Timóteo: “Por este motivo, te lembro que *despertes* [reavives] o dom de Deus, que existe em ti pela imposição das minhas mãos. Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação” (2 Timóteo 1:6-7).

Paulo comparou o Espírito de Deus a uma brasa se apagando no fogo. Ele encorajou Timóteo a

reavivar a brasa viva e inflamá-la. Esta é uma lição importante para todos nós. Paulo sabia que temos de nos proteger contra a negligência do dom do Espírito de Deus para não deixá-lo esfriar!

Como podemos manter a força, a coragem e o amor que Deus nos dá através do Seu Espírito? Encontramos as respostas em várias escrituras.

Paulo nos diz: “Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau” (Efésios 6:13). Satanás fará tudo que estiver ao seu alcance para nos desencorajar, influenciar,

desiludir e amedrontar—para que abandonemos a nossa confiança em Deus. Então, o que Paulo quis dizer, com tomar “toda a armadura de Deus”, para nossa defesa? O que podemos usar para resistir a atitudes autodestrutivas como apatia, medo e desânimo?

Paulo continua: “Assim, mantenham-se firmes, cingindo-se com o cinto da verdade, vestindo a couraça da justiça e tendo os pés calçados com a prontidão do evangelho da paz. Além disso, usem o escudo da fé, com o qual vocês poderão apagar todas as setas inflamadas do Maligno. Usem o capacete da [esperança de] salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus (versículos 14-17 NVI; comparar 1 Tessalonicenses 5:8).

Paulo nos diz que precisamos permanecer firmes na verdade que aprendemos, concentrados e vivendo em retidão, independentemente das circunstâncias. Também devemos estar ativos para fazer a nossa parte em promover a propagação do verdadeiro evangelho, nunca perdendo de vista a vida eterna como nossa meta e usando a Palavra de Deus como a espada que corta todo o engano.

Mas igualmente importante é o que Paulo menciona posteriormente em Efésios 6: “Orem no Espírito em todas as ocasiões, com toda oração e súplica; tendo isso em mente, estejam atentos e perseverem na oração por todos os santos. Orem também por

mim, para que, quando eu falar, seja-me dada a mensagem a fim de que, destemidamente, torne conhecido o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador preso em correntes. Orem para que, permanecendo nele, eu fale com coragem, como me cumpre fazer” (versículos 18-20, NVI).

Nossa capacidade de permanecer espiritualmente fortes e ativos depende de quanto nós confiamos em Deus. E nossa linha de comunicação para essa ajuda é através da oração.

Paulo incentivou os cristãos a praticar a oração não só para si, mas também para ele e para os outros. “Perseverai em oração, velando nela com ação de graças; orando também juntamente por nós, para que Deus nos abra a porta da palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual estou também preso; para que o manifeste, como me convém falar” (Colossenses 4:2-4).

Uma das principais chaves para manter a ação do Espírito de Deus ativa e desperta em nossas vidas é fixar nossas mentes no panorama geral do que Deus está fazendo. Se pensarmos excessivamente em nós mesmos e em nossos próprios problemas nos tornamos muito mais vulneráveis às influências negativas de Satanás. Paulo pediu a todos os novos convertidos a se enxergarem como parte de uma grande obra que Deus está realizando. Paulo, como o homem chave para a obra de Deus em sua região desse

mundo, encorajou-os a apoiar com entusiasmo os seus esforços através das orações deles.

Ele explica por que suas orações eram tão importantes: “Irmãos, não queremos que vocês desconheçam as tribulações que sofremos . . . para que não confiássemos em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos. Ele nos livrou e continuará nos livrando de tal perigo de morte. Nele temos colocado a nossa esperança de que continuará a livrar-nos, enquanto vocês nos ajudam com as suas orações” (2 Coríntios 1:8-11, NVI).

Paulo expressa seu profundo amor por aqueles convertidos sob seu ministério. “Agradeço a meu Deus toda vez que me lembro de vocês. Em todas as minhas orações em favor de vocês, sempre oro com alegria por causa da cooperação que vocês têm dado ao evangelho, desde o primeiro dia até agora. Estou convencido de que aquele que começou boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus” (Filipenses 1:3-6, NVI).

É importante que também possamos manter a nossa confiança em Deus viva e ativa. Às vezes, precisamos combinar o jejum com as orações para reavivar o zelo e renovar a nossa dedicação e compromisso com Ele. O Rei Davi escreveu que ele “humilhava a alma com o jejum” (Salmo 35:13). Jejuar é abster-se de comida e bebida como um meio de trazer nossas mentes de volta

à realidade de que não somos auto-suficientes. O jejum nos ajuda a perceber o quão frágeis somos e quanto dependemos de coisas além de nós mesmos. E é um exercício de negação a nós mesmos para os propósitos mais elevados de Deus.

A Bíblia registra que grandes homens de fé, como Moisés, Elias, Daniel Paulo e o próprio Jesus jejuaram para se aproximar de Deus (Êxodo 34:28; 1 Reis 19:8; Daniel 9:3; 10:2-3; 2 Coríntios 11:27, Mateus 4:2).

Jesus foi abordado com a seguinte pergunta: “Por que jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, e não jejuam os teus discípulos?” E Ele respondeu: “Podem, porventura, os filhos das bodas jejuar, enquanto está com eles o esposo? Enquanto têm consigo o esposo, não podem jejuar. Mas dias virão em que lhes será tirado o esposo, e então jejuarão naqueles dias” (Marcos 2:18-20).

Jesus sabia que Seus verdadeiros discípulos, uma vez que Ele não estaria mais com eles em carne, às vezes precisariam rapidamente recuperar e renovar o seu zelo para servi-Lo. Eles teriam necessidade de “despertar” o dom do Espírito Santo dentro deles.

Tiago nos diz: “Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós” (Tiago 4:8). Através da oração constante e jejum ocasional podemos fazer isso. Nós podemos fazer disso nosso costume para despertar e reavivar o Espírito de Deus dentro de nós!

O Propósito de Deus para Você

“Eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso” (2 Coríntios 6:18).

Como mostrado anteriormente neste livro, a Bíblia revela que *Deus é uma família*. Essa família compreende atualmente o Ser a quem Jesus Cristo chamou “o Pai” e Ele próprio, que é repetidamente conhecido como “o Filho” ou “o Filho de Deus”. Lamentavelmente, esta clara e simples verdade está obscurecida pela incompreensível doutrina da trindade.

Deus quer ter um relacionamento *familiar* com a gente. E isso deveria ser óbvio dada uma oração que a maioria de nós provavelmente já memorizou em algum momento nas nossas vidas, na qual Jesus Cristo nos instrui a começar assim: “Pai Nosso . . .” (Mateus 6:9). Deus quer que olhemos para Ele *como um Pai*, não como um inexplicável ser três-em-um!

Considere novamente a saudação que Paulo utiliza em todas as epístolas que levam seu nome, nas quais ele deseja graça e paz “da parte de *Deus nosso Pai* e do Senhor Jesus Cristo”. Deus poderia ser apresentado para a humanidade de muitas maneiras, mas a maneira como Ele guiou a Cristo para apresentá-lo, foi como “*nosso Pai* nos céus”.

É óbvio que os autores inspirados da Bíblia estão nos dizendo algo muito importante!

A Escritura revela que toda a humanidade descendeu dos dois primeiros seres humanos, Adão e Eva. Nós somos sua família extensa. Através da criação direta à semelhança de Deus, Adão era um filho de Deus (Lucas 3:38; comparar Gênesis 5:1-3). Portanto, uma vez que somos descendentes de Adão, também somos filhos de Deus. Deus é nosso Pai, porque Ele foi o Pai de nosso primeiro pai humano. É tal como Atos 17:28-29 nos diz: “Sendo nós, pois, geração de Deus”.

Mas o propósito de Deus vai muito além da criação de seres humanos mortais e perecíveis. Ele está em processo de moldar e formar ‘*novas criaturas*’ (2 Coríntios 5:17), Sua própria paternidade de filhos espirituais—filhos imortais e incorruptíveis imbuídos de Sua própria natureza e caráter.

Quanto mais entendermos o que isso significa, mais impressionado ficaremos—não apenas a majestade do propósito de Deus, mas o que isso implica *para cada um de nós particularmente*. E, ao enxergarmos a verdadeira natureza de Deus a esse respeito, entenderemos como é absurdamente enganosa e vazia a doutrina da trindade, quando comparado a este entendimento!

Deus está criando uma família

Paulo explica esta nova criação, comparando o “velho homem, que se cor-

rompe pelas concupiscências do engano” com o “novo homem, que *segundo Deus é criado* em verdadeira justiça e santidade” (Efésios 4:22-24, NVI).

Paulo está descrevendo uma *transformação espiritual* externamente necessária nas pessoas. E isso primeiro envolve uma mudança na natureza e no caráter da pessoa. Isto é seguido pela ressurreição—uma total metamorfose em um ser espiritual glorificado e com vida eterna.

Deus está realizando essa transformação *pelo poder do Espírito Santo*. O termo bíblico para essa transformação espiritual é *salvação*. Paulo descreve aqueles que irão receber a salvação como filhos de Deus: “O próprio Espírito [isto é, o Espírito Santo de Deus] testifica com o nosso espírito [nosso espírito humano individual] que *somos filhos de Deus*. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, *herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo*; se com ele sofremos, *também com ele seremos glorificados*” (Romanos 8:16-17, ARA).

Então, começamos a entender o significado da declaração inspirada de Paulo? Pois, ela explica por que estamos aqui, a razão de nossa existência e *por que nascemos*. Isto dá sentido à própria vida. Isso explica por que Deus quer que todas as pessoas cheguem ao conhecimento da verdade. Deus, segundo as Escrituras, *está criando uma família*—Sua *própria* família. Temos a oportunidade inestimável de fazer parte dessa família, a *família de Deus*!

Essa relação de família—nossa transformação em *filhos de Deus Pai*—é o coração e o centro do incrível plano de Deus para a humanidade!

Desde o início este objetivo tem sido claramente indicado por Deus. Observe novamente as palavras de Gênesis 1, citado anteriormente: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança . . . E criou Deus o homem à *Sua imagem* . . . macho e fêmea os criou” (versículos 26-27). Homens e mulheres foram criados à imagem e semelhança de Deus, para ser *como Ele*.

Esta linguagem diz respeito a *família*. Veja que isso foi depois de criar as plantas e os animais para se reproduzirem “*segundo a sua espécie*” que Deus disse: “*Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança*” (versículo 26). Isso mostra que o *homem foi criado segundo a ‘espécie’, ou ‘gênero’ de Deus*.

De fato, para nos ajudar a entender o paralelo de Deus criando o homem à Sua imagem e semelhança, Gênesis 5:3 diz que o primeiro homem, Adão, mais tarde “gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem, e chamou o seu nome Sete”. Então Deus estava essencialmente reproduzindo a si mesmo através da humanidade. Veremos mais sobre isso em breve.

Deus deixa claro que a Sua família inclui as pessoas que agora são homens e mulheres físicos, ambos filhos e filhas: “Porque *todos sois filhos de Deus* pela fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gálatas 3:26-28).

A Bíblia muitas vezes refere-se coletivamente aos filhos físicos de ambos os sexos como “filhos” porque esse era o costume na época em que a Bíblia foi escrita. Esse costume continua em muitas línguas ao longo dos séculos, tal como em português. Nas línguas hebraica e grega, nas quais a Bíblia foi escrita originalmente, a palavra “filhos” era usada geralmente para se referir a “descendentes”. Nós igualmente usamos as palavras *humanidade* e *irmãos* em um sentido coletivo para incluir ambos os sexos.

Deus também nos diz: “Eu serei para vós Pai, e *vós sereis para mim filhos e filhas*, diz o SENHOR Todo-poderoso” (2 Coríntios 6:18). Assim como homens e mulheres são filhos de Deus através da criação física, então ambos podem ser filhos de Deus *no sentido espiritual*.

Podemos ser verdadeiros filhos de Deus?

Mas quando Deus nos chama de Seus filhos e nos instrui a chamá-LO de nosso Pai, isso é em sentido literal? Deus está realmente *gerando* uma família de outros como Ele mesmo através de um processo de reprodução? Ou isso quer dizer que Deus é um Pai para a raça humana por causa da criação?

Pelo fato da criação Deus também é um Pai para os anjos, chamando-os de “filhos de Deus” em Jó 38:7. Mas existe um sentido mais importante no qual Ele deseja ser um Pai para os seres humanos—um privilégio não concedido aos anjos.

Podemos começar a ver isso no livro de Hebreus: “Porque a qual dos anjos disse jamais: *Tu és meu Filho, hoje te gerei?* E outra vez: *Eu lhe serei por Pai, e ele me será por Filho?*” (Hebreus 1:5). Nesta passagem, a comparação está sendo feita entre o status dos anjos e de Jesus Cristo, o divino Filho de Deus. No entanto, aqui a comparação pode ser expandida e aplicada aos seres humanos também.

Devemos reconhecer que Jesus está em uma posição exclusiva como “Filho unigênito” de Deus (João 1:18, 3:16, 1 João 4:9). Como o Verbo divino, Ele estava com Deus Pai antes de Sua concepção humana (João 1:1-3, 14). Então, através de Deus Pai, ao usar o poder do Espírito Santo, o Verbo foi sobrenaturalmente concebido como o ser humano Jesus Cristo no ventre de Maria enquanto ela ainda era virgem (Lucas 1:35, Mateus 1:20).

Jesus não teve um pai humano. Certamente, Deus Pai era o pai de Jesus, até mesmo no sentido físico através do Espírito Santo agindo no mundo físico. Ao mesmo tempo, Jesus também foi gerado pelo Pai para a vida espiritual através do mesmo Espírito (comparar João 5:26; 6:63).

E em Sua ressurreição, seguida à Sua morte, Cristo voltou à Sua antiga glória com o Pai, e assim orou, pouco antes de morrer, como já citado: “E, agora, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse” (João 17:5).

Ainda que os seres humanos não são *fisicamente* gerados de modo sobrenatural como foi Cristo, eles *podem* segui-LO para virem a ser *espiritualmente* gerados por Deus—embora que seja mais adiante na sua existência

física. Os cristãos convertidos também são referidos como “gerados” de Deus (1 Pedro 1:3, 1 João 5:1 [NVI], 18 [ARC]), como *filhos de Deus* (João 1:12, Romanos 8:16, 21; 1 João 3:1-2, Mateus 5:9, Romanos 8:14, 19; Gálatas 3:26) e, como já visto, como “*filhos e filhas*” de Deus (2 Coríntios 6:18).

De fato, eles são descritos em 1 Pedro 1:23 como “sendo de novo gerados, não de *semente* corruptível [grego *sperma*—isto é, não de uma célula fecundada pelo esperma masculino no óvulo feminino para gerar apenas uma vida mortal perecível], mas da [semente] incorruptível, pela palavra de Deus, viva e que permanece para sempre”.

Esta vida incorruptível e imperecível para a qual são guiados pelas Escrituras vem do ato de Deus inseminar o Seu Espírito Santo dentro deles, pois “somente o Espírito Santo dá a vida eterna” (João 6:63, Bíblia Viva). De fato, o Espírito Santo, como poder de Deus, é o agente da concepção espiritual.

Observe novamente as palavras de Paulo em Romanos 8:16: “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”. E através desse Espírito torna-se possível sermos “participantes da natureza divina” (2 Pedro 1:4), a própria natureza de Deus.

Voltando ao livro de Hebreus, devemos compreender que a linguagem de ser gerado por Deus, embora não empregada aos anjos, é aplicável não apenas a Jesus Cristo, *mas também aos Seus seguidores*. Quanto aos “anjos”, a Bíblia diz que “são espíritos que servem a Deus, os quais ele envia para ajudar os que vão receber a salvação” (Hebreus 1:14, BLH).

Estes seres humanos convertidos são filhos de Deus, irmãos de Cristo que, como Ele, são gerados de Deus. Como foi-nos dito, Cristo trará “*muitos* filhos à glória . . . Porque, assim o que santifica como os que são santificados, são todos de um [isto é, do mesmo Pai ou da mesma família, como menciona outras traduções]; *por cuja causa não se envergonha de lhes chamar irmãos*” (Hebreus 2:10-11).

Jesus foi o “*primogênito* entre *muitos* irmãos” (Romanos 8:29). Estes seres humanos devem ser “nascidos do Espírito” (João 3:6) para se tornar semelhantes a Ele, que agora, como um “espírito vivificante” (1 Coríntios 15:45), senta-se “à direita de Deus” (Hebreus 10:12).

Na verdade, eles vão ainda juntar-se a Ele em glória como companheiros e “filhos da ressurreição” (Lucas 20:36)—Cristo é o “*primogênito* dentre os mortos” (Colossenses 1:18, Apocalipse 1:5).

Assim, deveria ser claro que esse Espírito possibilita aos cristãos *se tornarem, realmente e literalmente, filhos de Deus através da regeneração espiritual*—sendo gerados de novo através do Espírito Santo para uma nova vida. Então, Deus realmente está Se reproduzindo em nós segundo Seu “gênero” [ou ‘espécie’], como implica Gênesis 1—não apenas como modelos físicos em carne, mas *como entidades espirituais, como Ele mesmo* (João 4:24). Certas pessoas leem alguns versículos dizendo que os cristãos são filhos *adotivos* de Deus e não Seus filhos regenerados de verdade, mas isso é baseado em um mal-entendido (para saber mais, leia a secção ‘Adoção ou Filiação?’

no nosso livro de estudo bíblico gratuito intitulado ‘*Qual é o Seu Destino?*’).

Seremos como Jesus Cristo

Ao reconhecermos que somos criados à imagem de Deus e que seguiremos os passos de Cristo em glória futura, vamos dar mais atenção ao que isso implica. Quando tudo estiver dito e feito, como seremos completamente como Deus?

O propósito de Deus é *de nos fazer totalmente como Jesus Cristo!* Em Efésios 4 Paulo deixa isso claro. Ele explica que os membros da Igreja de Deus são para “que todos cheguemos . . . à medida da estatura completa de Cristo” (versículo 13). E Paulo comenta em Gálatas 4:19: “Meus filhinhos, por quem de novo sinto as dores de parto, *até que Cristo seja formado em vós*”. Isso expressa o mesmo conceito com palavras diferentes.

Você consegue vislumbrar o significado do que Paulo está dizendo nessa explicação de que teremos a plenitude de Cristo? Nós podemos nos tornar total e completamente como Jesus Cristo, com Seu caráter formado em nós. Mas isso não é tudo!

Como vimos, Jesus, o Filho de Deus, também é Deus, o Filho. Ele é Deus, *juntamente com* Deus, o Pai—dois Seres divinos distintos, mas unidos em uma completa unicidade.

Como Jesus é o Filho de Deus, *nosso destino também é sermos filhos imortais de Deus*. É claro que Jesus é Filho de Deus de um modo único, como vimos. Ao contrário de nós, Ele era o Verbo divino de Deus desde a eternidade com o Pai (João 1:1). No entanto, o Novo Testamento declara que Jesus é, como também vimos, “o *primogênito* entre muitos irmãos” (Romanos 8:29) e deixa claro que seus seguidores *também* são filhos de Deus.

O apóstolo João explica o que isso significa, em última instância: “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados *filhos de Deus* . . . Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, *seremos semelhantes a ele*, porque haveremos de vê-lo como ele é” (1 João 3:1-2, ARA).

Com a nossa mente humana finita e limitada em compreensão, não podemos saber tudo o que há para saber sobre Deus. Também não podemos compreender plenamente o que significa ser seres espirituais divinos e glorificados como são Deus Pai e Jesus Cristo. Mas nós temos essa promessa—que os seres humanos iniciados na família que Deus está criando acabarão por serem *glorificados a seres espirituais, como Jesus Cristo ressuscitado* (Filipenses 3:20-21), que reina sobre o universo em Seu estado glorificado à direita de Deus Pai!

Isto é o que se entende pela descrição de Daniel sobre o futuro onde as pessoas justas “resplandecerão . . . como as estrelas, sempre e eternamente” (Daniel 12:2-3). Os seres humanos ressuscitados para a vida eterna serão *como Jesus Cristo glorificado!*

Mas o que isso realmente significa? Vamos entender alguns pontos cruciais. Considere que os filhos humanos são *como* seus pais, irmãos e irmãs. Eles são todos do mesmo gênero de seres—seres *humanos*. Da mesma forma, finalmente, os filhos de Deus vão ser *como* Ele e *como* Jesus Cristo, Seu irmão divino.

Jesus Cristo, Deus, o Filho, é *como* Deus, o Pai—com o mesmo tipo de glória e poder. Essas passagens das Escrituras nos dizem que os outros filhos de Deus, sendo glorificados quando ressuscitados, serão *como* o Pai e Cristo! Eles serão do mesmo gênero de seres, *como* o Pai e Cristo—seres *divinos*, por mais incrível que possa parecer!

O potencial impressionante de qualquer pessoa, tal como mostra a Palavra de Deus, parece tão incrível que a maioria das pessoas não conseguem entender essa verdade bíblica quando a leem pela primeira vez. Embora, francamente declarada na Bíblia, as pessoas costumam passar despercebidas por ela. Na verdade, esse incrível futuro é todo o propósito e razão pelos quais Deus criou o homem. E é por isso que nascemos, por que existimos!

Infelizmente a crença na trindade tem cegado a milhões de pessoas para esta inspiradora verdade. A trindade apresenta Deus como três pessoas divinas que são, ao mesmo tempo, um—e como um grupo sempre fechado, nem mais nem menos. Este ensinamento antibíblico obscurece a admirável verdade de que *Deus está aumentando Sua família!* Essa família, que agora consiste do Pai e do Filho, vai crescer, como Hebreus 2:10 nos diz: “trazendo muitos filhos à glória”!

Vocês são deuses?

Vamos chegar ao cerne da questão. Os judeus da época de Jesus acusaram-NO de blasfêmia por afirmar ser o Filho de Deus: “Porque, sendo tu homem, *te fazes Deus a ti mesmo*” (João 10:33).

Observe Sua intrigante resposta: “Replicou-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei [no Salmo 82:6]: ‘Eu disse: sois deuses?’ Se Ele [Deus] chamou deuses àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus, e a Escritura não pode falhar, então, daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, dizeis: Tu blasfemas; porque declarei: sou Filho de Deus?” (João 10:34-36, ARA).

Em outras palavras, Cristo disse: “Se a Escritura sem qualquer reserva chama os seres humanos de *deuses*, por que vocês estão incomodados quando eu apenas digo que sou *Filho* de Deus?”

No entanto, são os seres humanos realmente deuses? O que Ele quis dizer?

No Salmo 82:6, citado por Jesus, Deus diz para os seres humanos: “Eu disse: Vós sois deuses, e vós outros sois todos filhos do Altíssimo”. A chave aqui é a palavra *filhos*, assim como já vimos em outros versículos. Devemos entender que Deus é *uma família*—uma *família divina* de mais de uma pessoa. Como vimos neste livro, há *um só* Deus (a *família* de Deus) com *mais* de um *Ser* Divino.

Como explicado anteriormente, a família de Deus desde o início compre-

endia dois seres divinos—Deus e o Verbo, este último tornou-se carne dois mil anos atrás como o Filho de Deus, Jesus Cristo (João 1:1-3, 14). Depois da vida e morte de Jesus como humano, Ele ressuscitou para uma existência divina espiritual, como o “*primogênito* dentre os mortos” (Colossenses 1:18) e “o *primogênito entre muitos irmãos*” (Romanos 8:29). Assim, Jesus foi espiritualmente nascido na ressurreição como o *primeiro* de muitos “irmãos” ou filhos que viriam depois.

Mais uma vez, como apontado no início deste capítulo, Atos 17:28-29 afirma que os seres humanos são “*geração*” de Deus (palavra grega *genos* que aqui significa “parentesco”, “raça”, “gênero”, “descendência” ou “família”). E como vimos a partir de Gênesis 1, o propósito de Deus ao criar o homem à Sua imagem e semelhança era de torná-lo de acordo com o “gênero de Deus”—assim, reproduzir-Se através da humanidade.

O Salmo 82 é muito mais fácil entender à luz dessa verdade. No versículo 6 a palavra deuses é equiparada a “filhos do Altíssimo”. Isso faz todo o sentido. Quando um ser gera filhos, seus descendentes são *do seu mesmo gênero de seres*. Os filhotes de gatos são gatos. Os filhotes de cães são cães. A descendência de seres humanos são seres humanos. A descendência de Deus são, nas palavras do próprio Cristo, “deuses”.

Mas devemos ter cuidado aqui. Seres humanos não são *literalmente* deuses—pelo menos, ainda não. Na verdade, inicialmente as pessoas não são literalmente filhos de Deus, exceto no sentido de que Ele criou a humanidade e a fez à Sua imagem e semelhança.

No Salmo 82, apesar de os seres humanos serem chamados de *deuses*—no sentido de serem descendência de Deus, com a intenção de vir a representá-LO em posições de autoridade e juizes em toda a terra—eles ainda são declarados como imperfeitos e sujeitos à corrupção e à morte. Então, eles são da família divina apenas em um sentido restrito.

Um exemplo disso é que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus em um nível físico e mortal, com domínio limitado, assemelhando-se a Deus, mas sem o Seu caráter divino e glória. Outro aspecto desta questão é que a humanidade *tem o potencial final* de se tornar definitivamente no mesmo gênero de seres que o Pai e Cristo são agora.

De fato, muitas vezes Deus “chama as coisas que não são como se já fossem” (Romanos 4:17)—olhando para o futuro e dando Seu propósito como já realizado. Surpreendentemente, o propósito de Deus é *eleva os seres humanos* desta existência carnal *para o mesmo nível de existência divina espiritual* que Deus tem, como veremos.

A caminho do resultado final—a glória divina

Isto envolve o processo mencionado anteriormente de reprodução *espiritual* em que Deus nos gera como Seus filhos. Na verdade, agora com um quadro mais completo do que Deus está fazendo, vamos rever isso por um momento. O processo espiritual de reprodução inicia-se com o Espírito de

Deus se unindo ao nosso espírito humano. Mais uma vez: “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Romanos 8:16). Através dessa união milagrosa, nós nos tornamos “participantes da natureza divina” (2 Pedro 1:4).

Assim, o cristão gerado pelo Espírito é um filho de Deus, um membro real da família de Deus (Efésios 2:19)—mas ainda não no sentido final. Como crianças, ainda devemos passar por um *processo de desenvolvimento* nesta vida—um período de edificação do caráter divino, tornando-se mais e mais semelhante a Deus em nossa maneira de pensar e comportar. E no final desta vida, na ressurreição ao retorno de Cristo, os cristãos verdadeiros serão transformados em seres espirituais divinos, tal como o Pai e Cristo são.

Veja mais uma vez esta surpreendente verdade registrada pelo apóstolo João: “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, *seremos semelhantes a ele*; porque *assim como é o veremos*” (1 João 3:2).

Na verdade, expandindo mais o assunto, nos é dito em numerosas passagens da Escritura que vamos receber a glória divina do Pai e de Cristo: “O Deus que tem por nós um amor sem limites e que chamou vocês para *tomarem parte na sua eterna glória*” (1 Pedro 5:10, BLH, ver também Romanos 5:2; 2 Coríntios 3:18; 1 Tessalonicenses 2:12; 2 Tessalonicenses 2:14; Colossenses 1:27; Hebreus 2:10).

Além disso, como co-herdeiros com Cristo, receberemos domínio sobre todas as coisas, incluindo o vasto universo todo—domínio tal como Cristo tem (comparar Romanos 8:17, Hebreus 1:1-3; 2:5-9; Apocalipse 21:7). Para realmente exercer domínio sobre todas as coisas—incluindo as ferozes fusões termonucleares de 50 bilhões de trilhões de sóis, e de cada partícula subatômica de cada átomo de cada molécula na expansão cósmica—*requer o poder onipotente de Deus*.

E o que dizer de nossas mentes? Como seres humanos, não poderíamos contar todas as estrelas do universo, a um por segundo, num trilhão de vidas. Mas Deus, como observa uma passagem, diz que Ele conhece todas as estrelas pelo nome (Salmo 147:4). Incrivelmente, Paulo afirma: “Agora, conheço em parte, mas, então, *conhecerei como também sou conhecido* [isto é, por Deus]” (1 Coríntios 13:12), mostrando que vamos possuir a onisciência de Deus. E por que não, pois teremos o Espírito Santo, a mente de Deus, em cheio!

Considere o seguinte: os seres humanos convertidos possuirão um dia a natureza divina, a glória divina, e poder completo sobre a criação, compartilhando o conhecimento infinito de Deus. *Tudo isto requer nada menos do que divindade!*

Na verdade, nessa ocasião, como Jesus, finalmente vamos ser “*cheios de toda a plenitude de Deus*” (Efésios 3:19; comparar Colossenses 1:19; 2:9). Como alguém pode ser “cheio de toda a plenitude de Deus” e ser *menos* que o que Deus é? Portanto, na nossa transformação final, também *seremos divi-*

nos—embora o Pai e Cristo sempre serão maiores do que nós em autoridade e majestade.

A doutrina da deificação

Esta verdade bíblica certamente será um choque para aqueles que sempre tiveram a visão tradicional do Cristianismo dominante em relação à recompensa final dos justos. No entanto, aqueles que talvez sejam rápidos em atacar este ensinamento podem ficar ainda mais surpreendidos ao saber que muitos dos primeiros “padres da igreja” da tradição dominante—não muito além dos primeiros ensinamentos apostólicos e antes que a doutrina da trindade se enraizasse—*compreendiam* essa incrível verdade, pelo menos em parte. E referências sobre isso, às vezes, são vistas até hoje.

Observe nos parágrafos 398 e 460 do atual *Catecismo da Igreja Católica* [*Catechism of the Catholic Church*] (1995), as fontes das notas de rodapé estão entre parênteses:

“Criado em um estado de santidade, o homem estava destinado a ser plenamente ‘divinizado’ por Deus na glória [mas pecou] . . .

“O Verbo se fez carne para nos fazer ‘participantes da natureza divina’ [2 Pedro 1:4]: ‘Para isso é que o Verbo se fez homem e o Filho de Deus tornou-se Filho do homem: para que o homem, ao entrar em comunhão com o Verbo e recebesse assim a filiação divina, pudesse se tornar um filho de Deus’ [Irineu (segundo século), *Contra as Heresias* [*Against Heresies*] Livro 3, cap. 19, seção 1].

“‘Porque o Filho de Deus se fez homem *para que nos tornássemos como Deus*’ [Atanásio (quarto século), *Acerca da Encarnação do Verbo* [*On the Incarnation of the Word*], cap. 54, seção 3]. ‘O Filho unigênito de Deus, querendo nos tornar participantes da Sua divindade, assumiu nossa natureza, de modo que, feito homem, *pudesse tornar os homens deuses*’ [Tomás de Aquino (século XIII), *Opusculum* 57, palestras 1-4]” (págs. 112, 128-129, grifo nosso).

Este ensino é ainda mais predominante na tradição ortodoxa oriental, onde é conhecido pelo termo grego *theosis*, que significa “divinização” ou “deificação”. É totalmente diferente do conceito da Nova Era de absorção na consciência universal ou nos vermos agora como inerentemente divinos. Observe a explicação notável do teólogo Tertuliano, escrevendo por volta do ano 200:

“Seria impossível que outro Deus pudesse ser admitido, quando não é permitido a nenhum outro ser possuir algo de Deus. Bem, então, você poderia dizer, nesse caso nós não possuímos mesmo nada de Deus. Mas na verdade possuímos, e continuaremos a possuir. Só que é *dEle* que recebemos isso, e não é de *nós*.

“*Pois, nós ainda seremos deuses*, se merecemos estar entre aqueles de quem Ele declarou: ‘Eu disse: Vocês são deuses’ [Salmos 82:6], e ‘Deus está na congregação dos deuses’ [Salmos 82:1]. Mas isso vem da Sua própria

graça, não de qualquer propriedade em nós. Pois somente Ele é quem *pode nos tornar deuses*” (*Contra Hermógenes* [*Against Hermogenes*], cap. 5, *Pais Anti-Nicenos* [*Ante-Nicene Fathers*], vol. 3, pág. 480, citado em “Deificação do Homem” [Deification of Man], David Bercot, editor, *Um Dicionário de Crenças dos Primeiros Cristãos* [*A Dictionary of Early Christian Beliefs*], 1998, pág. 200).

Na verdade, esta era a visão comumente aceita durante os primeiros séculos cristãos (veja nosso livro gratuito *Qual é o Seu Destino?* para saber mais sobre isso).

Apesar deste entendimento, alguns dos teólogos de data posterior a este período inicial estavam-se desviando para o trinitarianismo em vias de desenvolvimento. No entanto, os teólogos primitivos não demonstraram nenhum indício de ideias trinitárias. Considere esta afirmação notável do bispo Irineu, no segundo século, que foi ensinado quando jovem por um discípulo do apóstolo João: “Não há nenhum outro chamado Deus pelas Escrituras, senão o Pai de todos e o Filho, e aqueles que possuem a adoção [ou seja, a filiação como filhos de Deus]” (*Contra as Heresias* [*Against Heresies*], Livro 4, prefácio).

Então, ao invés de um Deus trinitário em três pessoas—Pai, Filho e Espírito Santo—Irineu proclamou um Deus que inclui o Pai, o Filho e um grande número de outros filhos trazidos para a glória (crentes transformados).

Autores mais recentes também vislumbraram a verdade bíblica sobre o destino do homem. Observe estas palavras notáveis de C.S. Lewis, talvez o escritor cristão mais popular do século passado:

“O mandamento *Sede perfeitos* [Mateus 5:48] não é uma palavra vazia e idealista, nem uma ordem para que o ser humano realize o impossível. Ele vai nos transformar em criaturas capazes de obedecer a esse mandamento. *Na Bíblia, Ele disse que somos “deuses”, e será fiel às suas palavras.*

“Se O deixarmos agir—pois podemos impedi-lo, se quisermos—Ele fará do mais fraco e do maior pecador entre nós um deus ou uma deusa, uma criatura luminosa, radiante e imortal, tomada por uma pulsação tal de energia, alegria, sabedoria e amor que agora somos incapazes de imaginar; um espelho claríssimo e sem mácula que reflete perfeitamente ao próprio Deus (embora, como é óbvio, numa escala menor) o seu poder, sua bondade e sua felicidade infinita. O processo será longo e, às vezes, muito doloroso, mas é nesse processo que entramos—nada menos do que isso. *Ele estava falando sério*” (*Cristianismo Puro e Simples*, Martins Fontes, 2005, págs. 69-70).

O supremo relacionamento familiar

É óbvio, este assunto requer alguns esclarecimentos importantes. O ensino bíblico não é que nós, de alguma forma mística, nos tornamos um ser único com Deus, perdendo a nossa identidade individual. A realidade é que Deus é *uma família*. E assim como os membros individuais de uma família humana são entidades distintas com identidades exclusivas,

assim será na família de Deus.

No entanto, através do Espírito de Deus os membros da família de Deus compartilharão uma união especial de propósito, mente e natureza, que vai muito além da união e identidade comum possível dentro da família humana. Esta união já existe entre Deus Pai e Jesus Cristo. A doutrina da trindade define a união deles em termos de singularidade do ser. Mas isso está claramente errado.

Há de fato um só Deus, mas esse Deus é uma família—com outros membros a serem acrescentados a essa família. O termo *deuses* em referência ao nosso destino é realmente significativo para distinguir a multiplicidade de *seres* em Deus que constituem a única família de Deus. Mais uma vez, existem atualmente dois membros completamente divinos da família de Deus—dois Seres distintos—Deus o Pai e Deus o Filho, Jesus Cristo. E, por incrível que pareça, haverá *mais filhos por vir*.

Como visto anteriormente, Deus declarou: “*Eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas*, diz o SENHOR Todo-poderoso” (2 Coríntios 6:18). *E Ele quer dizer isso mesmo*. O Pai tem a intenção de nos regenerar *como Seus filhos completamente*, para nos transformar exatamente no gênero de seres que Ele e Cristo são agora—seres de glória e majestade tão incríveis a ponto de ser além da nossa limitada compreensão e inteligência humana!

Embora os seres humanos serão realmente elevados a esse incrível nível de existência divina como verdadeiros filhos de Deus e membros plenos da Sua família, mas, é claro, eles nunca serão tão grandes em majestade e autoridade como Deus Pai e Jesus Cristo. O Pai e o Filho não foram criados, são sempiternos, vivendo eternamente ao longo do tempo e sem começo. E há somente *um* Salvador, em cujo nome podemos receber o dom divino da vida eterna (Atos 4:12), estabelecendo-O nessa posição para sempre.

Obviamente, aqueles que entram nessa família como filhos de Deus glorificados e imortais nunca desafiarão, individual ou coletivamente, a preeminência do Pai e de Cristo como líderes dessa família. Verdadeiramente, todos estarão sujeitos a Jesus, exceto o Pai, a quem o próprio Cristo se sujeitará (conforme 1 Coríntios 15:24-28). O Pai e Jesus Cristo vão permanecer no cargo mais alto da família para sempre, reinando supremos, mesmo com o acréscimo de milhares de milhões de filhos divinos.

Então, é *por isso que você e eu nascemos!* É o potencial destino final de toda a humanidade. É o propósito inspirador para o qual fomos criados. Como Jesus citou, prevendo o nosso destino alcançado: “Eu disse: Vocês são *deuses*”. Nosso futuro não pode ficar maior ou melhor do que isso!

Perante esta maravilhosa e abrangente verdade a doutrina da trindade é *desvendada de qualquer inspiração e completamente arruinada!* Infelizmente, as distorções da doutrina trinitária escondem o que Deus revelou sobre a Sua natureza e nosso incrível futuro—distorcendo ou obscurecendo a verdade com erros flagrantes. De fato, a trindade nega a maior verdade que

podemos saber—que Deus é uma família em crescimento da qual podemos ser parte.

Realmente é uma grande tragédia o mundo cristão ter adotado essa gigantesca fraude advinda da religião e filosofia pagãs. Felizmente, a verdade de Deus é clara para aqueles que têm olhos para ver. Apesar de a verdade não ser incompreensível como a trindade, ela nos surpreende—de uma forma muito positiva—pela imensidão e grandeza em seu âmbito de aplicação. Esperamos que você possa agarrar-se ao destino deslumbrante e glorioso que Deus tem prometido em Sua Palavra!

À Semelhança de Deus

Em Gênesis 1:26, Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”—o plural “nós” [em fazemos] e “Nossa” denota tanto Deus, o Pai quanto o Verbo, que viria a nascer na carne como Jesus Cristo (João 1:1-3, 14). O que se entende aqui por ser à *imagem e semelhança* de Deus?

Um fato muito importante é que Deus nos fez semelhantes a Ele em qualidades mentais, tais como o pensamento abstrato, a emoção, a criatividade e o planejamento—e isso é provavelmente o que se pretende dizer aqui em certo grau de sentido figurado. Mas as palavras hebraicas subjacentes utilizadas aqui dizem respeito à *forma e aparência atual*. A palavra *tselem* (“imagem”) tem o sentido de uma estátua, enquanto *demuwth* (“semelhança”) refere-se à semelhança física.

No entanto, como João 4:24 nos diz: “Deus é Espírito”. A palavra grega traduzida como “espírito”

aqui e em outras partes do Novo Testamento é *pneuma*. No Antigo Testamento, a palavra hebraica traduzida como “espírito” é *ruach*.

Ambos os termos também podem significar “sopro” ou “vento”. Porque o vento é amorfo, alguns argumentam que o espírito imaterial não pode ter forma e aspecto. No entanto, em muitos lugares nas Escrituras, Deus e os espíritos angélicos são descritos com uma forma corpórea. Assim, é evidente que o espírito deve ser capaz de ter forma e aspecto—e Deus Pai e Cristo têm a mesma forma e aspecto dos seres humanos que foram moldados dEles em um nível menor, material.

O comparação do “vento” vem do fato de que o espírito é invisível aos olhos humanos, não manifestado fisicamente. Além disso, o espírito pode existir em um estado sem forma, como o Espírito Santo de Deus está em toda parte, preenchendo todo o universo (Jeremias 23:24).

Deus apareceu em forma

humana para algumas pessoas no Antigo Testamento (Gênesis 18; 32:24, 30; Êxodo 24:9-10; Josué 5:13-15). Nessas manifestações, porém, Deus não revelou a Sua glória, plena e brilhante, porque a intensidade teria sido insuportável. Como Deus disse a Moisés: “Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá” (Êxodo 33:20). No entanto, Moisés, protegido pelo poder de Deus, foi autorizado a ver parte de trás da forma radiante de Deus (versículo 23).

Algumas visões sobrenaturais nas Escrituras nos permitem vislumbrar a aparência impressionante de Deus em Seu esplendor supremo. O profeta Ezequiel registrou o que viu:

“*Havia uma semelhança de trono como de uma safira; e, sobre a semelhança do trono, havia como que a semelhança de um homem, no alto, sobre ele. E vi como a cor de âmbar, como o aspecto do fogo pelo interior dele, desde a semelhança dos seus lombos e daí para cima; e, desde a semelhança dos seus lombos e daí para baixo, vi como a semelhança de fogo e um resplendor ao redor dele. Como o aspecto do arco que aparece na nuvem no dia da chuva, assim era o aspecto do resplendor em redor. Este era o aspecto da semelhança da glória do SENHOR*” (Ezequiel 1:26-28).

O Deus que apareceu no Antigo Testamento não era o Deus Pai, já que João 1:18 disse que “Deus

nunca foi visto por alguém” e Jesus disse: “Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes o seu parecer” (João 5:37). Em vez disso, quem aparecia era Jesus Cristo antes de Sua vida humana. Certamente, o Pai e Cristo possuem, em comum, a mesma imagem e semelhança.

No livro de Apocalipse, no Novo Testamento, o apóstolo João viu a Jesus Cristo glorificado como “alguém semelhante a um filho de homem, com uma veste que chegava aos seus pés e um cinturão de ouro ao redor do peito. Sua cabeça e seus cabelos eram brancos como a lã, tão brancos quanto a neve, e seus olhos eram como chama de fogo. Seus pés eram como o bronze numa fornalha ardente e sua voz como o som de muitas águas . . . Sua face era como o sol quando brilha em todo o seu fulgor” (1:13-16, NVI).

Esta é uma descrição limitada da semelhança de Deus a qual os seres humanos também terão integralmente quando forem glorificados na ressurreição para a vida eterna—quando “aqueles que são sábios reluzirão como o fulgor do céu, e aqueles que conduzem muitos à justiça serão como as estrelas, para todo o sempre” (Daniel 12:2-3, NVI). Este é o futuro que Deus tem planejado para você—*seu* destino, se você aceitá-lo plenamente com um coração obediente e permanecer como um discípulo dedicado e fiel a Deus e a seus ensinamentos como revelado nas Sagradas Escrituras!

Há Versículos que Negam a Família Divina?

Como este livro explica, a Bíblia revela que o único Deus é uma família, hoje composta de Deus, o Pai e de Deus, o Filho, Jesus Cristo. E Deus está no processo de acrescentar à essa família divina multidões de outros—no devido tempo, todos os seres humanos que estão dispostos e que fielmente optem por seguir o caminho de Deus.

No entanto, existem algumas passagens das Escrituras que, à primeira vista, parecem negar qualquer pluralidade na Divindade. Os unitários apegam-se a esses versículos como argumento de que Jesus não pode ser Deus, juntamente com o Pai, enquanto muitos trinitários usam-nos para negar o destino do homem de se tornar parte da família de Deus.

Em Deuteronômio 32:39 Deus afirma: “Vede, agora, que eu, eu o sou, e mais nenhum Deus comigo”. Em Isaías 45:5, Ele diz: “Eu sou o SENHOR, e não há outro; fora de mim, não há Deus”. E Isaías 44:6 nos diz: “Assim diz o SENHOR, Rei de Israel e seu Redentor, o SENHOR dos Exércitos: Eu sou o primeiro e eu sou o último, e fora de mim não há Deus”.

Então, ambos, o Pai e Cristo, podem ser Deus à luz desses versículos? Sim, podem. De acordo com várias passagens no Novo

Testamento, aquele que disse estas palavras foi o Único que se tornou Jesus Cristo. De fato, Jesus refere-se a Si mesmo como o Primeiro e o Último, no livro de Apocalipse (1:8, 11 [ACF], 17; 2:8; 22:13). No entanto, o Pai não seria outro Deus além dEle? Não—o Pai não é um outro Deus. Pelo contrário, o Pai e Jesus Cristo são *ambos* Deus. Mas como assim?

Os trinitários diriam que isso é porque o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um ser trino. Mas a verdadeira explicação é que o único Deus é a única *família* Deus. Na verdade, a palavra hebraica para “Deus” nestes versículos é o plural *Elohim* (ver “Elohim: A Pluralidade de Deus” na página 62). Ao mesmo tempo essa família unificada tem a Cristo como porta-voz divina falando com a voz singular, em nome do Pai.

A verdadeira mensagem nessas declarações é que não há outro Deus além do Deus verdadeiro—isto é, fora da família Deus, que atualmente consiste de dois seres divinos, o Pai e o Filho. Em suma, apenas a família Deus é Deus. Isso ainda permite o acréscimo de outros na família divina—uma verdade enunciada nas Escrituras, como explicado neste capítulo.

Mas o que dizer dos versículos a seguir? Em Isaías 42:8 Deus

diz: “Eu sou o SENHOR; este é o meu nome; a minha glória, pois, a outrem não darei, nem o meu louvor, às imagens de escultura”. Isso significa que os seres humanos não podem receber a glória divina? Outras passagens revelam que Deus deseja compartilhar Sua glória divina com Seus filhos, que serão transformados à Sua imagem. Então, o que isso quer dizer aqui? Indica que, paralelamente, Deus não divide elogios com os ídolos. Devemos entender que Ele, da mesma forma, não compartilha a Sua glória. Deus não divide a glória divina com nenhuns falsos deuses. Em vez disso, a verdadeira glória de Deus é reservada exclusivamente para o verdadeiro Deus—mas, de novo, o Deus verdadeiro significa a família Deus, onde outros ainda serão adicionados.

E, finalmente, Deus diz em Isaías 43:10: “antes de mim Deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá”. E, é claro, Deus não poderia ser formado nem antes nem depois de Deus—pois *não há tempo*, como antes ou depois de Deus, pois Ele é eterno. O ponto aqui é que Deus sempre foi e sempre será Deus. Ele nunca será substituído. E aqueles que são adicionados à família não são deuses surgidos à parte, mas gerados do Pai sendo como Seu próprios filhos—tornando-se parte da família Deus, com o Pai e Cristo.

Assim, nenhum destes versículos contradizem a verdade bíblica de que Deus é uma família—atualmente com dois membros divinos, o Pai e Jesus Cristo, e muitos outros mais ainda serão adicionados.

A Família de Deus

A Escritura afirma claramente que há apenas um Deus (Isaías 46:9; Malaquias 2:10, Romanos 3:30, Tiago 2:19). No entanto, é evidente que o único Deus é composto por mais de um Ser existindo juntos como uma família divina (comparar Efésios 3:14-15), dos quais a família humana é um tipo físico ou modelo.

A palavra hebraica traduzida como “Deus” em todo o Antigo Testamento é *Elohim*, um substan-

tivo plural apontando para mais de um Ser Todo-Poderoso—essencialmente “Deuses”. No entanto, normalmente é singular no uso *quando se refere ao verdadeiro Deus de Israel*, sendo ligada nesses casos a verbos e adjetivos no singular. Onde tais passagens são citadas no Novo Testamento, a palavra grega usada para traduzir o termo é o singular *Theos*, que significa Deus.

Para usar um exemplo mencio-

nado anteriormente, temos um substantivo plural em forma, mas singular, no uso—o nome nacional dos Estados Unidos. Embora a forma plural represente uma verdadeira pluralidade de Estados, o uso singular mostra os Estados constituintes formando uma unidade. Onde podemos ler a seguinte frase com o verbo no singular, “O Estados Unidos *vai* intervir,” e não se lê no plural “Os Estados Unidos *vão* intervir”.

Assim, há um Estados Unidos formado por uma pluralidade de Estados que estão unidos como

que fala e age em nome do Pai (comparar João 8:26-28; 12:49-50; 14:10). Inúmeras passagens se referem a Jesus Cristo como Deus (Isaías 9:6, João 20:27-28, 1 Timóteo 3:16, Tito 2:13, Hebreus 1:8-9).

O aspecto plural de Deus é muitas vezes tomado como evidência para apoiar a doutrina da trindade, quando afirmam que Deus é três pessoas distintas (Pai, Filho e Espírito Santo) em um único ser. No entanto, essa ideia contraria a razão e a lógica.

O mais importante é entender que essa doutrina não é bíblica.

Apresentando Deus como três pessoas divinas que são simultaneamente um, e como um grupo fechado de três, esse ensinamento cega as pessoas para a verdade da Bíblia, de que Deus é uma família—uma família em que muitos outros têm a oportunidade de entrar!

uma única nação. Da mesma forma, há um só Deus composto por mais de um Ser divino. De fato, em dois lugares nos é dito isso no livro de Gênesis, ao invés de usar os pronomes singulares “Eu” [faço] ou “Minha” [imagem e semelhança], Deus usa os pronomes plurais “Nós” [façamos] ou “Nossa” [imagem e semelhança] (1:26; 3:22). O Novo Testamento revela dois Seres como Deus—Deus, o Pai e o Verbo, Aquele que se tornou Jesus Cristo (João 1:1-3, 14).

O título de Cristo, o *Verbo*, se refere à Sua posição como Aquele

Novamente, Deus—isto é, a família Deus—hoje compreende Deus, o Pai e Deus, o Filho, Jesus Cristo. O Espírito Santo nunca é citado na Escritura como uma terceira pessoa, sendo Deus. Por exemplo, o apóstolo Paulo diz que devemos aspirar a compreender o “mistério de Deus e Pai, e de Cristo, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (Colossenses 2:2-3, ACF). Não há menção aqui do Espírito Santo.

A Escritura mostra que o Espírito Santo não é uma pessoa, mas

sim o poder, a mente, e a essência compartilhada e vida de Deus (comparar Lucas 24:49, Atos 1:8, Romanos 15:13, Romanos 8:27, 1 Coríntios 2:16; João 4:24; 5:26; 6:63).

Além disso, ao contrário da visão trinitária de que o Pai e o Filho são co-iguais em autoridade (juntamente com o Espírito Santo), Jesus Cristo não apenas disse: “Meu Pai... é maior do que *todos*” (João 10:29), como também disse: “O Pai é maior do que *eu*” (João 14:28, ver também 1 Coríntios 11:3; 15:27-28).

A doutrina da trindade tem feito muito para obscurecer a verdade clara das Escrituras de que Deus é uma família. Deus é o nome do Pai, e Deus também é o nome do Filho—bem como de Ambos juntos. Além disso, Deus quer que este nome da família também seja o nome de outros filhos, pelos quais Ele está envolvido no processo para trazê-los à glória, como o restante deste livro explica (Efésios 3:14-15, Hebreus 2:10).

Irineu, um bispo do segundo século, estava certo quando observou: “Não há outro chamado de Deus pelas Escrituras, senão o Pai de todos, e o Filho, e aqueles que possuem a adoção [ou seja, a filiação como filhos de Deus]” (*Contra as Heresias*, Livro 4, prefácio; comparar Livro 3, cap. 6). Perceba que não há nenhum indício aqui de uma fórmula trinitária neste primeiro período de tempo. Essa doutrina só foi formulada muito tempo depois.

Lamentavelmente, por séculos,

desde que foi introduzida, a doutrina da trindade tem enganado milhões de pessoas sobre quem e o que realmente é Deus. Apresentando Deus como três pessoas divinas que são simultaneamente um, e como um grupo fechado de três, esse ensinamento cega as pessoas para a verdade da Bíblia, de que *Deus é uma família*—uma família em que muitos outros têm a oportunidade de entrar!

Novamente, essa família hoje é constituída por dois seres divinos, o Pai e Cristo, mas aguardando outros que virão, que também terão o nome da família. De fato, a família humana, foi concebida como um pequeno modelo ou tipo dessa grande realidade espiritual. O casamento é outro aspecto disso, pois é intenção de Deus que aqueles que sejam adicionados à Sua família, entrem numa relação divina pelo casamento com Jesus Cristo. A aliança humana do casamento é modelada de acordo com a maior aliança do casamento com Cristo, uma relação ao nível de Deus (comparar Efésios 5:22-23; Apocalipse 19:7-9).

Para saber mais sobre o que a Bíblia tem a dizer sobre estas questões, não se esqueça de baixar ou solicitar os nossos livros gratuitos *Jesus Cristo: A Verdadeira História, Quem é Deus? e Casamento e Família: A Dimensão Perdida*.



ENDEREÇOS POSTAIS

Estados Unidos da América:

(Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)

Igreja de Deus Unida
P O Box 541027
Cincinnati, OH, 45254-1027
Telefone: +1 (513) 576 9796

Inglaterra:

United Church of God
P O Box 705
Watford,
Herts WD19 6FZ
Telefone: +44 (0)20-8386-8467

Brasil:

Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 2027
Uberlândia – MG,
CEP 38400-983
Telefone: +1 (513) 576 9796

Internet:

<http://portugues.ucg.org>
www.ucg.org
<http://www.ucg.org/beyond-today>

e-mail: info@ucg.org

Autores: Scott Ashley, Tom Robinson, John Ross Schroeder

Revisores editoriais: Gary Antion, Bob Berendt,
Bill Bradford, Aaron Dean, Bill Eddington, John Elliott,
Roger Foster, Roy Holladay, Paul Kieffer, Victor Kubik,
Darris McNeely, Melvin Rhodes, Mario Seiglie,
Robin Webber, Donald Ward

Capa: Shaun Venish/Wiki Commons

Artista de layout em Português: Michelle Vautour

Tradutor: Giovane Macedo

Revisor da tradução: Jorge Manuel de Campos

Para Saber Mais . . .

Quem Somos: Esta literatura é distribuída gratuitamente pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, que tem ministros e congregações em muitas partes do mundo.

Nossas raízes remontam à Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é a de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus em todo o mundo, como um testemunho, e também ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Gratuidade: Jesus Cristo disse: “de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8). A Igreja de Deus Unida oferece esta e outras publicações gratuitamente, como um serviço educacional de interesse público. Nós o convidamos a solicitar sua inscrição gratuita da revista A Boa Nova e a inscrever-se em nosso Curso Bíblico, composto de doze lições, que também é gratuito.

Somos gratos pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja e doutros colaboradores que, voluntariamente, contribuem para apoiar esta obra. Nós não solicitamos fundos ao público em geral. No entanto, são bem-vindas as contribuições para ajudar-nos compartilhar esta mensagem de esperança com outros. Detalhes bancários para depositar seus dízimos ou ofertas estão na contra-capas da revista A Boa Nova. Nossa contabilidade é auditada anualmente por uma firma independente de auditoria.

Aconselhamento pessoal: Jesus ordenou aos seus seguidores a apascentar Suas ovelhas (João 21:15-17). Para cumprimento dessa instrução, a Igreja de Deus Unida tem congregações ao redor do mundo, onde os crentes reúnem-se para receberem o ensinamento das Escrituras e para se confraternizarem.

A Igreja de Deus Unida empenha-se em entender e praticar o cristianismo do Novo Testamento. Desejamos compartilhar o caminho de vida de Deus com aqueles que, fervorosamente, buscam adorar e seguir o nosso Salvador, Jesus Cristo.

Os nossos ministros estão disponíveis para aconselhamento, para responder a questões e dúvidas sobre a Bíblia. Caso deseje contatar um ministro, ou visitar uma de nossas congregações, sintase à vontade para entrar em contato o nosso escritório mais próximo.

Informação adicional: Visite o nosso site <http://portugues.ucg.org> para solicitar ou baixar os nossos guias de estudo Bíblicos ou a revista A Boa Nova. Se desejar corresponder-se conosco em português, por favor envie um e-mail para info@ucg.org ou escreva a um dos endereços listados neste guia de estudo Bíblico.